

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Casar, verbo (in)transitivo: bem-estar subjetivo, conjugalidade e satisfação conjugal na
perspectiva da Psicologia Positiva

Fabio Scorsolini-Comin

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do
Departamento de Psicologia e Educação da
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto da USP.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Casar, verbo (in)transitivo: bem-estar subjetivo, conjugalidade e satisfação conjugal na
perspectiva da Psicologia Positiva

Fabio Scorsolini-Comin

Orientador: Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, do
Departamento de Psicologia e Educação da
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Ribeirão Preto da USP.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2009

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Scorsolini-Comin, Fabio

Casar, verbo (in)transitivo: bem-estar subjetivo, conjugalidade e satisfação conjugal na perspectiva da Psicologia Positiva. Ribeirão Preto, 2009.

179 p.: il.; 30 cm

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Santos, Manoel Antônio dos.

1. Bem-estar subjetivo. 2. Conjugalidade. 3. Satisfação conjugal. 4. Psicologia Positiva. 5. Relações conjugais.



FOLHA DE APROVAÇÃO

Fabio Scorsolini-Comin

Casar, verbo (in)transitivo: bem-estar subjetivo, conjugalidade e satisfação conjugal na perspectiva da Psicologia Positiva

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Psicologia.

Aprovado em: ____ de _____ de 2009.

Banca examinadora

Nome: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

Nome: _____

Instituição: _____

Assinatura: _____

*Dedico este trabalho à minha mãe Ilza, que deixou
que todos os seus livros morassem no meu quarto.*

*À minha avó Ana, pelo cheiro de saudade (e de
amor) que deixou em mim pra sempre.*

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos, o Manolo, pela orientação preciosista. Pelos incentivos, minúcias, cuidados e pela forma com que me acolheu neste trabalho. Pelas conversas sobre poesia, por lapidar minha escrita, por ser continente com minhas inseguranças e ansiedades. Como não tenho um verso para agradecê-lo, vou usar as suas próprias palavras no conto “As fomes de domingo”: “(...) *De repente o cheiro adocicado de jasmim invade a sala. Semente nua no canteiro. Senti um arrepio. E as asas começaram a crescer*”. Foi assim que sempre me orientou: fazendo-me crescer. E por isso lhe serei sempre grato.

À memória da Profa. Dra. Zélia Maria Mendes Biasoli-Alves, por ter iniciado comigo este trabalho e ter me conferido o título de psicólogo. Tenho certeza que continua comigo nesta jornada.

Às professoras Terezinha Féres-Carneiro e Silvia Helena Koller pela leitura atenta do meu trabalho, pela disponibilidade, simplicidade, co-autoria e pelas preciosas contribuições em meu exame de qualificação. Conhecer-las foi uma das maiores conquistas deste mestrado, com certeza.

Aos meus pais, Ilza e Antonio, pela educação carregada de afetos positivos, pelo carinho e pela torcida em todos os meus passos. Ao meu irmão Felipe, minha cunhada Cláudia e meus sobrinhos Guilherme e João, pelo cheiro de família e pelo sentido de continuidade. Lurdinha, Sinval, Giovana e Lúcio, meus padrinhos queridos, obrigado pelo exemplo e apoio.

Ao Leandro, por conjugar comigo todos os verbos deste trabalho. Pelo amor, companheirismo, alegria e respeito com que me ensina a viver todos os dias. À Glacê, pelo exercício da paternidade e pelas lambidas de bom dia.

Aos amigos de todos os momentos: Geisa (*Doce, obrigado por comemorar comigo todas as nossas conquistas, sabores, sonhos e pelo modo como ilumina meu viver! E a sua mãe Edna, pela paz e amor nesta jornada!*), Elaine (*Rainha, obrigado pelos tantos colos!*), Fernanda (*Amore, você sempre foi meu exemplo!*), Gabriel (*Presente mais do que presente!*), Aninha (*Neném, você mudou minha vida!*), Ju (*Bizzuca, você devia nascer todos os anos!*), Cíntia (*Pela bossa-nova e pelos olhos nos olhos...*), Angelita (*Pela inspiração mais do que necessária ao viver!*), Tatica (*Pela arte sempre pulsante!*) e Erictha (*Pela poesia nossa de cada dia: você é o meu livro de cabeceira!*). Obrigado a todos pelos abraços, carinhos e risos. Amo vocês a perder de vista!

Aos amigos sempre presentes, de perto ou a distância: Cassio, Clarissa (Clá), Daisynha, Dre, Gi, Ju Lopes, Lucas, Tati e Vivian. Saudades de vocês todos os dias!

Bosco, Dan-Dan, Dessa, Diego, Eduardo, Fefê, Fon-Fon, Gabi Morena, Gabi Jambo, José Antonio, Ju Blush, Marjory, Marlon e Pedro, obrigado pelo apoio, torcida, escuta e aprendizado em cada um de nossos encontros. Vocês gestaram comigo este trabalho. Todo o meu carinho!

David, Ju e Paulo, pela confiança, incentivo e entusiasmo com que sempre me orientaram e por serem exemplos de profissionais e de amigos. Agradeço pela oportunidade de crescimento, amadurecimento e por tudo o que me ensinaram e que ainda vão me ensinar, com certeza. Ana Kazan, obrigado pelo carinho e sabedoria.

Marina, obrigado pelos resúmenes, abstracts e inúmeras ajudas (informações, roteiros, cultura e possibilidades de voos – todos eles). Lívia, por tudo que me ensinou no fazer de pesquisador, minha pequena nipônica. Fer Marian, pelas conversas que valem por uma vida! Delmíssima, pela companhia na pós. Laura, pela parceria nos artigos e conversas sempre produtivas. Kaoê, pela receptividade e amizade.

Ao Roberto Molina e aos professores doutores Evandro Marcos Seidel Ribeiro e Cláudia Benedita dos Santos, pela ajuda com a (in)exata estatística. Obrigado pela paciência.

Às professoras Katia de Souza Amorim, Lucy Leal Melo-Silva, Sônia Valle Walter Borges Oliveira, Soraya Maria Romano Pacífico e ao professor Alberto Borges Matias pelo exemplo profissional, pelo amor à pesquisa e pelo acolhimento de sempre.

Aos professores Juan Mosquera, Klaus Stobaus e Anne Marie Fontaine pela interlocução em Portugal e por todo o carinho com que me receberam *de e além-mar*.

À Isilda, Érika e Robson, pela ajuda nos bastidores da pós-graduação. Imprescindíveis!

Aos amigos do curso de Pedagogia da USP: Adriana, Carol, Christopher, Gabi, Gi, Lídia, Luciana e Stella, pela companhia e bom humor de todas as noites.

Às amigas de Orlândia: Pri Reis, Fernanda, Priscilinha, Dine e Roberta, por fazerem parte da minha vida.

Aos participantes desta pesquisa, por mostrarem os caminhos possíveis e pela abertura em compartilhar suas vidas.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento do mestrado.

À Adélia Prado, pelo amor que sinto quando a leio. À Clarice Lispector, por dar nome a tudo que sinto. À Maria Bethânia, por colocar na voz essas tantas coisas.

Àqueles que se fizeram presentes neste percurso e conjugaram comigo este sonho, muito obrigado. Desejo a todos o mesmo sorriso incontido, as pernas bambas e o frio na espinha que sinto cada vez que o amor vem me buscar. Foi isso que aconteceu aqui.

Nas palavras de Adélia Prado, “Não há como escapar à fome da alegria!”. Que possamos, cada um, *cada nós*, buscá-la segundo a segundo.

Carlos esses três dias viveu? Eu não sei se alcançar a felicidade máxima, extasiar-se aí, e sentir que ela, apesar de superlativa, inda cresce, e reparar que inda pode crescer mais... isso é viver? A felicidade é tão oposta à vida que, estando nela, a gente esquece que vive.

(MÁRIO DE ANDRADE. Amar, verbo intransitivo, 1993)

RESUMO

SCORSOLINI-COMIN, F. **Casar, verbo (in)transitivo**: bem-estar subjetivo, conjugalidade e satisfação conjugal na perspectiva da Psicologia Positiva. 2009. 179 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

Este estudo descritivo, transversal e correlacional teve por objetivo investigar as relações existentes entre os domínios dos construtos bem-estar subjetivo, conjugalidade e satisfação conjugal. Assumindo como referencial teórico a Psicologia Positiva, foram analisados os possíveis paralelos existentes entre o modo como a pessoa percebe a sua vida em termos individuais e o modo como apreende seu relacionamento afetivo, tendo como premissa que a afetividade é parte constituinte da vida do indivíduo. A amostra foi composta por 106 participantes (53 casais heterossexuais), com ou sem filhos, com idade média de 42 ± 11 anos e casados há $16,11 \pm 11,35$ anos. A renda *per capita* dos participantes foi de $5,03 \pm 3,63$ salários. Em relação ao grau de instrução dos participantes, a maioria (66,98%) possui nível superior. Os instrumentos utilizados foram: Questionário Sociodemográfico; Escala Abipeme, para classificação socioeconômica; Escala de Bem-estar Subjetivo – EBES; Dyadic Adjustment Scale – DAS; e Escala de Satisfação Conjugal. Na análise dos dados, foram utilizados o teste não-paramétrico para amostras independentes de Kruskal-Wallis, o coeficiente de Spearman e a análise de regressão múltipla *stepwise*. Os afetos positivos mantêm uma relação de dependência com a coesão e o consenso diádicos, com a expressão do afeto e com a interação conjugal. Os afetos negativos ampliam essas relações, abarcando também os aspectos emocionais do cônjuge e os aspectos estruturais do casamento. A satisfação com a vida, no entanto, parece estar correlacionada de modo significativo apenas com a satisfação diádica. Todos os domínios da satisfação conjugal (aspectos emocionais do cônjuge, aspectos estruturais do casamento e interação conjugal) estão correlacionados aos domínios da conjugalidade (consenso diádico, expressão do afeto, coesão diádica e satisfação diádica). No entanto, quando analisamos as correlações a partir dos fatores gerais de cada construto, observamos que o bem-estar subjetivo (fator geral) não está correlacionado à conjugalidade ($r=0,02$) nem à satisfação conjugal ($r=0,08$). Em contrapartida, a conjugalidade (fator geral) está fortemente correlacionada à satisfação conjugal (fator geral) ($r=-0,60$). Com base nesses resultados, pode-se concluir que tais domínios adaptativos e favoráveis ao estabelecimento de vínculos e à manutenção dos relacionamentos estão correlacionados ao que é percebido pelos cônjuges como satisfação. Compreende-se que, na contemporaneidade, os padrões de conjugalidade devem estar abertos à transformação não apenas dos hábitos e costumes, dos modos de vinculação e dos fatores que contribuem para que um casal permaneça junto e experimente sentimentos de prazer e satisfação, mas também das pessoas e daquilo que as mesmas concebem ou avaliam como satisfação e bem-estar. Assim, não se deve apenas investigar as transformações da conjugalidade ou da intimidade, mas as transformações da própria percepção subjetiva de felicidade e bem-estar, quer no casamento ou não. (FAPESP).

Palavras-chave: Bem-estar subjetivo; Conjugalidade; Satisfação conjugal; Psicologia Positiva; Relações conjugais.

ABSTRACT

SCORSOLINI-COMIN, F. **To marry, (in)transitive verb**: subjective well-being, conjugality and marital satisfaction in the perspective of Positive Psychology. 2009. 179 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

From the perspective of Positive Psychology, the objective was to investigate the correlations between the dimensions of the constructs subjective well-being, conjugality and marital satisfaction. From this, it was intended to evaluate the possible existing parallels between the way as the person perceives your life in individual terms and the way as he apprehends your affective relationship, a time that the affectivity is constituent part of the life of the individual. The sample was composed for 106 participants (53 couples), with or without children, with average age of 42 ± 11 years and married for 16.11 ± 11.35 years on average. The *per capita* income of the participants was of 5.03 ± 3.63 wages. In relation to the instruction degree of the participants, the majority (66.98%) has superior level. The used instruments had been: Identification questionnaire of the participant; Abipeme Scale; Subjective Well-Being Scale; Dyadic Adjustment Scale – DAS; Marital Satisfaction Scale. The not-parametric test for independent samples of Kruskal-Wallis was used. For the correlations, the Spearman's coefficient was used and the stepwise regression. The positive affection seems to keep a relation of dependence with the dyadic cohesion and the consensus, with the expression of the affection and the marital interaction. The negative affection extends these relations, also accumulating the emotional aspects of the spouse and the structural aspects of the marriage. The satisfaction with the life, however, seems to be correlated in a significant way only with the dyadic satisfaction. All the dimensions of the conjugal satisfaction (emotional aspects of the spouse, structural aspects of the marriage and marital interaction) are correlated to the dimensions of the conjugality (dyadic consensus, expression of the affection, dyadic cohesion and dyadic satisfaction). However, when we analyze the correlations from the general factors of each construct, we observe that subjective well-being (general factor) is not correlated to the conjugality ($r=0,02$) and nor to the marital satisfaction ($r=0,08$). On the other hand, the conjugalidade (general factor) is strongly correlated to the conjugal satisfaction (general factor) ($r=-0,60$). For the results of this work, it can be said that such dimensions adaptatives and favorable to the establishment of bonds and the maintenance of the same ones are correlated what it is perceived by the spouses as satisfaction. We understand that the conjugality standards must be open to the transformation not only of the customs, the forms of entailing and the factors that make with that a couple remains together and tries feelings of pleasure and satisfaction, but also of the people and what the same ones conceive or evaluate as satisfaction and well-being. Thus, we do not have to speak only in transformations of the conjugality or the privacy, but transformations of the proper subjective perception of happiness and well-being, whether in the marriage or not. (FAPESP).

Key words: Subjective well being; Conjugality; Marital satisfaction; Positive psychology; Marital relationships.

RÉSUMÉ

SCORSOLINI-COMIN, F. **Marier, verbe (in)transitif: bien-être subjectif, conjugalité et satisfaction conjugale dans la perspective de la Psychologie Positive.** 2009. 179 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

Dans la perspective de la Psychologie Positive, l'objectif a été enquêter les corrélations existants entre les domaines des notions bien-être subjectif, conjugalité et satisfaction conjugale. Ont été analysés les possibles parallèles existants entre la manière comme la personne perçoit sa vie dans des termes individuels et la manière comme il appréhende ses relations affectives, vu que l'affectivité est partie constitutive de la vie de la personne. L'échantillon comprenait 106 participants (53 couples), avec ou sans enfants, âge moyen de 42 ± 11 ans et marié à $16,11 \pm 11,35$ ans. Le revenu par habitant des participants a été de $5,03 \pm 3,63$ salaires. Concernant le degré d'instruction des participants, la majorité (66.98%) possède niveau supérieur. Les instruments utilisés ont été: Questionnaire d'identification; Échelle Abipeme; Échelle de Bien-être subjectif – EBES; Dyadic Adjustment Scale – DAS; et Échelle de Satisfaction Conjugale. A été utilisé l'essai non paramétrique pour des échantillons indépendants de Kruskal-Wallis. Pour les corrélations, a été utilisé le coefficient de Spearman et le stepwise regression. Les affections positives semblent maintenir une relation de dépendance avec la cohésion et le consensus dyadiques, avec l'expression de l'affection et avec l'interaction conjugale. Les affections négatives élargissent ces relations, en embrassant aussi les aspects émotionnels du conjoint et les aspects structurels du mariage. La satisfaction avec la vie, cependant, semble être corrélée de manière significative seulement avec la satisfaction dyadique. Tous les domaines de la satisfaction conjugale (aspects émotionnels du conjoint, aspects structurels du mariage et interaction conjugale) sont corrélés aux domaines de la conjugalité (consensus dyadique, expression de l'affection, cohésion dyadique et satisfaction dyadique). Cependant, quand nous analysons les corrélations à partir des facteurs généraux de chaque notion, nous observons que le bien-être subjectif (facteur général) n'est pas corrélé à la conjugalité ($r=0,02$) et ni à la satisfaction conjugale ($r=0,08$). En contrepartie, la conjugalité (facteur général) fortement est corrélée à la satisfaction conjugale (facteur général) ($r=-0,60$). Par les résultats de ce travail, nous pouvons dire que tels domaines adaptatifs et favorables à l'établissement de liens et à la manutention des relations sont corrélés à ce qui est perçu par les conjoints comme satisfaction. Nous comprenons que, dans contemporain, les modèles de conjugalité doivent être ouvertes à la transformation non seulement des habitudes, des modes de fixation et des facteurs qui contribuent qu'un couple reste ensemble et essaie des sentiments de plaisir et satisfaction, mais aussi des personnes et ce qu'ils mêmes conçoivent ou évaluent comme satisfaction et bien-être. Ainsi, nous ne devrions pas seulement examiner les transformations de la conjugalité ou de l'intimité, mais les changements de la perception subjective du bonheur et bien-être, soit dans le mariage ou non. (FAPESP).

Mots-clé: Bien-être subjectif; Conjugalité; Satisfaction conjugale; Psychologie Positive; Relations conjugales.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Caracterização do perfil da amostra, em termos de idade, número de filhos, classificação socioeconômica e grau de instrução/nível de escolaridade dos participantes por sexo (N=106)	71
Tabela 2. Matriz de correlação e <i>p-values</i> independente de sexo	86
Tabela 3. Matriz de correlação e <i>p-values</i> independente de sexo	87
Tabela 4. Comparações para as distribuições dos domínios segundo as variáveis explicativas	87
Tabela 5. Resultados do modelo de regressão ajustado utilizando o método de seleção de variáveis <i>Stepwise</i>	88

LISTA DE GRÁFICOS

Figura 1. Correlação entre afetos positivos e afetos negativos (N=106)	89
Figura 2. Correlação entre afetos positivos e satisfação com a vida (N=106)	90
Figura 3. Correlação entre afetos positivos e consenso (N=106)	92
Figura 4. Correlações entre afetos positivos e coesão e entre afetos positivos e expressão do afeto (N=106)	93
Figura 5. Correlação entre afetos positivos e interação conjugal (N=106)	95
Figura 6. Correlação entre afetos positivos e idade (N=106)	96
Figura 7: Correlação entre os afetos negativos e o consenso (N=106)	98
Figura 8. Correlações entre afetos negativos e coesão e entre afetos negativos e a expressão do afeto (N=106)	98
Figura 9. Correlações entre afetos negativos e os domínios da satisfação conjugal (aspectos emocionais, aspectos estruturais e interação conjugal) (N=106)	101
Figura 10. Correlação entre satisfação com a vida e satisfação (N=106)	103
Figura 11. Correlações entre consenso e satisfação, coesão e expressão do afeto (N=106)	106
Figura 12. Correlações entre consenso e os domínios de satisfação conjugal (aspectos estruturais, aspectos emocionais e interação conjugal) (N=106)	107
Figura 13. Correlação entre consenso e satisfação (N=106)	109
Figura 14. Correlações entre a satisfação e os domínios da satisfação conjugal (aspectos emocionais, aspectos estruturais e interação conjugal) (N=106)	111

Figura 15. Correlações entre a coesão e os domínios da satisfação conjugal (aspectos estruturais, aspectos emocionais e interação conjugal) (N=106)	114
Figura 16. Correlações entre a expressão do afeto e os domínios da satisfação conjugal (aspectos estruturais, aspectos emocionais e interação conjugal) (N=106)	116
Figura 17. Correlações entre os aspectos emocionais e os aspectos estruturais e entre os aspectos emocionais e a interação conjugal (N=106)	118
Figura 18. Correlação entre aspectos estruturais e interação conjugal (N=106)	119
Figura 19. Correlação entre conjugalidade (consenso, satisfação, coesão e expressão do afeto) e satisfação conjugal (aspectos emocionais, aspectos estruturais e interação conjugal) (N=106)	124

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	11
RÉSUMÉ	12
INTRODUÇÃO.....	18
Percurso da pesquisa	19
Percurso do tema investigado	21
CAPÍTULO 1 - Felicidade para ontem: a noção de bem-estar subjetivo na pós-modernidade	30
Felicidade medida: mensurando o BES.....	35
Felicidade mediada: BES e suas correlações com outras variáveis.....	38
CAPÍTULO 2 - Um e um são três: investigando a noção de conjugalidade	44
CAPÍTULO 3 - Felizes para sempre: investigando a satisfação conjugal	55
Casamento na medida: mensurando a satisfação conjugal.....	60
Satisfação conjugal na pós-modernidade	63
OBJETIVOS.....	67
MÉTODO	69
Participantes	70
Instrumentos	72
O referencial teórico da Psicologia Positiva.....	77
Cuidados éticos.....	80
RESULTADOS E DISCUSSÃO	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	140
APÊNDICES	159
Apêndice A - Termo de Esclarecimento ao Participante.....	160
Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	162
Apêndice C - Questionário Sociodemográfico.....	164

Apêndice D – Matriz de correlação e <i>p-values</i> independente de sexo	165
Apêndice E – Matriz de correlação e <i>p-values</i> independente de sexo.....	166
Apêndice F – Correlações e <i>p-values</i> por sexo dos domínios investigados em relação ao grau de instrução e à classificação socioeconômica.....	167
Apêndice G – Resultados do modelo de regressão <i>Stepwise</i>	168
ANEXOS	169
Anexo A - Classificação socioeconômica	170
Anexo B - Escala de Bem-estar Subjetivo (EBES)	172
Anexo C - Escala de Ajustamento Diádico	174
Anexo D - Escala de Satisfação Conjugal	177
Anexo E – Aprovação do trabalho no Comitê de Ética.....	178

INTRODUÇÃO

Assim; mas era também o exato, grande, o repentino amor – o acima. (...) E seu coração se levantou.

– *“Você, Maria, quererá, a gente, nós dois, nunca precisar de se separar? Você, comigo, vem e vai?” Disse, e viu. O polvilho, coisa sem fim. Ela tinha respondido:*

– *“Vou, demais.”*

(GUIMARÃES ROSA, 1988, p. 142)

Percursos da pesquisa

Futuro de uma delicadeza.
“– Mamãe, vi um filhote de furacão, mas tão filhotinho
ainda, tão pequeno ainda, que só fazia era rodar bem de
leve umas três folhinhas na esquina...”.
(CLARICE LISPECTOR)

Sempre me indaguei sobre como o amor podia “nascer” nas pessoas e trazer-lhes as mais diversas sensações: descoberta, amadurecimento, dor, saudade, tensão, descompasso e também felicidade. Sempre gostei de ver as pessoas apaixonadas, de estômago leve e com uma bobeira na face, as conversas nem sempre coesas e uma esperança crédula poucas vezes experimentada em outros tipos de sentimentos.

Durante minha pesquisa de iniciação científica, trabalhei com famílias, entendendo como casais vivenciavam o matrimônio e a educação de filhos pequenos. A partir desse primeiro contato, surgiu a vontade de me aprofundar no estudo do relacionamento do casal. Assim começou o meu desejo de investigar não apenas como as pessoas vivenciavam o amor, mas como este sentimento podia levá-las a uma percepção de felicidade. E daí outras questões foram sendo delineadas: qual o sentido de as pessoas estarem juntas e dividirem as suas vidas? Quais as motivações de uma vida a dois e qual o impacto da mesma para a experiência de cada cônjuge? Qual o papel das individualidades na constituição do casal?

A escolha da perspectiva teórica para o trabalho veio pela orientação da saudosa Profa. Dra. Zélia Maria Mendes Biasoli-Alves. Foi ela quem me apresentou os primeiros estudos da Psicologia Positiva e conseguiu despertar em mim o desejo de investigar os aspectos positivos do psiquismo humano, revertendo um processo já consagrado na Psicologia. Assim, a pergunta deste estudo não é por que as pessoas estão se separando, mas por que elas se unem e desejam estar juntas. Um dos principais

focos da Psicologia Positiva é justamente o estudo da felicidade, o que a causa, o que a possibilita, o que a favorece. Nas conversas iniciais para a escrita do projeto de mestrado com a Profa. Zélia, lembro-me de como ela era uma entusiasta dessa perspectiva. Em algum lugar, este trabalho reflete não é apenas o meu desejo de falar em felicidade, mas também o da Profa. Zélia.

Deste modo, este estudo, mais do que uma investigação científica, está alinhado a muitas das minhas questões pessoais, que receberam os cuidados atentos do Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos, que assumiu a responsabilidade de me orientar e me ajudar a concretizar este caminho.

No contexto do casamento, o encontro de duas pessoas, acima de qualquer ideal romântico, revela a possibilidade (inexata) de encontro de dois desejos, duas vidas, duas histórias que se cruzam em algum momento da existência e devem conviver, escrevendo, a partir daí, uma só história. É para compreender de que modo esse processo ocorre que este trabalho nasceu. É por esta questão emergente que me ponho aqui a compartilhar um pouco da experiência que esses tantos casais me possibilitaram conjugar.

Como conjugar os verbos casar e ser feliz? Quais os complementos requeridos por esses verbos? Necessitariam mesmo de complemento? Ou seriam verbos que não precisariam de objetos, mas que se complementariam na própria vivência do relacionamento afetivo? É buscando as transitividades e também as intransitividades que permeiam esses verbos que a presente pesquisa tomou forma nesses dois anos de mestrado. Para narrar as (in)transitividades desse percurso, apresentarei a seguir o tema investigado e como ele vem sendo construído ao longo do tempo.

Percursos do tema investigado

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
(ADÉLIA PRADO, 1991)

Para Maturana (1998), o amor é uma das maiores fontes de socialização do ser humano, visto que inclui as relações de proximidade, cooperação, respeito e colaboração, ou seja, é um dos fundamentos mais importantes para a vida humana. Como afirmado por Braz (2006), o amor é condição fundamental para o nascimento ontogenético da pessoa. Ele participou e participa ativamente da evolução e estruturação do *self*, pois é capaz de aproximar a pessoa de sua essência, propiciando o desenvolvimento de relações sociais, por exemplo. Nesse sentido, o amor é uma característica própria do ser humano, uma tendência inata da espécie (que se desenvolve a partir de determinados contextos históricos, sociais, econômicos, políticos e afetivos) e um dos responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento de todos nós.

Pensando nesses diferentes contextos, o desenvolvimento científico, tecnológico e social tem alterado substancialmente o modo de viver na modernidade, criando novas necessidades a serem atendidas. As modificações e transições ocorridas atualmente afetam o modo como as pessoas se comportam, percebem-se, trabalham, relacionam-se, estudam, enfim, o modo como elas vivem e julgam seu grau de satisfação com a vida (GIDDENS, 1993; GIDDENS; BECK; LASH, 1997; HADDAD, 2000; BAUMAN, 2004).

A satisfação é uma noção que repercute no modo como a pessoa se coloca no mundo, como ela busca conhecimento e prazer e como ela percebe e avalia a sua própria vida. Segundo as definições de Minayo, Hartz e Buss (2000), a qualidade de vida é uma

noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial.

Como destacado por pesquisas acerca do bem-estar (GRAZIANO, 2005; FIQUER, 2006; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2008a; 2008b, 2009a), a definição do que é felicidade, qualidade de vida e bem-estar é bastante controversa e polissêmica, o que torna complexa a atividade de investigar quaisquer desses conceitos. Muitas vezes, na literatura, esses conceitos são tratados como equivalentes. Embora sejam próximos, guardam especificidades que devem ser pontuadas e aprimoradas.

Para Lipovetsky (2007), em um ensaio filosófico sobre a felicidade na contemporaneidade, o homem contemporâneo viveria sob um estado de desamparo, tornando-se o único responsável por atingir o seu êxito, estando suscetível a medos, frustrações, ansiedades e à produção de novas e efêmeras necessidades de consumo, consumo este que perpassa as aquisições materiais, chegando ao domínio das subjetividades.

É neste contexto que se passa a discutir de que modo tais transformações atingem os relacionamentos afetivos, notadamente o casamento. As transformações sociais levaram ao questionamento do contrato matrimonial clássico (SARTI, 2004; ABOIM, 2006) e geraram profundas mudanças na experiência conjugal, colocando as relações em um âmbito muito diferente do já visto anteriormente na história social do casamento.

Na contemporaneidade, como destacado por Perlin e Diniz (2005), os casais sofrem pressão para manter valores e padrões morais tradicionais, como a efetivação do contrato matrimonial e o exercício da parentalidade, ao passo que o meio familiar é valorizado como o *locus* de realização de todas as expectativas emocionais e pessoais.

O casamento, no paradigma da pós-modernidade, inicialmente deverá ter uma dimensão distanciada do modelo institucional do passado, ou seja, o casamento hoje deve estar ligado a uma noção de mutatividade, transformação, flexibilidade em relação ao novo e diferente, constituindo um espaço de desenvolvimento interpessoal e de criatividade (NEYRAND, 2002; ABOIM, 2006).

Féres-Carneiro (1998a) descreve como o casal contemporâneo é confrontado por duas forças paradoxais, ou seja, pelas tensões entre individualidade e conjugalidade. Para Féres-Carneiro (1998a; 2003), o desafio de um casal reside fundamentalmente no fato de o casamento ou a união ser um palco no qual devem se entrelaçar as individualidades de cada membro, operando-se a construção de um local em comum, ou seja, a conjugalidade (FÉRES-CARNEIRO, 1998a; 1998b) ou absoluto do casal (CAILLÉ, 1991).

A palavra conjugalidade é um galicismo, mas o seu uso tem sido colocado na língua portuguesa para recobrir o espectro das estruturas sociológicas pertinentes a uma vida a dois. Para Féres-Carneiro (1998a), a conjugalidade define-se como dimensão psicológica compartilhada, que possui uma dinâmica inconsciente com leis e funcionamento específicos. A conjugalidade moderna pode ser resumida, segundo a visão sociológica de Heilborn (1995), como um núcleo de trocas afetivo-sexuais com uma não-demarkação de papéis conjugais. Nesta visão, o casal deve concentrar grande número de trocas em si, preservando a autonomia individual e a singularidade que a relação de amizade nesse contexto moral exige.

A construção da ideia de uma conjugalidade na pós-modernidade passa, inequivocamente, pela consideração de como essa conjugalidade é concebida dentro do contexto analisado e dentro do próprio casal. Quais os sentidos construídos sobre este absoluto do casal? Como o casal maneja este espaço comum formado não apenas pela

soma de cada um, mas por uma nova visão acerca da relação estabelecida pelo par, ou seja, por um absoluto transformado em uma dimensão que não abarca mais duas individualidades, mas uma só constituição. Como destacado a seguir:

A noção de conjugalidade, deste modo, a partir da modernidade, passa a pressupor a instauração da intimidade entre os parceiros, colocando-a como condição para uma relação fecunda, fundamentando o ideal de complementaridade entre os parceiros e instrumentalizando a legitimação do “eu” a partir do “nós”. (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 3).

De que modo ocorre essa legitimação ou essa construção conjugal? Como se pode dizer se tal processo é bem sucedido ou não? Como avaliar o êxito nesse processo ou, anteriormente, o que seria o êxito dentro desse contexto? Podemos pensar na satisfação ou na felicidade no estabelecimento desse vínculo? Se a conjugalidade é um espaço constituído pela transformação das identidades dos cônjuges, como o grau de felicidade de cada um pode contribuir para o sucesso do casamento?

Neste sentido, o bem-estar subjetivo (BES) tem sido colocado como o estudo científico da felicidade (DIENER, 2000; SELIGMAN, 2004). Na compreensão dessa noção, é necessário que se remeta às dimensões que integram o ser humano e o constituem, razão porque se focaliza, então, o aspecto afetivo, uma vez que os relacionamentos íntimos são centrais na vida adulta e a qualidade dos mesmos tem implicações na saúde mental, física e vida profissional (ARGYLE, 1999; DIENER; GOHM; SUH; OISHI, 2000; SELIGMAN, 2004; NORGREN et al., 2004; COSTA, 2005; GALINHA, 2008).

Em vista disso, os pesquisadores têm demonstrado interesse crescente em compreender a vida amorosa e conjugal, bem como avaliar a qualidade desses relacionamentos. Esses trabalhos são voltados para o conceito de satisfação conjugal, relacionado a sensações e sentimentos de bem-estar, contentamento, companheirismo, afeição e segurança, intimidade e congruência entre as expectativas e aspirações que os

cônjuges têm, em comparação à realidade vivenciada no casamento. No contexto brasileiro, os estudos sobre conjugalidade e satisfação conjugal ainda se encontram em um processo de amadurecimento, assim como os estudos sobre o BES (DELA COLETA, 1989; ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004; NORGREN et al., 2004; GRAZIANO, 2005; FIQUER, 2006).

Em estudos sobre terapias de casal na Europa, aponta-se que ter um bom relacionamento afetivo é fator que influencia o nível de bem-estar e felicidade (COSTA, 2005; PERLOIRO, 2006). No entanto, os trabalhos se encontram mais voltados para a constatação empírica que pessoas casadas são mais felizes que as solteiras ou separadas ou viúvas (MASTEKAASA, 1995; GOTTMAN, 1998; ARGYLE, 1999; SELIGMAN, 2004; ALBUQUERQUE, 2004; GALINHA, 2008) do que para a sistematização do papel da afetividade na percepção de BES das pessoas.

Assim, não buscamos comprovar ou refutar que pessoas casadas são mais felizes que as solteiras, mas justamente compreender como a vivência conjugal (expressa nos domínios da conjugalidade e da satisfação conjugal) impacta, problematiza, ressignifica ou interfere na percepção de felicidade (BES) do indivíduo. Qual a importância da constituição de uma conjugalidade para a experiência subjetiva de bem-estar? Quais domínios conjugais mais se relacionam com o bem-estar de uma pessoa? Esses domínios poderiam ser trabalhados terapeuticamente, por exemplo, visando a auxiliar o desenvolvimento dos casais?

Outra possibilidade que se abre é de trabalhos que aprofundem a relevância da satisfação geral com a vida (aqui compreendida sob a égide do BES) no estabelecimento de relacionamentos afetivos. Quando as pessoas se casam e constituem uma conjugalidade, o que elas efetivamente transferem para o relacionamento em termos de bem-estar? Como se combinariam no espaço conjugal as suas percepções subjetivas de

bem-estar e felicidade? Em que medida a felicidade conjugal estaria ligada à felicidade já experienciada pelos cônjuges e atualizada no casamento?

Se a conjugalidade é constituída pela transformação de duas individualidades que se cruzam e carregam em si valores, crenças, expectativas e visões de mundo, poder-se-ia problematizar que o espaço em comum (conjugalidade) guardaria também as percepções subjetivas dos cônjuges sobre o bem-estar. A satisfação conjugal, neste sentido, não seria apenas uma percepção individual acerca de um relacionamento, mas justamente uma co-construção na qual incidiriam as subjetividades dos cônjuges, subjetividades estas resgatadas na avaliação do casamento a partir da noção de satisfação conjugal.

Ainda, o nível de felicidade experimentado antes do casamento seria relevante tanto para a percepção de satisfação conjugal quanto para a manutenção desse índice com o passar dos anos de casamento? Qual a importância do BES experimentado por um cônjuge no entrelaçamento inicial do casamento e no seu desenvolvimento ao longo do tempo? Esses questionamentos apontam para a necessidade de um estudo longitudinal, por exemplo, que poderia clarificar as possíveis transformações nos cônjuges ao longo do casamento. A presente investigação constitui um estudo transversal, na medida em que acessou pessoas casadas em um dado período de seus desenvolvimentos, buscando compreender, naquele momento, como avaliavam os seus relacionamentos, bem como a satisfação com as suas vidas. Como destacado por Spanier (1976), acessar a satisfação conjugal em um dado momento do processo (*continuum*) pode levar à compreensão de como os eventos, circunstâncias e interações movem o casal no curso de seus desenvolvimentos (HERNANDEZ; HUTZ, 2008).

Haveria um BES de cada cônjuge e outro construído no casamento? Poderíamos falar em um BES advindo da conjugalidade? Podemos pensar que a satisfação conjugal

remeteria, inequivocamente, para uma satisfação com a vida de cada cônjuge? Seriam as noções correlacionadas? Se sim, de que modo? Ou, em outras palavras, casar e ser feliz seriam verbos que transitariam em uma mesma direção?

Pela literatura já referida e que será investigada mais a fundo no decorrer do estudo, pode-se hipotetizar que sim. Mas de que modo? Haveria um domínio do BES mais correlacionado com a conjugalidade ou com um domínio específico da mesma? A conjugalidade ou a vivência conjugal poderia interferir na percepção de felicidade do indivíduo? É para elucidar questões como essas que este estudo delineou-se, propondo um encontro entre três conceitos (conjugalidade, BES e satisfação conjugal) que não pretendem apenas ser correlacionados, mas justamente ser compreendidos em termos de seus domínios específicos, seus sentidos e particularidades.

Como parte dos estudos até hoje produzidos não abarcam os domínios que constituem cada construto e como eles podem ser relacionados entre si, pode-se levantar a possibilidade de que não apenas alguns domínios estejam correlacionados, como também possam apontar para a mensuração de fatores correlatos, como no caso do domínio satisfação, existente tanto no BES como na conjugalidade. Estaríamos falando da mesma satisfação? Se sim, como diferenciá-la, uma vez que se aloca em noções diferentes? Se não, quais as especificidades de cada uma e como elas podem ser pensadas na constituição de uma pessoa ou de um casal?

Pretende-se que esta investigação traga contribuições tanto para os estudos sobre conjugalidade e satisfação conjugal quanto para os de BES, principalmente no contexto brasileiro, bem como a ampliação e a divulgação da perspectiva da Psicologia Positiva enquanto um campo de compreensão e investigação do ser humano e de suas potencialidades.

Mais do que isso, pretende-se sistematizar uma forma de análise à luz da Psicologia Positiva, o que se constitui um desafio, haja vista que tal perspectiva teórica ainda vem sendo amadurecida em termos metodológicos e também no campo da intervenção clínica, uma vez que muda o foco de atuação não apenas para a promoção de saúde e bem-estar, mas também para uma nova forma de se conceber as doenças e psicopatologias. Como a Psicologia Positiva pode avançar os estudos sobre a conjugalidade? Poderíamos pensar em uma terapia de casal com este enfoque, por exemplo? Sobre quais aspectos da conjugalidade a Psicologia Positiva mais se debruçaria? Quais os limites e possibilidades desta perspectiva?

Como se trata de um estudo descritivo e correlacional, o início do percurso passará pelo aprofundamento das noções investigadas, a fim de que se conheça o modo como esses construtos vêm sendo concebidos e estudados cientificamente. Assim, o capítulo 1 intitula-se “Felicidade para ontem: a noção de bem-estar subjetivo na pós-modernidade” e apresenta como este conceito surgiu, quais os seus pressupostos e desdobramentos em termos de pesquisas científicas. O segundo capítulo é intitulado “Um e um são três: investigando a noção de conjugalidade” e traz uma revisão sobre o conceito de conjugalidade. O capítulo 3, por fim, intitulado “Felizes para sempre: investigando a satisfação conjugal”, aborda o construto da satisfação conjugal a partir de trabalhos sobre o tema, discutindo as especificidades, os limites e as possibilidades desta noção a partir das pesquisas contemporâneas.

Após a apresentação dos aspectos metodológicos, discutir-se-ão os dados de um estudo descritivo, transversal e correlacional realizado com 106 pessoas casadas, na região de Ribeirão Preto (SP), a fim de elucidar os questionamentos aqui tecidos acerca do entrelaçamento entre BES, conjugalidade e satisfação conjugal.

– *Papai, inventei uma poesia.*
– *Como é o nome?*
– *Eu e o sol. – Sem esperar muito recitou: – “As galinhas que estão no quintal já comeram duas minhocas mas eu não vi”.*
– *Sim? Que é que você e o sol têm a ver com a poesia?*
Ela olhou-o um segundo. Ele não compreendera...
– *O sol está em cima das minhocas, papai, e eu fiz a poesia e não vi as minhocas... – Pausa. – Posso inventar outra agora mesmo: “Ó sol, vem brincar comigo”. Outra maior:*
“Vi uma nuvem pequena
coitada da minhoca
acho que ela não viu”.
– *Lindas, pequena, lindas. Como é que se faz uma poesia tão bonita?*
– *Não é difícil, é só ir dizendo.*

(LISPECTOR, 1998a, p. 14)

CAPÍTULO 1

Felicidade para ontem: a noção de bem-estar subjetivo na pós-modernidade

*A felicidade é como a pluma
Que o vento vai levando pelo ar
Voa tão leve
Mas tem a vida breve
Precisa que haja vento sem parar (...)*

(VINICIUS DE MORAES, 2001)

Bem-estar

1. Estado de satisfação plena das exigências do corpo e/ou do espírito;
 2. Sensação de segurança, de conforto, tranquilidade;
 3. Condição material capaz de ensejar uma existência agradável; prosperidade.
- (HOUAISS; VILLAR, 2001)

Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
(ADÉLIA PRADO, 1991)

A palavra felicidade é proveniente do latim “felicitas”, que vem de “felix”, algo ditoso, afortunado, feliz. De acordo com Abbagnano (1970), é a ausência de todo o mal e a vivência plena do bem, um estado de satisfação com a vida devido à própria situação no mundo. Vinculada à religião e às especulações filosóficas desde o início dos tempos, a felicidade já foi negligenciada, dada à vasta tradição de se conceber a vida como uma tragédia, como em Sófocles e Machado de Assis (FIQUER, 2006).

Segundo Albuquerque (2004), o ser humano vive em busca do grande segredo da felicidade, na eterna procura do que o fará feliz e satisfeito com a sua vida. Esta busca não é exclusiva de um grupo de pessoas, sendo compartilhada por diversos estudiosos, como filósofos, teólogos, psicólogos e cientistas sociais.

Apesar do reconhecimento de grande parte das ciências humanas de que a felicidade é a meta fundamental da vida, ainda há pouco progresso com relação ao entendimento do que de fato consiste a felicidade. Csikszentmihalyi (1999) destaca que as pesquisas têm revelado que aspectos como segurança material, luxo e dinheiro não são, por si, só, garantia de felicidade, bem-estar e qualidade de vida.

O termo felicidade pode ser associado a muitos conceitos e noções, tornando o objetivo de especificá-lo de forma consistente e abrangente uma tarefa trabalhosa de ser levada a cabo. Neste trabalho, não utilizamos o termo para caracterizar a satisfação em relação a eventos específicos da vida, mas sim à vida como um todo. Ele cobre o

passado, o presente e o futuro, por meio da antecipação da apreciação de experiências futuras, sendo que às experiências vividas em períodos diferentes podem ser atribuídos pesos diferentes dentro da avaliação.

Segundo Siqueira e Padovam (2008), as concepções científicas mais proeminentes da atualidade sobre bem-estar no campo psicológico podem ser organizadas em duas perspectivas: uma que aborda o estado subjetivo de felicidade (bem-estar hedônico), e se denomina bem-estar subjetivo (BES), e outra que investiga o potencial humano (bem-estar eudemônico) e trata de bem-estar psicológico.

Essas duas tradições de estudo refletem visões filosóficas distintas sobre felicidade: enquanto a primeira (hedonismo) adota uma visão de bem-estar como prazer ou felicidade, a segunda (eudemonismo) apoia-se na noção de que bem-estar consiste no pleno funcionamento das potencialidades de uma pessoa, ou seja, em sua capacidade de pensar, usar o raciocínio e o bom senso. O bem-estar subjetivo (BES) tem sido colocado como o estudo científico da felicidade; trata-se de uma experiência interna de cada indivíduo que emite um julgamento de como a pessoa se sente e o seu grau de satisfação com a vida. (SIQUEIRA; PADOVAM, 2008, p. 201).

Na linha do BES, segundo prévio levantamento, apontou-se que atualmente as pesquisas direcionam-se para melhor conceituação, além da proposição de estratégias para investigá-lo de maneira ampla. Importante enfatizar que dada à recente produção nacional (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004), tem-se dificuldade em estabelecer comparações com a produção internacional, na qual predominam trabalhos na perspectiva transcultural (WISSING; WISSING; TEMANE, 2006; JANKOVIC; DITTMAR, 2006).

Internacionalmente, também se encontram estudos relacionados a indicadores econômicos (GALATI; SOTGIU; MANZANO, 2006), condições de trabalho (PIZER; HÄRTEL, 2006; SHIROM; TOKER; BERLINER; SHAPIRA; MELAMED, 2006; SEKERKA; BAGOZZI, 2006) e características culturais (KHRAMTSOVA;

GORDEEVA; SAARNIO, 2006), havendo também prevalência de estudos com adolescentes e crianças (BASSI; DELLE FAVE, 2006; ALBIERI; RUINI; FAVA, 2006; COMUNIAN, 2006; SALAMA-YOUNES; MARTIN-KRUMM; HANRAHAN; RONCIN, 2006).

Segundo Costa e Pereira (2007), no Brasil, o referencial do BES vem sendo utilizado desde 1993, com maior impulso a partir de 2000. No entanto, na maior parte dessas pesquisas, os autores partem dos conceitos previamente estabelecidos na apresentação de panoramas histórico-conceituais, como o trabalho de Pereira (1997) acerca das subdimensões da qualidade de vida e do BES, ou avaliam o BES de determinados grupos, como professores, idosos que sofreram amputação de membros inferiores, professores e estudantes de medicina e pacientes submetidas à mastectomia. Outras contribuições se referem aos instrumentos de medida do BES, como as de Albuquerque e Tróccoli (2004) e Albuquerque (2004).

O bem-estar humano é composto por duas dimensões básicas: a objetiva e a subjetiva. A dimensão objetiva é aquela passível de ser publicamente apurada, observada e medida por fora, e que se reflete nas condições de vida registradas por indicadores numéricos de nutrição, saúde, moradia, criminalidade, educação, entre outros. A dimensão subjetiva consiste na experiência interna de cada indivíduo, isto é, tudo aquilo que passa em sua mente de forma espontânea, que ele sente e pensa sobre a vida que tem levado (CAMPBELL, 1976).

Na literatura científica, segundo revisão de Scorsolini-Comin e Santos (2008b) pode-se destacar dependência recíproca entre ambas, a partir da observação de situações extremas: se o lado objetivo do bem-estar não preencher requisitos mínimos (alimentação, moradia, saúde, entre outros), não há mais bem-estar possível. O inverso

também é verdadeiro. Para alguém deprimido, mesmo cercado de luxo e conforto, o viver torna-se um grande desgosto.

Assim, o estudo do BES visa a compreender a avaliação que as pessoas fazem de suas vidas, podendo receber outras denominações, tais como felicidade, satisfação, estado de espírito, afeto positivo, sendo também considerado por alguns autores uma avaliação subjetiva da qualidade de vida. As definições desses conceitos ainda se encontram em desenvolvimento, o que dificulta a investigação do BES (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004; DELA COLETA; DELA COLETA, 2006).

Apesar das discordâncias teóricas relativas à conceituação de BES, há um consenso quanto às suas dimensões: satisfação com a vida e afetos positivos e negativos (MARTINEZ; GARCIA, 1994; ANGUAS, 1997).

Afeto positivo é um contentamento hedônico puro experimentado em um determinado momento como um estado de alerta, de entusiasmo e de atividade. É um sentimento transitório de prazer ativo; trata-se mais de uma descrição de um estado emocional do que um julgamento cognitivo (DIENER, 1995).

Afeto negativo refere-se a um estado de distração e engajamento não prazeroso que também é transitório, mas que inclui emoções desagradáveis como ansiedade, depressão, agitação, aborrecimento, pessimismo e outros sintomas psicológicos aflitivos e angustiantes (DIENER, 1995).

A dimensão *satisfação com a vida* é um julgamento cognitivo de algum domínio específico na vida da pessoa; um processo de juízo e avaliação geral da própria vida (EMMONS, 1986); uma avaliação sobre a vida de acordo com um critério próprio (SHIN; JOHNSON, 1978). Este julgamento depende de uma comparação entre as circunstâncias de vida do indivíduo e um padrão por ele escolhido, ou seja, remete-se também a uma comparação com o seu meio social, cultural e histórico.

Como o presente estudo é de caráter correlacional, apresentar-se-ão a seguir alguns instrumentos de avaliação do BES mais recorrentes na literatura científica.

Felicidade medida: mensurando o BES

Em termos dos instrumentos de mensuração do BES, conforme revisão de Scorsolini-Comin e Santos (2008b), destaca-se uma bateria desenvolvida por Dela Coleta e Dela Coleta (2006) e que busca determinar índices de felicidade e bem-estar e sua relação com o comportamento acadêmico. Foram utilizadas escalas sobre o sentimento de felicidade, satisfação, BES e aspectos da vida acadêmica. As escalas foram adaptadas daquelas apresentadas por Diener, Diener e Diener (1995), Dela Coleta, Dela Coleta e Diener (1996), Diener e Suh (2000) e Seligman (2004), com características psicométricas que recomendam sua utilização para a medida destas variáveis. O conjunto dos instrumentos continha, ainda, uma questão aberta solicitando aos sujeitos que fornecessem elementos definidores do que seria uma vida boa, para eles.

O estudo de Albuquerque e Tróccoli (2004) faz uma revisão sobre a mensuração do BES. O método mais usual de mensuração do BES consiste no uso de auto-relato, onde o indivíduo julga a sua satisfação com relação a sua vida e relata a frequência de emoções afetivas recentes de prazer e desprazer. Segundo Albuquerque e Tróccoli (2004), as medidas de auto-relato parecem particularmente apropriadas ao campo, tendo em vista que somente o indivíduo pode experimentar seus prazeres e dores e julgar se está satisfeito com sua vida.

Até mesmo medidas globais do BES que simplesmente perguntam quão satisfeitas ou felizes as pessoas estão têm se mostrado válidas, com certas limitações. Essas medidas têm demonstrado propriedades psicométricas adequadas, bons índices de

consistência interna, moderada estabilidade e sensibilidade apropriada a mudanças de circunstâncias de vida. Ainda, os autores referem que medidas de bem-estar devem ser administradas sob condições constantes ou sistematicamente variadas, pois a situação de mensuração pode influenciar as respostas. Como destacado por eles,

Valores dados ao BES podem variar dependendo do tipo de escala utilizada, a ordem dos itens, o estado de humor no momento de responder ao instrumento e outros fatores situacionais. Embora o humor momentâneo seja relevante na investigação do fenômeno, não é desejável que influencie indevidamente relatos de como a pessoa tem se sentido nos últimos meses ou anos. (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004, p.155).

A Escala de Bem-estar Subjetivo (EBES), desenvolvida por Albuquerque e Tróccoli (2004), é um instrumento inspirado em escalas existentes no exterior: Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo – PANAS (WATSON; CLARK; TELLEGEN, 1988; Escala de Satisfação com a Vida – SWLS (DIENER; EMMONS; LARSEN; GRIFFIN, 1985); e Escala de Bem-estar Subjetivo – SWBS (LAWRENCE; LIANG, 1988), com itens elaborados e analisados em grupos de validação semântica. Como muitos termos traduzidos não apresentavam clareza para os respondentes brasileiros, alguns itens foram adaptados para esta cultura e outros novos foram incluídos (PASCHOAL; TAMAYO, 2008).

Albuquerque e Tróccoli (2004) atestam que a EBES mostrou-se um instrumento válido e preciso, o que recomenda seu uso para a avaliação de BES em populações não desviantes da normalidade em termos de saúde mental. A EBES atende à recomendação de Diener, Suh, Lucas e Smith (1999) com relação à construção de instrumentos de medida de BES que possam avaliar separadamente os seus componentes. Entretanto, faz-se necessário verificar se a mesma configuração fatorial se mostra invariante em amostras diversificadas em termos profissionais e também em amostras clínicas.

Entre os instrumentos utilizados na pesquisa de Resende, Bones e Souza (2006), o que se refere à mensuração do BES é a escala do tipo “item único” para medida da

satisfação geral com a vida, referida por Neri (1998). É um instrumento para medida de BES indicado por satisfação geral com a vida, contendo duas questões que avaliam a satisfação com a vida atual e futura, por meio da figura de uma escada de dez degraus simbolizando uma escala de dez pontos entre a pior vida e a melhor vida. São feitas duas questões, uma referente à satisfação com a vida atual e outra sobre a expectativa de satisfação com a vida nos próximos cinco anos.

Para a avaliação dos componentes afetivos e cognitivos do BES, Steverink e Lindenberg (2006) incluíram em sua pesquisa um indicador cognitivo de satisfação com a vida e dois indicadores afetivos de afetos positivos e negativos. A satisfação com a vida foi mensurada com a *Satisfaction With Life Scale* (SWLS). Esta escala desenvolvida por Diener, Emmons, Larsen e Griffin (1985) verifica o julgamento pessoal do indivíduo sobre sua qualidade de vida. Os afetos positivos e negativos foram mensurados pela *Positive and Negative Affect Scale* (PANAS) (WATSON; CLARK; TELLEGEN, 1988).

Outro instrumento utilizado é o PANAS-X – *Positive and Negative Affect Schedule - Expanded Form* (WATSON; CLARK, 1991), que é a versão expandida da PANAS. Baseia-se em dois amplos fatores gerais: afeto positivo (jovialidade, autoconfiança, atenção, surpresa, serenidade) e afeto negativo (medo, tristeza, culpa, hostilidade, timidez, cansaço e surpresa) (FERRAZ; TAVARES; ZILBERMAN, 2007).

No trabalho de Mroczek e Spiro (2005), o instrumento utilizado para a mensuração da satisfação com a vida foi a *Life Satisfaction Inventory: Form A* (NEUGARTEN, HAVINGHURST; TOBIN, 1961; LIANG, 1984), que possui as seguintes categorias: entusiasmo pela vida; resolução e fortaleza; congruência entre os objetivos pretendidos e alcançados; fatores físicos, psicológicos, sociais e autoconceito.

Outro instrumento de destaque é o OHI (*Oxford Happiness Inventory*) (ARGYLE; MARTIN; CROSSLAND, 1989), que avalia as causas psicológicas gerais da felicidade, incluindo realização, satisfação, vigor e saúde (FERRAZ; TAVARES; ZILBERMAN, 2007).

A *Subjective Happiness Scale* (SHS) (LYUBOMIRSKY; LEPPER, 1999) é um índice de felicidade subjetiva que compreende quatro itens. A SHS apresenta consistência interna elevada (alfa entre 0,85 e 0,95 em diferentes estudos), estrutura unitária, boa confiabilidade teste-reteste (entre 0,71 e 0,90) e boa correlação com a avaliação de informantes ($r=0,65$). Sua validade construtiva foi examinada em diversos estudos, apresentando boa correlação com a SWLS (entre 0,61 e 0,69) (FERRAZ; TAVARES; ZILBERMAN, 2007).

Apresentados alguns dos instrumentos mais recorrentes na literatura, abordar-se-ão as principais variáveis que vêm sendo correlacionadas ao BES. O que influencia o BES? O que promove o BES? Essas são algumas das perguntas que serão investigadas a seguir.

Felicidade mediada: BES e suas correlações com outras variáveis

Discutindo sobre os fatores que influenciam o BES, Lykken e Tellegen (1996) e Albuquerque e Tróccoli (2004), discorrem que este é um construto que sofre influência tanto cultural (experiências compartilhadas que formam a base de uma maneira similar de se ver o mundo), como da hereditariedade. Assim, como apontado na revisão de Scorsolini-Comin e Santos (2008b), diversos autores vêm investigando quais aspectos estariam mais diretamente relacionados ao BES (KEYES; SHMOTKIN; RYFF, 2002; EFKLIDES; KALAITZIDOU; CHANKIN, 2003; LENT, 2004; HELLIWELL;

PUTNAM, 2004; LENT et al., 2005; MROCZEK; SPIRO, 2005; RESENDE; BONÉS; SOUZA, 2006; STEVERINK; LINDENBERG, 2006).

Como a cultura influencia a personalidade e a personalidade influencia a cultura, ambos os níveis de análise são fundamentais para o entendimento do BES dentro de uma perspectiva cultural. A influência da personalidade nos componentes emocionais do BES é de caráter pancultural, sendo que não se pode pensar a respeito desse conceito sem ter bem clara a sua indissociabilidade com a noção de cultura (SMITH; BOND, 1999; SCHIMMACK; RADHAKRISHNAN; OISHI; DZOKOTO; AHADI, 2002; KEYES; SHMOTKIN; RYFF, 2002; DELA COLETA; DELA COLETA, 2006; WISSING; WISSING; TEMANE, 2006; JANKOVIC; DITTMAR, 2006).

Estudos de Helliwell e Putnam (2004), Albuquerque e Tróccoli (2004) e Mroczek e Spiro (2005) destacam que pessoas de países mais ricos, com maior liberdade e ênfase no individualismo, tendem a demonstrar maior BES; é possível que os individualistas sejam mais capazes de seguir seus próprios interesses e desejos e, assim, mais frequentemente consigam se autorrealizar.

Em relação à variável personalidade, Albuquerque (2004) destaca que as culturas divergem em suas prioridades para o grupo ou para o indivíduo. Em culturas individualistas, como a norte-americana, por exemplo, há uma ênfase nos sentimentos e pensamentos pessoais. Em contrapartida, em culturas menos individualistas, a prioridade é dada ao grupo. Em culturas individualistas, há relatos de níveis mais altos de BES, assim como de satisfação com o casamento, apesar de ainda registrarem maiores taxas de suicídio.

Correlacionando BES e saúde, a literatura aponta que a saúde percebida parece ser bem mais importante para o BES do que a saúde objetiva (ALBUQUERQUE, 2004). Por sua vez, este estado de saúde subjetivo pode ser influenciado pelo afeto

negativo e pela saúde objetiva (BRIEF; BUTCHER; GEORGE; LINK, 1993). Segundo tais estudos, pessoas com saúde objetivamente ruim podem demonstrar elevado BES, assim como pessoas com baixo BES podem não ter qualquer sinal de doença.

O gênero é outra variável que vem sendo considerada quando se aborda o BES. As mulheres, em média, relatam maiores níveis de afeto positivo e com maior frequência relatam níveis extremamente elevados de BES (WOOD; RHODES; WHELAN, 1989; ALBUQUERQUE, 2004), assim como também os relatos de afeto negativo são maiores na população feminina do que entre os homens.

Uma possível explicação para este paradoxo, segundo Albuquerque (2004), é que as mulheres vivenciam suas emoções positivas e negativas mais intensamente e com maior frequência do que os homens. Assim, na população em geral, as emoções positivas mais intensas das mulheres parecem balancear seu afeto negativo mais elevado, resultando em níveis de BES global similares aos dos homens.

Em termos de idade, os estudos revelam que pessoas mais jovens não são mais felizes do que pessoas mais velhas. Em uma pesquisa de Diener e Suh (1998) resgatada por Albuquerque (2004), examinou-se a relação entre idade e BES em um levantamento que incluía amostras de quase 60.000 adultos de 40 nações. Dos três componentes mensurados - satisfação com a vida, afeto positivo e afeto negativo, somente o afeto positivo declinou com a idade. O componente satisfação com a vida mostrou-se estável ao longo dos anos, ocorrendo apenas um pequeno declínio no humor (DIENER et al., 1999; DIENER; SUH, 1999; DIENER; LUCAS, 2000).

Acerca da renda, pelos levantamentos de Albuquerque (2004), as pesquisas mostram que pessoas de nações mais ricas são mais felizes do que pessoas de nações mais pobres e que o aumento da riqueza nacional em nações desenvolvidas não tem sido associado ao BES. Outros resultados são que as diferenças de riqueza em uma mesma

nação demonstram pequenas correlações positivas com o BES e que aumentos na riqueza pessoal não resultam em aumento da felicidade em pessoas que desejam fortemente dinheiro e riqueza.

Em termos de estado civil, o que se liga diretamente a este presente estudo, Albuquerque (2004) destaca que pessoas casadas de ambos os sexos relatam mais felicidade do que aquelas que nunca casaram ou são divorciadas, separadas ou viúvas. Pessoas que coabitam com um parceiro também são significativamente mais felizes em algumas culturas do que aquelas que vivem sozinhas (MASTEKAASA, 1995).

Seligman (2004) atesta que o casamento está diretamente relacionado à felicidade. Retomando uma pesquisa realizada nos últimos trinta anos com 35 mil pessoas nos Estados Unidos, 40% das pessoas casadas “se diziam muito felizes, enquanto apenas 24% das divorciadas, solteiras, separadas e viúvas tinham essa opinião” (SELIGMAN, 2004, p. 72). Ainda segundo o autor, viver com a pessoa amada (sem que haja o casamento consensual) também é um fator que está diretamente relacionado à felicidade. Comparativamente, pessoas que não vivenciaram tal experiência apresentam menores taxas de felicidade.

Para Seligman (2004), em termos de felicidade, a vantagem para os casados está ligada ao envelhecimento e à parte financeira, o que seria válido tanto para homens quanto para mulheres. No entanto, em casamentos considerados infelizes, o nível de bem-estar é menor do que nas pessoas solteiras. Assim, Seligman (2004) associa o casamento à felicidade apenas se o mesmo for fonte de bem-estar.

As possibilidades levantadas pelo pesquisador são de que pessoas felizes tenham mais possibilidade de se casar e manter o casamento ou que exista uma terceira variável (como boa aparência e sociabilidade) que seja a causa de mais felicidade e de maior probabilidade de um casamento. Deste modo, para Seligman (2004), o casamento está

associado à felicidade, mas ainda não são claras as variáveis presentes no casamento (ou nos cônjuges) que estariam ligados à essa avaliação de bem-estar.

Galinha (2008) afirma que as pesquisas nos Estados Unidos e na Europa são consistentes no sentido de que o casamento está positivamente correlacionado com o BES. Segundo a autora, o casamento é a característica sociodemográfica que tem revelado o maior efeito na satisfação com a vida global, no BES das pessoas, na saúde física e mental. Resgatando os trabalhos de Hong e Duff (1997), afirma-se que ter um cônjuge é um forte preditor de satisfação com a vida e que as pessoas não casadas demonstram níveis superiores de depressão.

Na visão de Galinha (2008), as pessoas mais felizes também são mais propensas a se casar. Neste ponto, pode-se questionar o porquê de pessoas que se dizem felizes buscarem mais o casamento. Seria pelo fato deste tipo de relacionamento oferecer maior suporte social? Se o BES é algo individual, como ele levaria à necessidade de uma vivência conjugal? Ter um alto nível de BES favoreceria o casamento (DIENER; GOHM; SUH; OISHI, 2000; GALINHA, 2008), mas como este BES se comportaria no desenvolvimento da relação? Ele favorecia a adoção de estratégias mais positivas de resolução de conflitos ou maior coesão entre os cônjuges, por exemplo?

Similarmente, Díaz Llanes (2001) aponta que as pessoas casadas ou unidas consensualmente de ambos os sexos apresentam maiores níveis de felicidade que aquelas que nunca foram casadas, as divorciadas e as viúvas. Dados semelhantes também foram encontrados por Diener e Lucas (2000), Argyle (1999), Diener, Gohm, Suh e Oishi (1998) e Lee, Seccombe e Shehan (1991). Isto pode ser um indicativo do fato de que uma relação conjugal com adequada comunicação provê o casal com relações sociais significativas e um nível de apoio material, emocional, econômico, instrumental e de informação, o que medeia positivamente a sua relação com o meio.

No entanto, as relações conjugais insatisfatórias ou conflitivas interferem não apenas no BES do casal, mas também no dos filhos. Diener e Lucas (2000) afirmam que alguns estudos mostram que pessoas com baixos níveis de BES podem ser provenientes de famílias conflitivas, destacando a importância das vivências familiares na constituição dos índices de BES.

Como abordado no capítulo 1, o casamento é uma das variáveis que vêm sendo correlacionadas à felicidade. Mas quando estudamos o casamento ou a conjugalidade, como se aborda a noção de felicidade ou mesmo de satisfação conjugal? Os capítulos 2 e 3 a seguir buscam, neste sentido, elucidar e problematizar tais aspectos.

A partir dessas considerações, no capítulo 2, investigar-se-á a noção específica de conjugalidade e como este conceito foi e vem sendo construído ao longo do tempo. A conjugalidade estaria diretamente ligada à felicidade? Nos estudos sobre conjugalidade, há espaço para se pensar na dimensão do BES? Se a conjugalidade abarca a transformação das individualidades dos cônjuges, como ela trata do BES dos mesmos? Quais das três dimensões do BES estariam mais relacionadas à conjugalidade e à satisfação conjugal, por conseguinte? Haveria um ou mais domínios do BES que explicariam a felicidade no casamento? A satisfação conjugal se relacionaria com a conjugalidade e não com os aspectos de BES de cada um?

Podemos falar em um BES do casal? O BES do casal seria semelhante ao conceito de satisfação conjugal que será apresentado no capítulo 3? A satisfação de um casal seria relacionada à conjugalidade, que abarca também o modo como o casal maneja os problemas, as decisões e as próprias vivências afetivas, ou seja, o modo como ele constrói a sua noção de satisfação? São questionamentos como estes que norteiam o próximo capítulo deste trabalho, acerca da noção de conjugalidade.

CAPÍTULO 2

Um e um são três: investigando a noção de conjugalidade

(...) Até, o que me alegrava, era uma fantasia, assim como se ele, por não sei que modo, percebesse meus cuidados, e no próprio sentir me agradecendo. O que brotava em mim e rebrotava: essas demasias do coração.

(GUIMARÃES ROSA, 2006).

- Conjugal
Do latim *conjugalis* (conjugar)
1. De cônjuge (fidelidade);
2. Do casal; matrimonial (propriedade);
3. Do casamento ou da vida de casado (problemas).
(HOUAISS; VILLAR, 2001)

Mas às vezes a saudade é tão profunda que a presença é pouco; quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida.
(CLARICE LISPECTOR, 2004)

A resposta amadurecida para o problema da existência humana, segundo Fromm (1995), estaria na realização da unidade interpessoal, da fusão com outra pessoa, ou seja, do amor. O ato de amor seria o meio único de conhecimento completo, transcendendo o pensamento e as palavras, uma vez que determinaria a relação de alguém com o mundo. Seligman (2004) destaca que o amor seria mais do que a troca de afetos entre as pessoas, mas um aspecto responsável por torná-las melhores. Na visão de Furtado (2008), o amor assumiria diversas formas, estando entre elas o conjugal, definido como entrega apaixonada de si, desejo sexual e amizade seletiva.

Para Durham (1983), é característico das famílias humanas, em todas as sociedades, o estabelecimento de vínculos sociais que são criados por meio de representações (ideias, sistemas e símbolos) incorporadas nas noções de parentesco e instrumentalizadas pelo casamento. Para esta autora, o casamento passa ser definido como um mecanismo, regulado pelo tabu do incesto, que atribui responsabilidades e direitos específicos sobre a prole de uma mulher a homens determinados, que mantêm em relação a ela os vínculos básicos e antagônicos de irmão e marido, privilegiando um desses termos ou estabelecendo a complementaridade entre eles. O casamento também é um arranjo para a procriação e, segundo Therborn (2006), “é uma instituição

sociossexual, parte do complexo institucional mais amplo da família. Como tal, diz respeito a uma ordem sexual específica, bem como a uma ordem social mais geral” (THERBORN, 2006, p. 198).

Na Antiguidade, o casamento estava voltado exclusivamente para a procriação, sendo considerado um bem. A moral cristã, a partir dos séculos XII e XIII, sacramentaliza o matrimônio, havendo também uma explosão discursiva em relação ao desejo. Cada vez mais, a Igreja impunha a relação carnal como obrigatória no casamento, sem a qual ele não teria sentido, condenando todo e qualquer ardor no relacionamento entre os cônjuges, punindo os “excessos” e disciplinando pela interdição de certas regras na interação conjugal, em um incentivo à função procriadora (VAINFAS, 1986; CASEY, 1992).

A Igreja introduziu no casamento os valores da ascese e da caridade, equilibrando o mal (representado pela cópula) com o bem (representado pela oração e pela ideia do coito procriativo) e fazendo do matrimônio um estado de comunhão. De acordo com Vainfas (1986), o amor no casamento só era considerado “verdadeiro” quando submetido à disciplina da contingência, havendo a constituição de um “modelo cristão” no qual havia a reprovação da discórdia no interior do casal, a supressão da diferença e eliminação da alteridade entre os esposos, salvo no tocante ao poder marital.

Para Vainfas (1986), a partir do final do Império Romano, o casamento apresentava sinais de maior frequência e estabilização enquanto prática social, estando vinculado à formação de uma descendência e a transmissão do patrimônio, mas já denotava a crescente importância do vínculo conjugal. Na Europa pré-moderna, a maioria dos casamentos era negociada por razões econômicas, emergindo ideias amorosas fortemente ligadas aos valores morais do cristianismo. O amor romântico,

surgido a partir do final do século XVIII, conciliava amor e liberdade como “estados normativamente desejáveis” (GIDDENS, 1993, p.27).

Na modernidade, a razão não tem espaço para a emoção, embora a vida emocional seja efetivamente reordenada nas condições variáveis das atividades cotidianas. Para Badinter (1985), no século XVIII, a felicidade não é mais apenas uma questão individual, mas é a dois que se espera realizá-la, enquanto se aguarda a possibilidade de vivê-la com a coletividade. É neste período que se inicia a concepção de que para que as relações entre o casal e os filhos sejam felizes é preciso que sejam fundadas no amor-amizade (FURTADO, 2008).

Mesmo no Brasil, segundo Costa (1983), durante o período colonial, os casamentos faziam-se sob a égide das razões ou interesses familiares. Era uma decisão tomada unilateralmente pelo responsável, impondo ao dependente a obrigação de casar sem levar em conta a sua opinião. O casamento não celebrava o reconhecimento social da união amorosa entre indivíduos, sendo que o amor não era um pressuposto necessário à ligação conjugal. A vertente sentimental do casamento era sufocada por razões econômicas, interesses sociais e preconceitos raciais.

No período colonial, o casamento passa a ser visto sob a marca da higiene, ou seja, o cuidado com a prole converteu-se no grande paradigma da união conjugal. No casamento higiênico, a hereditariedade substituía a herança, sendo que o dinheiro e o status social herdados só mereciam reverência quando aliados a uma boa saúde física e a uma boa constituição moral. A higiene encarnava o aburguesamento geral da sociedade brasileira oitocentista (COSTA, 1983).

Neste período, o amor executava a tarefa de criação e regulação de novos papéis sociais do homem e da mulher no casamento (DEL PRIORE, 2006). O amor servia tanto como referência para a construção dos modelos de conduta social masculina e

feminina quanto para atenuar as tensões conjugais nascidas da nova discriminação social dos sexos, regulando a harmonia entre marido e esposa. Segundo Del Priore (2006), no casamento havia o esforço de adestramento dos afetos, dos amores e da sexualidade, sobretudo a feminina. Esta tendência se afinava com os objetivos da igreja católica, sendo que a domesticação do amor conjugal espelhava a nova ideologia dos tempos modernos.

Giddens (1993), ao discutir a transformação da intimidade nas sociedades ocidentais, ressalta que os ideais do amor romântico, relacionados à liberdade individual e à autorealização, desligam os indivíduos das relações sociais e familiares mais amplas, demarcando com mais clareza a esfera do relacionamento conjugal, que passa a ser, assim, mais valorizada e priorizada.

Atualmente, Giddens (1993) e Therborn (2006) afirmam que os ideais do amor romântico tendem a fragmentar-se sob a pressão da emancipação sexual e da autonomia feminina, fazendo surgir o amor confluyente, conceito que se opõe às qualidades de “para sempre” e “único e exclusivo” do complexo do amor romântico. O amor confluyente presume igualdade emocional na ligação amorosa, havendo a necessidade de abertura constante ao outro, sendo ativo e contingente, chocando-se com a máxima romântica que pressupõe a assimetria, a submissão doméstica e a identificação projetiva.

Amazonas e Braga (2006) abordam o casamento na contemporaneidade, enfatizando que as transições ocorridas nos âmbitos cultural, econômico, político e social têm afetado profundamente as estruturas relacionais e familiares. Para Perlin e Diniz (2005), o estilo de vida contemporâneo apresenta um conjunto de características contraditórias quando confrontadas com os ideais dos relacionamentos estáveis e do contrato matrimonial clássico, sendo que, cada vez mais, os casais sofrem pressão para manter valores e padrões morais tradicionais. Ainda, o meio familiar é valorizado como

o *locus* de realização de todas as expectativas emocionais e pessoais (PERLIN; DINIZ, 2005).

Contemporaneamente, concebe-se que o casamento pode ser um espaço de desenvolvimento das individualidades, sendo um processo de individuação entre os parceiros (FÉRES-CARNEIRO, 1998a; CARRASCO, 2000; GOMES; PAIVA, 2003). Para Féres-Carneiro (1998a, 2003), a constituição e a manutenção do casamento contemporâneo são muito influenciadas pelos valores do individualismo, sendo que os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Em contrapartida, constituir um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal ou conjugalidade.

Féres-Carneiro (2003) destaca que, no desenvolvimento da relação conjugal, valorizar os espaços individuais significa, muitas vezes, fragilizar domínios conjugais, assim como fortalecer a conjugalidade demanda, quase sempre, esmaecer as individualidades, levando à necessidade de equilíbrio entre os domínios individuais e conjugais. Para Berger e Kellner (1970), o casamento seria um ato dramático, no qual dois estranhos, portadores de um passado individual diferente, se encontram e se redefinem.

O drama do ato é internamente antecipado e socialmente legitimado muito antes de ele acontecer na biografia dos indivíduos. (...) O casal constrói assim, não somente a realidade presente, mas reconstrói a realidade passada, fabricando uma memória comum que integra os dois passados individuais. (FÉRES-CARNEIRO, 1998a, p.3).

Deste modo, na construção da conjugalidade, a literatura refere a regulação que deve ocorrer com as individualidades de cada cônjuge, além das expectativas depositadas no casamento, as quais têm um papel importante, tanto no momento da escolha do futuro cônjuge, quanto no do estabelecimento da relação conjugal

propriamente dita (PASCUAL, 1992; MAGAGNIN; KÖRBES; HERNANDEZ; CAFRUNI; RODRIGUES; ZARPELON, 2003; VARGAS, 2006; MENEZES; LOPES, 2007a; MENEZES; LOPES, 2007b).

Segundo revisão de Scorsolini-Comin e Santos (2008c; 2009a) sobre a conjugalidade, pode-se observar um movimento de se estudar não apenas esta noção no casamento (BOZON, 2003; GARCIA; TASSARA, 2003; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003; CICCIO; PAIVA; GOMES, 2005; VARGAS, 2006), mas também na coabitação (MENEZES; LOPES, 2007a; 2007b). Outras investigações foram feitas no contexto das transições para o casamento (MENEZES; LOPES, 2007a), na transição da conjugalidade para a parentalidade (MAGAGNIN et al., 2003; MENEZES; LOPES, 2007b), nos recasamentos (PASCUAL, 1992; FÉRES-CARNEIRO, 1998a; VARGAS, 2006) e também nas separações conjugais (FÉRES-CARNEIRO, 2003), além das uniões homoafetivas (FÉRES-CARNEIRO, 1997).

Para a Psicologia Positiva, o estabelecimento dos laços conjugais remontaria aos primeiros anos de vida e aos primeiros vínculos estabelecidos com os pais e com o mundo. Segundo Seligman (2004), o modo como as pessoas estabelecem vínculos na vida adulta (o que inclui o casamento) estaria fundado nas vinculações da primeira infância, ou seja, nos estilos seguro, esquivo ou ansioso. Desses estilos, os relacionamentos de configuração segura tenderiam a ter maior duração e fazer com que os cônjuges experimentassem maior sensação de felicidade e realização no casamento.

Os parceiros seguros sentir-se-iam mais confortáveis com a proximidade do outro, teriam menos ansiedade acerca do relacionamento e estariam mais satisfeitas com o casamento. Isso não significa que casamentos pautados nos estilos esquivo e ansioso estariam fadados ao fracasso, mas que esses relacionamentos, na perspectiva da Psicologia Positiva, deveriam ser analisados a partir de suas forças e virtudes, ou seja,

resgatando os aspectos potenciais e adaptativos de cada um dos cônjuges e do próprio relacionamento.

Magalhães e Féres-Carneiro (2003) analisaram as relações entre conjugalidade, identificação e o papel dos ideais no processo de produção das subjetividades dos parceiros. Com base em uma leitura psicanalítica da conjugalidade, consideram que a trama identificatória conjugal, originada no momento da escolha amorosa, reatualiza vivências edípicas e pré-edípicas e, ao mesmo tempo, representa uma oportunidade de recriação do eu. O percurso do processo identificatório, denominado de trama pelas autoras, justifica-se devido ao entrelaçamento dos “eus” na conjugalidade, o que ocupa uma posição central na abordagem psicanalítica, não somente pelo fato de a identificação operar na constituição da subjetividade, destacando os efeitos estruturais do complexo edípico, mas também por abrir possibilidades para outros desdobramentos e explorações teóricas. “Tais desenvolvimentos abrangem desde a concepção das instâncias psíquicas até o papel da relação transferencial e seus desdobramentos identificatórios” (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003, p.41-42).

Segundo Magalhães e Féres-Carneiro (2003), durante todo o processo de subjetivação, que se perpetua por toda a existência, o sujeito busca preencher o intervalo que se instaura entre o eu e seu ideal. É a perda do estado narcísico inicial que propicia o reconhecimento do objeto e o movimento de criação dos ideais. Esse movimento visa à integração do eu e a relação amorosa participa desse esforço integrador. Assim,

A conjugalidade depende do reconhecimento do objeto como discriminado do eu e da criação de ideais compartilhados. Os ideais, por sua vez, impulsionam o desenvolvimento psicológico graças à promessa ilusória que incorporam de retorno ao estado de completude. (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003, p.48).

A conjugalidade, “alicerçada em aspirações fusionais, mobiliza nos sujeitos-parceiros reestruturações subjetivas, engendradas nas interpenetrações amorosas”

(MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 41). Deste modo, as autoras consideram que na conjugalidade,

[...] quando a estabilidade da relação corresponde à manutenção do estado amoroso, em razão do investimento realizado pelos parceiros por ocasião do engajamento conjugal, é possível observar o desenvolvimento da imagem do ideal do eu, mediante o laço conjugal, e suas influências na constituição das subjetividades em jogo (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 49).

Acerca da desconstrução da conjugalidade na pós-modernidade, Diniz-Neto e Féres-Carneiro (2005) afirmam que as mudanças na instituição do casamento não são novas, sendo que na crise contemporânea, parece ocorrer uma mudança nos padrões do relacionamento entre indivíduos, com um aumento da mobilidade social, tornando possível que relações insatisfatórias possam ser resolvidas com o rompimento conjugal. Na opinião dos pesquisadores, baseados em ampla revisão na literatura científica, não parece que a instituição casamento esteja agonizante, mas que estejamos, também, em busca de padrões mais satisfatórios e funcionais de relacionamento amoroso que “propiciem condições melhores para o processo de diferenciação e desenvolvimento psicológico e emocional dos parceiros” (DINIZ-NETO; FÉRES-CARNEIRO, 2005, p.134).

A pós-modernidade, de acordo com Féres-Carneiro (1998a), vem nos obrigando a trabalhar dentro de novos paradigmas, o que vem sendo trazido dentro da clínica, por exemplo, que deve estar não apenas preparada para novas demandas, como aberta às mesmas. A terapia de casal deve ir além da concepção clássica de duas individualidades e uma conjugalidade, mas estar disposta a questionar modelos e a refletir sobre formas renovadas e possibilitadoras de novos encontros, perspectivas e saberes. E isso não deve se dar apenas a partir da clínica. Quais as possibilidades de intervenção que não a terapia de casal? Pode-se falar em eficácia nas intervenções com casais? Qual o critério de êxito nas intervenções com casais?

Para Vargas (2006), a ideia (re)produzida culturalmente de que o casamento é uma instituição feliz entra em choque com esses caminhos, pois não levam em consideração as necessidades de amadurecimento psíquico dos cônjuges.

Como colocado por Bozon (2003), contemporaneamente, o ideal do casamento por amor se dissolveu progressivamente no de casal por amor, por causa do enfraquecimento do casamento institucional, o que não equivale a um desaparecimento nem a um declínio da aspiração à união, mas a uma transformação no modo como as pessoas se unem e iniciam uma vida a dois. A conjugalidade, de modo uníssono, deve ser encarada a partir não da união de individualidades (FÉRES-CARNEIRO, 1998a; FÉRES-CARNEIRO, 2003), mas da construção de um espaço de coabitação de desejos e de expectativas, da criação de uma realidade subjetiva partilhada, da transformação de duas identidades em uma comum, ou seja, a conjugalidade.

Como no título deste capítulo, inspirado em Caillé (1991), a soma de duas individualidades não formaria duas identidades ou duas realidades, mas uma terceira, recriada, conjugada e coabitada subjetivamente. “Na díade conjugal, um e um não são dois, mas três, pois são dois cônjuges e o modelo único, o absoluto da relação” (ZIVIANI; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES; BUCHER-MALUSCHKE, 2006, p. 22). É mister, portanto, olhar para este espaço construído e legitimado pelo casal no desvelar do casamento.

E de que modo a conjugalidade vem sendo mensurada? O estudo de Ziviani, Féres-Carneiro, Magalhães e Bucher-Maluschke (2006), por exemplo, apresenta um instrumento de avaliação da conjugalidade dos pais, ou seja, como os filhos percebem o relacionamento dos pais. O questionário avalia os seguintes itens: identidade conjugal, expressão do afeto, gratificação conjugal e maturidade conjugal. Este instrumento verifica o modo como a conjugalidade dos pais vem sendo organizada pela díade e

como vem sendo elaborada e percebida pelos filhos. Mas como a conjugalidade poderia ser mensurada levando-se em conta a vivência do casal, ou seja, a partir das próprias respostas do casal, pautadas na sua imersão e construção da relação?

Avaliar a conjugalidade significa mensurar o grau de satisfação do casal com relação ao casamento? Não, apenas. A avaliação da conjugalidade deve abarcar uma série de fatores, como a interação conjugal, a resolução de problemas conjugais, o significado da união para o casal, sua repercussão para a vida de cada um, as dificuldades no estabelecimento dessa conjugalidade, entre outros aspectos. No capítulo seguinte, tratar-se-á da questão da satisfação. Aqui partiremos do pressuposto de que avaliar a satisfação em um relacionamento é sim avaliar a conjugalidade daquele casal. Uma vez que os instrumentos de mensuração da satisfação conjugal se remetem a uma série de aspectos vivenciados no cotidiano conjugal, como a própria expressão do afeto, por exemplo, pode-se problematizar que se trata de uma avaliação da conjugalidade também.

Assim, em termos da vivência da conjugalidade, que é experienciada de diferentes modos pelos casais contemporâneos, pode-se pensar na noção de satisfação conjugal, ou seja, a partir da configuração de uma conjugalidade, qual a percepção do par acerca da mesma? Como cada membro da díade percebe e avalia subjetivamente o relacionamento conjugal e, por conseguinte, a conjugalidade? A satisfação conjugal pode ser concebida como a avaliação da conjugalidade ou se refere a uma noção específica? Quando falamos em conjugalidade, abordamos um espaço comum do casal. Mas no caso da satisfação conjugal, falamos em uma satisfação do casal ou dos cônjuges separadamente?

Assim, ligado ao conceito de conjugalidade, a noção de satisfação conjugal também será investigada neste estudo, no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

Felizes para sempre: investigando a satisfação conjugal

*O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.
Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.*

(ADÉLIA PRADO, 1991)

Satisfação

- Do latim *satisfactionis* (pagamento de uma dívida, pena, castigo, reparação, satisfação)
1. Ato ou efeito de satisfazer-se; contentamento, prazer advindo da realização do que se espera, do que se deseja.
(HOUAISS; VILLAR, 2001)

Mas é melhor casar do que arder.
(CLARICE LISPECTOR, 1998b)

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2006 o total de casamentos no Brasil foi de 889.828, número 6,5% maior do que o apurado no ano anterior, confirmando a tendência de crescimento que vem sendo registrada no país desde 2002. Segundo o documento de divulgação da pesquisa, o aumento pode estar relacionado à legalização de uniões consensuais. Além disso, os pesquisadores atribuem a expansão também à realização de casamentos coletivos, que têm o atrativo da redução de custos. De acordo com os técnicos da pesquisa, a questão dos custos é responsável também pela realização do maior número de casamentos em dezembro, quando o pagamento de décimo terceiro salário e outros benefícios aumentam a disponibilidade financeira.

A pesquisa mostra que, em 2006, do total de casamentos realizados, 85,2% ocorreram entre solteiros. No entanto, houve declínio nesse tipo de casamento, que em 1996 representava 90,9% do total. Por outro lado, é crescente a proporção de casamentos entre indivíduos divorciados com cônjuges solteiros. O percentual de homens divorciados que se casaram com mulheres solteiras passou de 4,2% do total de casamentos realizados no país em 1996 para 6,5% em 2006. Também houve aumento do percentual de casamentos entre cônjuges divorciados, de 0,9% em 1996 para 2,2% em 2006 (IBGE, 2007).

Para Dessen e Braz (2005), o relacionamento marital tem sido apontado, recentemente, como um fator preponderante para a qualidade de vida das famílias,

particularmente no que tange às relações que pais e mães mantêm com suas crianças. O relacionamento conjugal está associado à saúde e qualidade de vida, principalmente nos anos de maturidade e velhice, embora o fato de um casamento durar não necessariamente signifique que o mesmo é satisfatório para os cônjuges. Segundo Costa (2005), a conjugalidade é fundamental para o bem-estar psicológico e social dos indivíduos.

Segundo Perlin (2006), casamento e satisfação ficaram, ao longo da história do ocidente, estreitamente interdependentes. O casamento, dentro de nossa estrutura política e econômica, tem sido definido como uma resultante social que satisfaz necessidades básicas do indivíduo. Dias (2000) afirma que o casamento contemporâneo tem algumas características determinantes, entre as quais está a busca da felicidade, da satisfação e do amor. O desejo intenso de estar com o outro motiva o casamento e determina a escolha do parceiro, “pois os indivíduos esperam encontrar nestes relacionamentos uma compatibilidade afetiva, sexual e intelectual” (PERLIN, 2006, p.66).

Miranda (1987) destaca que a abordagem científica da satisfação conjugal iniciou-se por volta de 1929 por meio da obra de Gilbert Hamilton, intitulada de “A research in marriage”. Para Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin (2004), a satisfação conjugal é um fenômeno complexo, no qual interferem diversas variáveis. O casamento transforma-se ao longo do ciclo de vida familiar e, assim, o nível de satisfação também varia com o decorrer dos anos de convívio, sendo necessário que se discutam as contemporâneas formas com que vêm se desenhando os casamentos e as uniões estáveis.

O ajustamento conjugal, as formas de comunicação e as estratégias de resolução de conflitos empregadas pelo casal influenciam o desenvolvimento de padrões de

cuidado dos filhos e a qualidade das relações entre os genitores e suas crianças. Por exemplo, casamentos saudáveis proporcionam mais suporte aos cônjuges que relações maritais insatisfatórias e o apoio emocional dos pais às mães favorece o desenvolvimento saudável dos filhos (DESSEN; BRAZ, 2005).

Apontam-se inúmeros prejuízos diretos e indiretos, tanto para os cônjuges, como para seus filhos, provocados por uma relação conjugal insatisfatória.

As consequências negativas das relações maritais insatisfatórias, e possivelmente do divórcio ou da separação do casal, incluem o aumento do risco de os cônjuges apresentarem psicopatologias, de estarem envolvidos em acidentes automobilísticos, de exposição à incidência de doenças físicas, de cometerem suicídio, homicídio ou atos de violência, de mortalidade em função de doenças em geral, entre outras. (BRAZ; DESSEN; SILVA, 2005, p. 151).

O conceito de satisfação conjugal se encontra diretamente vinculado ao contexto social no qual o relacionamento afetivo está inserido. Neste sentido, pode-se observar a evolução que, ao longo dos anos, foi-se produzindo na tentativa de definição deste fenômeno. Algumas das primeiras conceituações registradas na década de cinquenta enfatizavam a tendência de acomodação entre os parceiros. Neste caso, pode-se pensar que a ideia de estabilidade, adequação e adaptação entre os sujeitos envolvidos na relação era considerada um valor importante no ajuste e satisfação conjugal (WAGNER; FALCKE, 2001).

Como destacado por Perlin (2006), a satisfação é um elemento fundamental em um relacionamento interpessoal. Segundo revisão feita por esta autora, existe uma verdadeira diversidade de definições do que seja a satisfação no casamento. Evocando o trabalho de outros autores, diversos termos são utilizados na literatura científica, como satisfação conjugal, satisfação matrimonial, estabilidade, qualidade, ajuste, felicidade, sucesso, consenso e integração matrimonial (DINIZ, 1993; DELA COLETA, 2006). Essa diversidade também é apontada por Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006) no

sentido de que pode dificultar a comparação de estudos, uma vez que se deve abordar até que ponto esses termos são sinônimos ou representam modelos distintos de compreensão da relação conjugal.

Segundo Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006), apesar da ampla utilização do conceito de qualidade conjugal, identifica-se falta de clareza conceitual acerca das variáveis que o compõem. Alguns estudos resgatados por essas autoras mostram que a qualidade do relacionamento conjugal estaria relacionada ao bem-estar dos cônjuges e seus filhos, às respostas fisiológicas dos cônjuges, às variáveis sociodemográficas, à saúde física do casal, à depressão, à psicopatologia, às características de personalidade e a combinações entre estas variáveis.

Wagner e Falcke (2001) definem que a satisfação conjugal é um construto complexo a ser definido. Tal complexidade deve-se ao fato de que ela é composta por diferentes variáveis, desde as características de personalidade dos cônjuges e as experiências que eles trazem das suas famílias de origem até a maneira como eles constroem o relacionamento a dois. Segundo tais autoras, o relacionamento amoroso é um tema frequente e polêmico, tanto nas discussões do cotidiano entre pessoas leigas, como no meio de especialistas que se dedicam a estudar o assunto.

Dela Coleta (1992) resgata o trabalho de Spanier (1976), que usa a expressão “ajustamento conjugal”, referindo-se a ajustamento, comunicação, felicidade, integração e satisfação. Ainda segundo Dela Coleta (1992), a satisfação conjugal seria a comparação entre expectativas do casamento e seus resultados e estabilidade conjugal seria a comparação entre a melhor alternativa possível de avaliação e o resultado do casamento.

Corroboramos a percepção de Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro (2006) e de Wagner e Falcke (2001) de que a conceituação do que seria um casamento satisfatório é

uma tarefa árdua no meio científico, uma vez que a análise das pesquisas internacionais da área, na última década, apontam para um alto índice de fatores que se associam à definição deste conceito de satisfação conjugal.

Esta multiplicidade pode ser justificada, segundo Wagner e Falcke (2001), pelo fato do casamento ser um momento em que se abre a porta da família para a entrada de um novo membro, oriundo de um outro sistema familiar, que possui a sua subjetividade, a sua individualidade, a sua heterogeneidade. Este apontamento leva à consideração da família de cada cônjuge ao se estudar a satisfação no casamento, uma vez que a maioria dos estudos elege outras variáveis para os estudos de correlação, como idade, sexo, tempo e duração do casamento, aspectos socioeconômicos e outros (NORGREN et al., 2004; MAGAGNIN et al., 2003).

Posto isso, neste estudo, a partir das contribuições de Diniz (1993), Perlin (2006) e Dela Coleta (2006), a satisfação conjugal será entendida como uma avaliação subjetiva do casamento, obtida após comparação do que é percebido no casamento com os modelos e expectativas construídos sobre os casamentos a partir da sociedade e da cultura.

E como podemos mensurar a satisfação conjugal? Quais os instrumentos mais utilizados, segundo a literatura científica? Essas questões serão abordadas a seguir.

Casamento na medida: mensurando a satisfação conjugal

A partir de uma revisão acerca dos instrumentos de avaliação da satisfação conjugal, Scorsolini-Comin e Santos (2008c) destacam os estudos de Perlin e Diniz (2005), Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin (2004) e Magagnin, Kõrbes; Hernandez; Cafruni; Rodrigues e Zarpelon (2003), que utilizaram a Escala de Ajustamento Diádico (DAS). A escala foi desenvolvida por Graham Spanier em 1976,

sendo traduzida e adaptada para a população brasileira. Segundo Perlin e Diniz (2005), a DAS é considerada uma das medidas mais sólidas e globais da qualidade das relações interpessoais pela coerência dos itens agrupados em quatro subescalas que abarcam áreas fundamentais dos relacionamentos: satisfação, coesão, consenso e expressão de afeto.

Segundo Perlin (2006), a DAS é um dos instrumentos mais utilizados na pesquisa a respeito da satisfação conjugal, além de possuir as melhores características psicométricas. Spanier (1976) entende o conceito de ajuste matrimonial como multidimensional, caracterizando-se por um processo, cujo resultado é determinado pelo grau de incômodas diferenças conjugais, tensões no casal e ansiedade pessoal, satisfação conjugal, coesão diádica e consenso em questões importantes para o funcionamento do casal.

Norgren et al. (2004) também utilizaram outros instrumentos adicionais à DAS, como: a) *Lista de Classificação de Problemas* (temas: filosofia de vida, valores, questões financeiras, lazer, amizades, educação de filhos, carreira, espaço pessoal, casos extraconjugais, ciúmes, temperamento do cônjuge); b) *Questionário de Avaliação de Estratégias de Resolução de Conflitos e Comunicação (HSP - Health and Stress Profile)* (temas: capacidade de comunicação conjugal, capacidade de resolução de problemas, relacionamento conjugal em termos de coesão e flexibilidade); c) *Lista de motivos que levam o casal a permanecer junto* (temas: valores e crenças, normas e expectativas sociais, solução positiva de problemas, motivos econômicos ou de ordem prática e motivos neuróticos); d) *Lista de componentes de Satisfação Conjugal* (temas: confiança mútua, respeito mútuo, amor, lealdade, segurança econômica, relacionamento igualitário, humor, alegria e atratividade do cônjuge).

Wachelke, Andrade, Cruz, Faggiani e Natividade (2004) realizaram um estudo para descrever a construção e validação de uma escala de satisfação em relacionamento de casal, composta por subescalas capazes de medir aspectos componentes da satisfação com relacionamento. Para constituir a Escala Fatorial da Satisfação em Relacionamento de Casal (EFS-RC) foram elaborados nove itens, divididos em dois fatores: Satisfação com Atração Física e Sexualidade; e Satisfação com Afinidades de Interesses e Comportamentos.

Com base na literatura científica sobre o fenômeno da satisfação em relacionamentos, o construto foi definido como uma avaliação individual dos benefícios originados de uma relação amorosa ou sexual em qualquer grau de intimidade. Foi considerado que os dois fatores da EFS-RC representam satisfação com aspectos delimitados do relacionamento, não cobrindo todos os campos da relação.

Segundo esse modelo, a qualidade global do relacionamento de casal não fica relacionada a um componente apenas, mas sim a seis componentes singulares: satisfação, companheirismo, confiança, intimidade, paixão e amor. A satisfação com o relacionamento de casal é entendida como um componente da qualidade de relacionamento percebida (WACHELKE et al., 2004). Para os autores, a satisfação também seria um fator superior a outros, referentes a esferas específicas da relação de casal. É nesse contexto que podem ser enquadradas as dimensões mensuradas pela EFS-RC. Os resultados apontam que a satisfação com as afinidades entre os companheiros de relacionamento é menor e mais variável, enquanto a satisfação com a sexualidade e aparência dos companheiros é maior e apresenta medidas mais parecidas entre si.

Em estudo posterior de Wachelke, Andrade, Souza e Cruz (2007) sobre a validação fatorial desse mesmo instrumento, os resultados confirmaram a estrutura fatorial da EFS-RC, apontando para uma relativa robustez do instrumento e dos

aspectos analisados ao tratar com populações de características demográficas distintas. No entanto, os autores destacaram que alguns itens podem apresentar flutuações na representatividade do construto de satisfação com o relacionamento.

Os índices de confiabilidade foram mais elevados neste segundo estudo que no realizado por Wachelke et al. (2004), o que pode ser um indicativo de que a escala é mais eficiente quando os participantes estão inseridos em relações amorosas mais estáveis, visto que no primeiro estudo foi permitida a inclusão de casais que não necessitavam estar namorando ou casados.

A seguir, abordar-se-á como a satisfação conjugal vem sendo estudada no contexto da pós-modernidade, seus avanços e limites a partir dos estudos contemporâneos.

Satisfação conjugal na pós-modernidade

Uma visão contemporânea a respeito da felicidade no casamento é apresentada por Gottman e Silver (2000). Figueiredo (2005) afirma que, por meio das pesquisas realizadas por Gottman e sua equipe, foi possível perceber o perfil do que eles chamaram de um casamento que funciona. Os casais avaliados como felizes não são mais inteligentes, ricos ou mais astutos. O que os diferencia dos demais é a habilidade para viver diariamente impedindo que os pensamentos e sentimentos negativos mútuos, comuns em todo relacionamento, dominem os positivos (FIGUEIREDO, 2005).

Um elemento importante da qualidade do relacionamento conjugal é uma relação sexual satisfatória. As pesquisas que relacionam satisfação conjugal e relacionamento sexual revelam a intimidade entre essas duas variáveis (FIGUEIREDO, 2005). Em uma pesquisa com homens e mulheres, de diferentes faixas etárias, Féres-Carneiro (1997) constatou a importância da atividade sexual para ambos. Tanto os

homens quanto as mulheres demonstraram valorizar significativamente a relação sexual para uma vida a dois bem sucedida.

L'Abbate e Dasso (2004), discutindo sobre as enfermidades psíquicas, abordam a questão do casamento, descrevendo que na relação conjugal devem ser descritos quatro aspectos, a saber: companheirismo, sexualidade, procriação e a vida conjugal e familiar. Cada um desses aspectos possui determinados valores que são disseminados e incorporados pelo casal e cada um de seus membros. Esses valores, juntamente com os ideais, são importantes para a felicidade da pessoa, sendo capaz de sanar certas enfermidades, constituindo um fator imprescindível para a orientação das pessoas nos aspectos mais profundos da vida e do casamento.

A respeito dos valores conjugais, L'Abbate e Dasso (2004) consideram diferentes níveis de relação conjugal, advertindo que cada elo que se constitui é um depositário de um ou de diversos valores. O companheirismo, a sexualidade, a procriação e a vida conjugal e familiar possuem uma importância clínica, às quais se agregam outros níveis que podem interferir, como o profissional, o esportivo, o religioso, entre outros. Todos esses valores que existem e que se agregam à relação conjugal devem ser analisados, a fim de que se possa abordar, de fato, o conceito de conjugalidade.

Segundo Costa (2005), estudos que avaliaram a qualidade dos relacionamentos afetivos atestam que indivíduos com maior desenvolvimento da conjugalidade tendem a estabelecer relações mais sadias e próximas com seus parceiros de interação; apresentam maior facilidade de expressão do afeto; usam estratégias de resolução de conflito mais construtivas, tendo alto grau de satisfação em suas relações e identidades bem estabelecidas.

A partir disso, poderíamos supor que quão mais satisfeitas as pessoas se sentem no casamento, mais seriam felizes também em termos individuais, ou seja, apresentariam maior nível de BES. Mas quais domínios do BES estariam mais diretamente ligados a essa satisfação no casamento? Seria o alto nível de afetos positivos, o baixo nível de afetos negativos ou a elevada satisfação com a vida? Ou, ainda, a conjugação desses três aspectos?

Norgren et al. (2004) investigaram os casamentos de longa duração. O estudo identifica os processos e variáveis associadas à satisfação conjugal em casamentos de longa duração, ou seja, mais de 20 anos. Em cerca de metade dos casais estudados, ao menos um dos cônjuges estava satisfeito. Comparando-se casais satisfeitos e insatisfeitos foi possível identificar que a satisfação aumenta quando há proximidade, estratégias adequadas de resolução de problemas, coesão, boa habilidade de comunicação, se os cônjuges estiverem satisfeitos com seu status econômico e forem praticantes de sua crença religiosa.

Na visão de Norgren et al. (2004), é importante perceber que a relação conjugal é uma construção e que, ao casar, o trabalho está apenas começando. Os casais ditos satisfeitos demonstraram que seu casamento “permanece vivo, em transformação, pois eles continuam a investir no mesmo e a acreditar que é possível estar casado há muito tempo e continuar unido para o que der e vier” (NORGREN et al., 2004, p.583).

Considerando as causas do sucesso e do fracasso no casamento, Dela Coleta (1991) realizou um estudo para verificar os elementos destacados como importantes no sucesso e no fracasso conjugal. Entre os principais motivos de sucesso conjugal, destacaram-se a compreensão e o diálogo entre os cônjuges. Por outro lado, os motivos relacionados ao fracasso conjugal estavam em oposição às características de sucesso conjugal. Os motivadores do fracasso no casamento foram as discussões e as brigas.

Como a avaliação do relacionamento conjugal é feita pelo casal e de que modo essa vivência pode ser apreendida em termos de satisfação? Quais aspectos estariam efetivamente relacionados a esta percepção satisfatória de casamento? Como abordar as diferentes percepções acerca de um mesmo relacionamento conjugal? Na avaliação da satisfação conjugal, quais seriam os fatores relacionados à conjugalidade e à satisfação individual (BES)?

É possível que pensemos que a satisfação conjugal, por ser uma avaliação de percepção individual, também envolva aspectos como a satisfação com a vida? Essa satisfação com a vida não seria influenciada, também, pela vivência conjugal? Por alguns estudos trazidos nesses três primeiros capítulos, em termos dos fatores gerais de BES e satisfação conjugal, por exemplo, podemos supor que sim. Mas quais componentes do BES, da conjugalidade e da satisfação conjugal estariam mais correlacionados e poderiam nos auxiliar a investigar o papel do relacionamento conjugal na percepção subjetiva de felicidade e desta última na satisfação no casamento? Essas são algumas das questões que orientam os objetivos e as hipóteses do estudo, expressos a seguir.

OBJETIVOS

A hora era de nada e tanto; e ela era sempre a espera. Afoito, ele lhe perguntou:

– “Você tem vontade de confirmar o rumo de sua vida? – falando-lhe de muito coração.

– “Só se for já...” – e, com a resposta, ela riu clara e quentemente, decerto que sem a propositada malícia, sem menosprezo. Devia de ter outros significados o rir, em seus olhos sacis.

(GUIMARÃES ROSA, 1988, p. 141-142)

Este estudo tem por objetivo investigar as relações existentes entre os domínios dos construtos bem-estar subjetivo (BES), conjugalidade e satisfação conjugal em pessoas casadas. Assumindo como referencial teórico a Psicologia Positiva, serão analisados os possíveis paralelos existentes entre o modo como a pessoa percebe a sua vida em termos individuais e o modo como apreende seu relacionamento afetivo, tendo como premissa que a afetividade é parte constituinte da vida do indivíduo.

Como hipóteses a serem investigadas, elencam-se:

Hipótese 1: Os domínios do BES devem ser correlacionados entre si, bem como também os domínios da conjugalidade e da satisfação conjugal.

Hipótese 2: Como a literatura aponta que pessoas casadas são mais felizes, hipotetiza-se que haja correlações positivas e significativas entre o BES e a conjugalidade e entre o BES e a satisfação conjugal.

Hipótese 3: Havendo correlação entre os construtos BES e conjugalidade, hipotetiza-se que alguns domínios estejam mais fortemente ligados, como a satisfação com a vida (domínio do BES) e a satisfação (domínio da conjugalidade).

Hipótese 4: Apesar da conjugalidade ser investigada neste estudo a partir de um instrumento de avaliação do ajustamento diádico (DAS), hipotetiza-se que ela apresente correlação significativa com a satisfação conjugal, na medida em que são construtos que possuem domínios conceitualmente próximos, como consenso e coesão diádicos (domínios de conjugalidade) e interação conjugal (domínio da satisfação conjugal).

Com base nos objetivos e nas hipóteses traçadas, a meta é discutir a implicância ou não dos relacionamentos afetivos em termos da conjugalidade e da satisfação conjugal para a constituição do BES, dimensionando e problematizando esses conceitos com base nos enfoques contemporâneos sobre felicidade e relacionamento conjugal.

MÉTODO

*la vie en close
c'est une autre chose
c'est lui
c'est moi
c'est ça*

*c'est la vie des choses
qui n'ont pas
un autre choix*

(PAULO LEMINSKI, 2004)

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo de caráter descritivo, transversal e correlacional.

Participantes

Em termos de critérios de inclusão/exclusão, não se restringiu duração máxima para os casamentos, idade, ocupação, quantidade de filhos ou classificação socioeconômica. Entre os critérios de inclusão, destacaram-se: estar consensualmente casado no mínimo há um ano, não possuir indícios de comprometimentos cognitivos ou comportamentais, nem estar em processo de separação conjugal.

Em termos do perfil da amostra (Tabela 1), esta foi composta por 106 participantes (membros de 53 casais heterossexuais), legalmente casados há, no mínimo, um ano, com ou sem filhos. Neste trabalho, não foram estudados os casais propriamente ditos (díades), uma vez que o objetivo foi investigar as correlações em pessoas casadas. Em estudos posteriores, as díades poderão ser analisadas uma a uma, partindo dos resultados desta abordagem inicial.

A média em anos de casamento foi de $16,11 \pm 11,35$. Acerca da idade dos participantes, tem-se que a idade média é de 42 ± 11 anos. A média de idade dos homens é de 43,4 anos, ao passo de que a das mulheres é de 40,7. Em relação ao número de filhos dos casais participantes, a média é de 1,49 filhos para cada participante, com desvio padrão de 1,22. Em termos da classificação socioeconômica, a partir do critério Abipeme que será descrito posteriormente, a maioria pertence à classe B (60,37%).

Aliado à classificação socioeconômica, tem-se que a renda *per capita* é de 5,03 salários, com desvio padrão de 3,63. Em relação ao grau de instrução dos participantes, a maioria (66,98%) possui nível superior, o que se observa tanto entre homens quanto entre mulheres. A seguir, a caracterização completa da amostra.

Tabela 1: Caracterização do perfil da amostra, em termos de idade, número de filhos, classificação socioeconômica e grau de instrução/nível de escolaridade dos participantes por sexo (N=106)

Participantes	Média (em anos)	Desvio padrão (em anos)	
Homens	43,415	11,81	
Mulheres	40,754	10,97	
Total	42,084	11,42	

Quantidade de filhos	Frequência	Porcentagem (%)
0	35	33,01
1	12	11,32
2	34	32,07
3	22	20,75
4	3	2,83
Total	106	100,0

Classificação socioeconômica	Frequência (número de participantes)	Porcentagem %
A	30	28,3
B	64	60,37
C	10	9,44
D	2	1,89
E	0	0
Total	106	100,0

Grau de instrução/escolaridade	Homens	Homens	Mulheres	Mulheres	Total
		%		%	%
Fundamental incompleto	2	3,77	0	0	1,88
Fundamental completo	0	0	1	1,88	0,94
Médio incompleto	4	7,55	1	1,88	4,7
Médio completo	8	15,1	6	11,32	13,2
Superior incompleto	8	15,1	5	9,43	12,26
Superior completo	31	58,49	40	75,47	66,9

Em relação às profissões/ocupações, a maioria dos participantes é composta por profissionais liberais, com destaque para as profissões de psicólogo e engenheiro. Outra profissão de destaque é a de professor. Destaca-se, ainda, a baixa frequência de donas de casa (seis em uma amostra de 53), ou seja, de mulheres que não possuem uma ocupação externa e passam a maior parte do tempo em casa. Assim, pode-se dizer que a maioria dos participantes possui nível superior de instrução e exercem atividade remunerada, com vínculo formal de trabalho.

Tais participantes foram encontrados pela técnica da “bola de neve”, em que novos participantes foram indicados pelos próprios respondentes, a partir dos contatos do pesquisador. Apesar deste estudo não investigar propriamente os casais (os pares), mas sim pessoas casadas, aqueles foram contatados a fim de facilitar tanto a coleta de dados como possibilitar investigações futuras a partir do enfoque no casal. Todos foram, inicialmente, esclarecidos sobre os objetivos do trabalho por meio do Termo de Esclarecimento ao Participante (Apêndice A) e, após concordarem em participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B).

Instrumentos

As escalas e questionários utilizados foram construídos pelos autores a partir de instrumentos internacionais de grande aplicação, uma vez que há poucos trabalhos e instrumentos sobre conjugalidade e BES adaptados para a população brasileira (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004; ALBUQUERQUE, 2004), em contraste com a farta produção bibliográfica especializada no exterior. Os presentes instrumentos foram selecionados devido ao fato de possuírem validação para o contexto nacional. A opção pelo material nacional fez-se na medida em que o processo de validação de ferramentas

internacionais especificamente para esta pesquisa inviabilizaria a realização da mesma e se distanciaria dos objetivos ora propostos. A seguir, a descrição de cada instrumento:

Identificação geral do participante

A) Questionário Sociodemográfico

Desenvolvido especificamente para esta pesquisa, tem como objetivo obter dados gerais do participante como nome, idade, sexo, grau de instrução, informações relativas às atividades profissionais, renda familiar, tempo de duração do relacionamento (há quanto tempo os parceiros estão juntos, em união estável) e se possuem filhos ou não. Essas informações são importantes para que se conheça o perfil mínimo dos participantes, com informações estritamente relevantes para a pesquisa (Apêndice C).

B) Classificação Socioeconômica

O critério Abipeme (1997) é uma escala ou classificação socioeconômica por intermédio da atribuição de pesos a um conjunto de itens de conforto doméstico, além do nível de escolaridade do chefe de família. A classificação socioeconômica da população é apresentada por meio de cinco classes, denominadas A, B, C, D e E correspondendo, respectivamente, a uma pontuação determinada (Anexo A).

Avaliação do Bem-estar Subjetivo (BES)

C) Escala de Bem-estar Subjetivo – EBES (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004):

A EBES trata-se de um instrumento inspirado em escalas existentes no exterior: Escala de Afeto Positivo e Afeto Negativo – PANAS (WATSON; CLARK; TELLEGEN, 1988), Escala de Satisfação com a Vida – SWLS (DIENER; EMMONS;

LARSEN; GRIFFIN, 1985) e Escala de Bem-estar Subjetivo – SWBS (LAWRENCE; LIANG, 1988), com itens elaborados e analisados em grupos de validação semântica.

É composta por três fatores: afeto positivo (21 itens e alfa de Cronbach de 0,95), afeto negativo (26 itens e alfa de Cronbach de 0,95) e satisfação com a vida (15 itens e alfa de Cronbach de 0,90). O instrumento é composto por duas subescalas de resposta tipo Likert de cinco pontos. Na primeira parte da escala, os itens vão do número 1 ao 47 e descrevem afetos positivos e negativos, devendo o sujeito responder como tem se sentido ultimamente numa escala em que 1 significa nem um pouco e 5 significa extremamente.

Na segunda parte da escala, os itens vão do número 48 ao 62 e descrevem julgamentos relativos à avaliação de satisfação ou insatisfação com a vida, devendo ser respondidos numa escala onde 1 significa discordo plenamente e 5 significa concordo plenamente. Este instrumento foi validado por Albuquerque e Tróccoli (2004) utilizando como amostra os policiais civis (homens e mulheres) da cidade de Brasília (DF). Deste modo, a utilização deste instrumento visa, também, descrever como o mesmo se comporta para uma amostra de casais com características diferentes da amostra de validação, ainda que no contexto brasileiro.

Avaliação da Conjugalidade

D) Escala de Ajustamento Diádico – DAS (SPANIER, 1976)

Escala de origem norte-americana desenvolvida por Spanier (1976) para avaliação da percepção de casais acerca de seus relacionamentos afetivos. É uma escala mundialmente conhecida, com adaptações para vários países e culturas. Composta por 32 itens, possui 4 domínios, a saber: consenso (13 itens), coesão (5 itens), satisfação (10 itens) e expressão do afeto (4 itens) (Anexo C).

A *Dyadic Adjustment Scale* (DAS) foi desenvolvida por Spanier (1976) com base no conceito de ajustamento conjugal. De acordo com esse autor, o ajustamento conjugal pode ser visto em duas perspectivas distintas – como um processo ou uma avaliação qualitativa de um estado. Para o autor, definir ajustamento conjugal como um processo tem diversas implicações, sendo a mais importante delas a de que um processo pode ser melhor estudado ao longo do tempo. Segundo Hernandez e Hutz (2008), os estudos transversais na investigação do ajustamento têm algum valor, contudo, é evidente que um processo pode ser observado melhor mediante delineamentos longitudinais.

Uma definição de processo é estabelecida não apenas pela existência de um *continuum*, mas também na crença de que há movimento junto com o *continuum*. Assim, o processo de ajustamento conjugal consiste nos eventos, circunstâncias e interações que movem o casal para frente e para trás junto com esse *continuum*. (HERNANDEZ; HUTZ, 2008, p. 135).

Ainda segundo esses autores, a DAS teve sua primeira análise fatorial confirmatória realizada em 1982, em que foi encontrada uma solução para quatro fatores, explicando 94% da covariância entre os itens. O coeficiente alfa de Cronbach para a escala toda foi de 0,91. As suas dimensões são:

Consenso diádico: avalia a percepção do nível de concordância do casal sobre uma variedade de questões básicas da relação, tais como: financeiras, lazer, religiosas, amizades, convencionalidade, filosofia de vida, negócios com parentes, metas, tempo gasto junto, tomadas de decisão, tarefas domésticas, tempo com lazer e decisões profissionais (HERNANDEZ; HUTZ, 2008).

Satisfação diádica: mede a percepção das questões relativas à discussão do divórcio, à saída de casa após briga, ao arrependimento com o casamento, à implicância mútua, ao estar bem, à confiança no cônjuge, ao beijo no cônjuge, ao grau de felicidade e ao compromisso com o futuro do relacionamento (HERNANDEZ; HUTZ, 2008).

Coesão diádica: examina o senso de compartilhamento emocional do casal. Esses itens medem a percepção relativa ao engajamento mútuo em interesses externos, à estimulação de ideias, à diversão conjunta, à discussão tranquila e ao trabalho conjunto em projetos (HERNANDEZ; HUTZ, 2008).

Expressão diádica de afeto: mede a percepção da concordância dos cônjuges sobre as demonstrações de afeto, as relações sexuais, a falta de amor e as recusas ao sexo (HERNANDEZ; HUTZ, 2008).

É uma escala mundialmente conhecida, com adaptações para vários países e culturas (MAGAGNIN et al., 2003). No Brasil, foi utilizada em muitas pesquisas que avaliam a satisfação conjugal, como Dela Coleta (1992), Norgren et al. (2004), Perlin e Diniz (2005) e Perlin (2006). No estudo original, as propriedades psicométricas encontradas foram: alfas de Cronbach de 0,90 (consenso diádico), 0,94 (satisfação diádica), 0,86 (coesão diádica) e 0,73 (expressão do afeto) (SPANIER, 1976).

Avaliação da Satisfação Conjugal

E) Escala de Satisfação Conjugal (DELA COLETA, 1989)

É um instrumento de origem mexicana - Escala de Satisfação Conjugal (PICK DE WEISS; ANDRADE PALOS, 1988), adaptado para o contexto brasileiro no final da década de 1980 por Dela Coleta (1989). A escala de satisfação conjugal foi desenvolvida no México, um país com características culturais semelhantes ao contexto brasileiro.

A escala é composta de três subescalas sobre aspectos da satisfação conjugal: a satisfação com a interação conjugal, com os aspectos emocionais do cônjuge e de organização do cônjuge. No estudo original, as autoras obtiveram valores de alfa de Cronbach entre 0,81 e 0,90. Dela Coleta (1989, 1992) traduziu e validou este

instrumento para amostra de brasileiras e obteve alfas satisfatórios entre 0,79 e 0,91. É composta por 24 itens, possui três domínios, a saber: interação conjugal (10 itens), aspectos emocionais (5 itens) e aspectos estruturais (9 itens). Nos estudos originais de desenvolvimento, todas as subescalas apresentaram altos níveis de confiabilidade e validade. A escala permite a obtenção de escores específicos indicativos da extensão em que o sujeito está satisfeito com cada um dos aspectos do casamento, com os escores mais altos indicando maior insatisfação (DELA COLETA, 1989).

Segundo esta mesma autora, a satisfação conjugal é definida, neste instrumento, como a atitude em relação a aspectos do cônjuge e da interação conjugal. (Anexo D). Em termos de propriedades psicométricas, o estudo de validação para a população brasileira (DELA COLETA, 1989), com 206 participantes, encontrou alfas de Cronbach de 0,81 (aspectos emocionais), 0,79 (aspectos estruturais) e 0,86 (interação conjugal). Pelo método das duas metades de Spearman-Brown, registrou-se 0,75 (aspectos emocionais), 0,81 (aspectos estruturais) e 0,89 (interação conjugal), valores esses muito próximos do estudo original, conduzido com a população mexicana (PICK DE WEISS; ANDRADE PALOS, 1988). O alfa de Cronbach da escala total foi de 0,91, o que sugere boas características psicométricas para o instrumento.

O referencial teórico da Psicologia Positiva

Segundo Sheldon e King (2001), a Psicologia Positiva é o estudo científico das forças e virtudes próprias do indivíduo. Para Seligman (2004), trata-se do estudo de sentimentos, emoções, instituições e comportamentos positivos que têm como objetivo final a felicidade humana.

Segundo resgate histórico feito por Graziano (2005), a Psicologia Positiva teve início com os trabalhos de Terman, Jung e Watson na década de 1930 sobre

superdotados, sucesso no casamento e paternidade. No entanto, o estudo sobre a felicidade e sobre as emoções positivas se iniciou por volta da década de 1950, quando as Nações Unidas passaram a ter interesse ativo na mensuração dos níveis de vida de várias comunidades mundiais, o que hoje se denomina por expressões correlatas como bem-estar, condições de vida ou qualidade de vida (PEREIRA, 1997).

Mas, cientificamente, o movimento batizado de Psicologia Positiva surgiu nos Estados Unidos, em 1998, a partir da iniciativa de Seligman que, com outros pesquisadores, começou a desenvolver pesquisas quantitativas visando promover uma mudança no foco atual da Psicologia ou de abordagens atuais (GRAZIANO, 2005). Esta perspectiva propõe, basicamente, a modificação do foco da Psicologia de uma reparação dos aspectos ruins da vida para a construção de qualidades positivas (SELIGMAN, 2004; RIJAVEC; BRDAR; MILJKOVIC, 2006; CAPRARA; STECA, 2006).

De acordo com Seligman (2004), a Psicologia Positiva se sustenta sobre três pilares principais, a saber: o estudo da emoção positiva; o estudo dos traços ou qualidades positivas, principalmente forças e virtudes, incluindo habilidades como inteligência e capacidade atlética; e, por fim, o estudo das chamadas instituições positivas, como a democracia, a família e a liberdade (que dão suporte às virtudes que, por sua vez, apoiam as emoções positivas).

Em relação às boas e más qualidades, Graziano (2005) afirma que, partindo da ideia de que seriam positivas as emoções que favorecem a interação e as negativas aquelas que a prejudicam, a Psicologia Positiva define que as boas qualidades são as características humanas que favorecem as emoções positivas e o comportamento de interação, de forma que as más qualidades seriam o oposto, ou seja, as características humanas que favorecem as emoções negativas, bem como o comportamento que prejudica a interação.

A Psicologia Positiva pretende debruçar-se sobre as experiências positivas (como emoções positivas, felicidade, esperança e alegria), características positivas individuais (como caráter, forças e virtudes), e instituições positivas (como organizações baseadas no sucesso e potencial humano, sejam locais de trabalho, escolas, famílias, hospitais, comunidades ou sociedades) (SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000; PETERSON; SELIGMAN, 2002; SELIGMAN, 2004; LARRAURI, 2006; PARK; PETERSON, 2007; MARUJO et al., 2007).

Esta corrente resgata o caráter preventivo que, há muito, fora abandonado por uma Psicologia exclusivamente focada na doença. Por meio do estudo das características humanas positivas, a ciência aprenderá a prevenir doenças físicas e mentais e os psicólogos, por sua vez, aprenderão a desenvolver qualidades que ajudem indivíduos e comunidades muito mais do que resistir ou sobreviver, mas a efetivamente florescer (SELIGMAN, 2000; CSIKSZENTMIHALYI, 1992; 2006; SERBENA; RAFFAELLI, 2003; PASSARELI; SILVA, 2007).

De acordo com essa nova visão, o conhecimento das forças e virtudes poderia propiciar o florescimento (*flourishing*) das pessoas, comunidades e instituições. E, segundo Paludo e Koller (2007), florescimento tem sido um termo bastante utilizado na Psicologia Positiva. Trata-se de uma condição que permite o desenvolvimento pleno, saudável e positivo dos aspectos psicológicos, biológicos e sociais dos seres humanos.

A Psicologia Positiva, enquanto área do saber psicológico, não promove uma novidade, não cria uma nova realidade, mas é um exercício teórico e metodológico no sentido de mudar a visão que se lança aos fenômenos investigados pela Psicologia, em uma proposta que evidencia os aspectos positivos e salutaros do desenvolvimento, em uma compreensão que prioriza a prevenção (DIENER, 1984; SELIGMAN, 2002; ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004; SELIGMAN; STEEN; PARK; PETERSON,

2005; SELIGMAN, 2006; CSIKSZENTMIHALYI, 2006) e o florescimento de aspectos positivos que possam ser adaptativos (GRAZIANO, 2005; FIQUER, 2006).

Enquanto corrente surgida nos Estados Unidos, a sua repercussão no cenário brasileiro ainda é tímida quando comparada aos países europeus (DELLE FAVE, 2006; DELLE FAVE; MASSIMINI, 2006; MARUJO et al., 2007; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2009b), mas tem encontrado no Brasil um campo fértil para a produção de saber científico de impacto (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004; GRAZIANO, 2005; FIQUER, 2006; PALUDO; KOLLER, 2007; PASSARELI; SILVA, 2007; PASCHOAL; TAMAYO, 2008). Deste modo, este estudo pretende contribuir para essas discussões da Psicologia Positiva em termos de sua aplicação também em investigações sobre a conjugalidade e a satisfação conjugal.

Cuidados éticos

Em relação às exigências éticas para as pesquisas envolvendo seres humanos, informamos que todo o trabalho está amparado nas resoluções nº 196, de 10/10/1996 e nº 251, de 05/08/1997. O presente trabalho, em conformidade com a legislação ética, foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (CEP – FFCLRP – USP), sob o número CEP 349/2007 – 2007.1.2016.59.0 (ANEXO E).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

*Quero me casar
na noite na rua
no mar ou no céu
quero me casar.*

*Procuro uma noiva
loura morena
preta ou azul
uma noiva verde
uma noiva no ar
como um passarinho.*

*Depressa, que o amor
não pode esperar!*

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, 2008, p.99)

Os dados dos instrumentos descritos no item Método foram transpostos para um software R (R DEVELOPMENT CORE TEAM, 2005) e categorizados a partir de números de identificação, por casal, por sexo e, conseqüentemente, por participante.

Como o objetivo deste trabalho é comparar se houve evidências de diferença na distribuição dos domínios segundo algumas variáveis explicativas, utilizou-se o teste não-paramétrico para amostras independentes de Kruskal-Wallis ou, no caso de dois níveis para a variável explicativa, o teste de Wilcoxon, também para amostras independentes. Estes testes têm como hipótese nula que todos os grupos foram extraídos da mesma população. Um pressuposto é que os dados apresentados sejam representados por uma variável contínua ou que atinja, pelo menos, um grau de mensuração ordinal. (SIEGEL; CASTELLAN, 1988). Os resultados foram obtidos utilizando o software R.

Outro ponto de análise foi avaliar a correlação dos escores totais de diversos instrumentos considerando os sexos feminino e masculino e também de forma geral. Para tanto, utilizou-se o coeficiente de correlação de Spearman (PAGANO; GAUVREAU, 2004). Este mede o grau de associação linear entre duas variáveis. Este coeficiente pode variar de -1 a 1 dependendo da relação encontrada: positivamente correlacionada (se uma variável tende a aumentar em grandeza conforme a outra variável também aumenta) ou negativamente correlacionada (se uma variável tende a diminuir conforme a outra variável aumenta). A força da grandeza do coeficiente de correlação foi avaliada conforme procedimento proposto por Zou et al. (2003). O nível de significância adotado foi de $p \leq 0,01$.

Depois do estabelecimento das correlações, visou-se a estabelecer a relação dos escores totais dos diversos domínios segundo um modelo linear múltiplo. A regressão múltipla é um “conjunto de técnicas estatísticas que possibilita a avaliação do relacionamento de uma variável dependente com diversas variáveis independentes”.

(ABBAD; TORRES, 2002, p. 20). Para atingir o objetivo proposto, considerou-se cada domínio como variável resposta e os demais domínios como possíveis variáveis explicativas. Para estabelecer o modelo final, o método de seleção de variáveis *stepwise* foi utilizado, em que permaneceram no modelo aquelas que apresentaram maior evidência de significância do ponto de vista multivariado (MONTGOMERY; VINING; PECK, 2001). A regressão múltipla *stepwise* geralmente é a estratégia escolhida para estudos exploratórios, nos quais o pesquisador “elabora um modelo teórico de investigação que inclui hipóteses sobre relacionamentos entre variáveis, mas que ainda não possibilita afirmações consistentes sobre a magnitude ou direção desses relacionamentos.” (ABBAD; TORRES, 2002, p. 25).

Para a realização do tratamento estatístico, foram consideradas as seguintes variáveis:

A) Variáveis de BES: Afetos positivos (21 itens da EBES, a saber: 3, 4, 6, 7, 10, 11, 14, 16, 18, 19, 21, 22, 24, 25, 26, 29, 37, 39, 41, 42, 43); Afetos negativos (26 itens da EBES, a saber: 1, 2, 5, 8, 9, 12, 13, 15, 17, 20, 23, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 44, 45, 46, 47); Satisfação com a vida (15 itens da EBES, a saber: 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62).

B) Variáveis de Conjugalidade: Consenso (13 itens da DAS, a saber: 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15); Satisfação (10 itens da DAS, a saber: 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 31, 32); Coesão (5 itens da DAS, a saber: 24, 25, 26, 27, 28); Expressão do afeto (4 itens da DAS, a saber: 4, 6, 29, 30);

C) Variáveis de Satisfação Conjugal: Interação conjugal (10 itens da ESC, a saber: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 21); Aspectos emocionais do cônjuge (5 itens da ESC, a saber: 11, 12, 13, 14, 18); Aspectos estruturais do cônjuge (9 itens da ESC, a saber: 9, 15, 16, 17, 19, 20, 22, 23, 24).

D) Variáveis Socioeconômicas (Idade; Tempo de relacionamento; Grau de instrução; Classificação socioeconômica; Renda *per capita*).

Deste modo, as correlações que serão aqui apresentadas e discutidas serão:

Afetos positivos com: Afetos negativos; Satisfação com a vida; Consenso; Satisfação; Coesão; Expressão do afeto; Interação conjugal; Aspectos emocionais; Aspectos estruturais; Idade; Tempo de relacionamento; Grau de instrução; Classificação socioeconômica; Renda *per capita*.

Afetos negativos com: Satisfação com a vida; Consenso; Satisfação; Coesão; Expressão do afeto; Interação conjugal; Aspectos emocionais; Aspectos estruturais; Idade; Tempo de relacionamento; Grau de instrução; Classificação socioeconômica; Renda *per capita*.

Satisfação com a vida com: Consenso; Satisfação; Coesão; Expressão do afeto; Interação conjugal; Aspectos emocionais; Aspectos estruturais; Idade; Tempo de relacionamento; Grau de instrução; Classificação socioeconômica; Renda *per capita*.

Consenso com: Satisfação; Coesão; Expressão do afeto; Interação conjugal; Aspectos emocionais; Aspectos estruturais; Idade; Tempo de relacionamento; Grau de instrução; Classificação socioeconômica; Renda *per capita*.

Satisfação com: Coesão; Expressão do afeto; Interação conjugal; Aspectos emocionais; Aspectos estruturais; Idade; Tempo de relacionamento; Grau de instrução; Classificação socioeconômica; Renda *per capita*.

Coesão com: Expressão do afeto; Interação conjugal; Aspectos emocionais; Aspectos estruturais; Idade; Tempo de relacionamento; Grau de instrução; Classificação socioeconômica; Renda *per capita*.

Expressão do afeto com: Interação conjugal; Aspectos emocionais; Aspectos estruturais; Idade; Tempo de relacionamento; Grau de instrução; Classificação socioeconômica; Renda *per capita*.

Interação conjugal com: Aspectos emocionais; Aspectos estruturais; Idade; Tempo de relacionamento; Grau de instrução; Classificação socioeconômica; Renda *per capita*.

Aspectos emocionais com: Aspectos estruturais; Idade; Tempo de relacionamento; Grau de instrução; Classificação socioeconômica; Renda *per capita*.

Aspectos estruturais com: Idade; Tempo de relacionamento; Grau de instrução; Classificação socioeconômica; Renda *per capita*.

BES (afetos positivos, afetos negativos e satisfação com a vida) com: Conjugalidade (consenso, satisfação, coesão e expressão do afeto); Satisfação conjugal (aspectos emocionais, aspectos estruturais e interação conjugal); Idade; Tempo de relacionamento; Grau de instrução; Classificação socioeconômica; Renda *per capita*.

Conjugalidade (consenso, satisfação, coesão e expressão do afeto) com: Satisfação conjugal (aspectos emocionais, aspectos estruturais e interação conjugal); Idade; Tempo de relacionamento; Grau de instrução; Classificação socioeconômica; Renda *per capita*.

Satisfação conjugal (aspectos emocionais, aspectos estruturais e interação conjugal) com: Idade; Tempo de relacionamento; Grau de instrução; Classificação socioeconômica; Renda *per capita*.

A partir desses escores, serão discutidas cada uma das correlações. Deste modo, as Tabelas 2, 3 e 4 resumem todas as correlações e *p-values* encontrados pela associação dos diversos domínios aqui elencados. A Tabela 5 resume a análise de regressão múltipla pelo método de seleção de variáveis *stepwise*.

Pode-se destacar que muitas das correlações estabelecidas foram analisadas como significativas, com destaque para os domínios dentro do próprio construto, ou seja, a correlação entre os domínios de um mesmo instrumento tendem a ser maiores do que quando se relacionam dois instrumentos diferentes, o que pode ser devido tanto à própria consistência de cada instrumento quanto à diferença entre os construtos. A seguir, todas as correlações significativas serão apresentadas e discutidas, tendo como norte as hipóteses e objetivos traçados para esta investigação.

Tabela 2. Matriz de correlação e *p-values* independente de sexo

	Ap	An	Sv	Co	Sa	Coe	Ea	Ic	Ae	Aes	Id	Tr	Rp
Ap	-	-0,45 (<0,01)	0,19 (0,05)	0,37 (<0,01)	0,09 (0,34)	0,48 (<0,01)	0,45 (<0,01)	-0,30 (<0,01)	-0,18 (0,06)	-0,15 (0,14)	-0,25 (0,01)	-0,20 (0,14)	0,24 (0,08)
An		-	0,09 (0,35)	-0,37 (<0,01)	-0,10 (0,33)	-0,26 (<0,01)	-0,25 (0,01)	0,31 (<0,01)	0,23 (0,02)	0,20 (0,04)	0,02 (0,86)	-0,16 (0,26)	-0,26 (0,06)
Sv			-	0,01 (0,92)	0,20 (0,04)	-0,10 (0,98)	-0,06 (0,57)	0,03 (0,77)	0,06 (0,54)	0,06 (0,53)	0,08 (0,41)	0,00 (0,99)	0,12 (0,38)
Co				-	-0,25 (<0,01)	0,55 (<0,01)	0,45 (<0,01)	-0,59 (<0,01)	-0,50 (<0,01)	-0,57 (<0,01)	0,01 (0,93)	0,10 (0,47)	0,05 (0,73)
Sa					-	-0,13 (0,18)	-0,14 (0,16)	0,30 (<0,01)	0,31 (<0,01)	0,28 (<0,01)	-0,15 (0,12)	-0,17 (0,21)	0,08 (0,59)
Coe						-	0,47 (<0,01)	-0,55 (<0,01)	-0,31 (<0,01)	-0,48 (<0,01)	-0,19 (0,05)	-0,21 (0,14)	0,09 (0,52)
Ea							-	-0,47 (<0,01)	-0,32 (<0,01)	-0,29 (<0,01)	-0,08 (0,43)	-0,07 (0,64)	0,03 (0,83)
Ic								-	0,53 (<0,01)	0,62 (<0,01)	0,07 (0,50)	0,05 (0,72)	-0,03 (0,81)
Ae									-	0,56 (<0,01)	-0,08 (0,43)	-0,18 (0,20)	0,12 (0,38)
Aes										-	-0,01 (0,89)	-0,07 (0,61)	0,27 (0,05)

Tabela 3. Matriz de correlação e *p-values* independente de sexo

	A	B	C	BC	Id	Tr	Rp
A	-	0,02 (0,87)	0,08 (0,40)	0,11 (0,27)	-0,06 (0,56)	-0,18 (0,19)	-0,14 (0,31)
B		-	-0,60 (<0,01)	0,67 (<0,01)	-0,14 (0,16)	-0,10 (0,48)	0,11 (0,41)
C			-	0,11 (0,25)	-0,02 (0,87)	-0,10 (0,48)	0,15 (0,27)
BC				-	-0,11 (0,24)	-0,09 (0,54)	0,22 (0,12)

Tabela 4. Comparações para as distribuições dos domínios segundo as variáveis explicativas, sendo A (todos os domínios do BES), B (todos os domínios de conjugalidade), C (todos os domínios da satisfação conjugal) e BC (todos os domínios de conjugalidade e de satisfação conjugal).

Variável Explicativa	Domínios	<i>p-values</i>		
		Masculino	Feminino	Geral
Grau de instrução	Ap	0,17	0,24	0,09
	An	0,76	0,15	0,24
	Sv	0,67	0,77	0,81
	Co	0,97	0,97	0,90
	Sa	0,31	0,28	0,13
	Coe	0,51	0,43	0,95
	Ea	0,94	0,89	0,95
	Ic	0,56	0,36	0,25
	Ae	0,57	0,45	0,35
	Aes	0,95	0,22	0,71
	A	0,26	0,20	0,85
	B	0,60	0,90	0,78
	C	0,74	0,21	0,28
	BC	0,37	0,38	0,17
Classe socioeconômica	Ap	-	-	0,78
	An	-	-	0,66
	Sv	-	-	0,74
	Co	-	-	0,31
	Sa	-	-	0,11
	Coe	-	-	0,27
	Ea	-	-	0,04
	Ic	-	-	0,05
	Ae	-	-	0,75
	Aes	-	-	0,29
	A	-	-	0,42
	B	-	-	0,33
	C	-	-	0,17
	BC	-	-	0,37

Tabela 5. Resultados do modelo de regressão ajustado utilizando o método de seleção de variáveis *Stepwise*

Variável Resposta	Variáveis Explicativas	Estimativa do Parâmetro	p-valor
Ap	an	-0,35	<0,01
	coe	0,79	<0,01
	sv	0,91	<0,01
	ea	1,83	<0,01
	aes	0,56	0,08
	Idade	-0,14	0,11
An	ap	-0,55	<0,01
	co	-0,71	<0,01
	sv	0,94	0,01
	sa	-0,95	0,02
	coe	0,49	0,14
Sv	ap	0,11	<0,01
	an	0,06	0,01
	sa	0,24	0,03
	Idade	0,06	0,05
Co	coe	0,45	<0,01
	an	-0,13	<0,01
	sa	-0,35	0,07
	sv	0,27	0,07
	ic	-0,29	0,11
	aes	-0,37	0,12
	ae	-0,35	0,19
Sa	ae	0,30	0,02
	an	-0,05	0,02
	sv	0,15	0,05
	Idade	-0,04	0,10
	ic	0,12	0,13
	co	-0,07	0,13
Coe	ap	0,08	0,01
	co	0,11	0,06
	ea	0,43	0,08
	ic	-0,20	0,10
	Tempo Casado	-0,05	0,10
	aes	-0,22	0,12
Ea	ap	0,04	<0,01
	ic	-0,11	0,01
	coe	0,08	0,04
	Renda	-0,06	0,09
Ic	sa	-0,07	0,13
	aes	0,59	<,0001
	ea	-0,50	0,01
	co	-0,10	0,04
	coe	-0,15	0,07
Ae	aes	0,34	<0,01
	sa	0,19	<0,01
	ea	-0,21	0,09
Aes	ic	0,34	<0,01
	ae	0,35	<0,01
	co	-0,08	0,04
	Renda	0,12	0,06

Primeiramente, abordar-se-ão as correlações dos domínios do BES. Em relação aos afetos positivos e negativos, independente do sexo, encontramos uma correlação negativa ($r=-0,45$), considerada moderada (ZOU; TUNCALI; SILVERMAN, 2003), como pode ser observado na Figura 1.

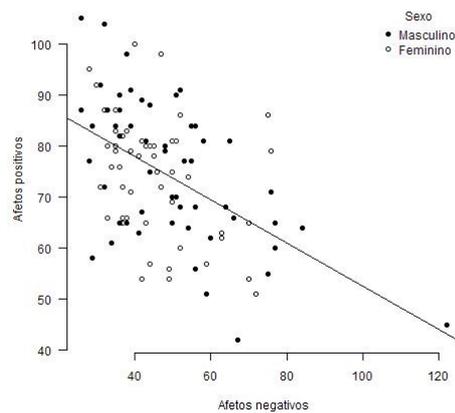


Figura 1. Correlação entre afetos positivos e afetos negativos (N=106)

No estudo de Albuquerque (2004), foi encontrado o coeficiente de $-0,36$, o que se situa na mesma faixa de correlação. Esta correlação pode ser compreendida tendo-se em mente que quanto mais uma pessoa apresenta afetos positivos, menor deve ser os seus afetos negativos. O *p-value* encontrado nessa relação foi de $p<0,01$, o que é considerado significativo. Deste modo, podemos afirmar que tais variáveis são correlacionadas, o que é corroborado pela análise de regressão múltipla (Tabela 5) e pela literatura existente (LAWRENCE; LIANG, 1988; SELIGMAN, 2004; ALBUQUERQUE, 2004; ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004).

Segundo Seligman (2004), existe apenas uma moderada correlação negativa entre emoções negativas e emoções positivas. Tal correlação é explicada pelo autor do seguinte modo: se uma pessoa tiver muita emoção negativa na vida, sua emoção pode ser um pouco abaixo da média, mas a pessoa não está “nem de longe fadada a uma vida

sem alegrias. Do mesmo modo, muita emoção positiva não passa de uma proteção moderada contra a tristeza” (SELIGMAN, 2004, p. 74).

Assim, Seligman (2004) conclui que a relação entre emoção positiva e emoção negativa não é de total oposição. Essa é uma das questões centrais da Psicologia Positiva e que ainda não foi suficientemente estudada. A maioria dos autores, como Diener (1984), não coloca os afetos positivos como sendo opostos aos negativos, mas afirmando que para uma pessoa ser feliz, é fundamental que os afetos positivos se sobreponham aos negativos, uma vez que todos experimentam, durante a vida, ambos afetos e somos igualmente constituídos pelos dois.

Pelos dados da presente amostra, podemos afirmar que afetos positivos e negativos são negativa e significativamente correlacionados, corroborando o afirmado por Diener (1984) e outros pesquisadores contemporâneos do BES, inclusive no Brasil (ALBUQUERQUE, 2004), o que não significa que um anule a existência do outro, uma vez que ninguém apresenta nível nulo de afetos, quer sejam positivos ou negativos.

Correlacionando-se os afetos positivos com a terceira variável do BES, ou seja, a satisfação com a vida, encontramos a correlação $r=0,19$ (Figura 2), considerada leve, com nível de significância $p=0,05$.

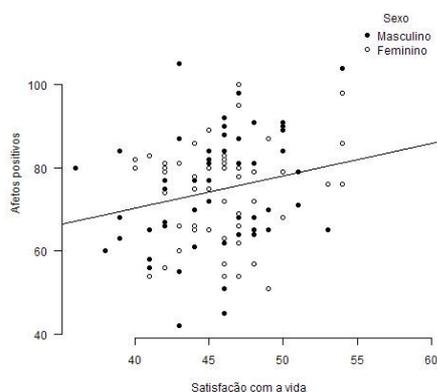


Figura 2. Correlação entre afetos positivos e satisfação com a vida (N=106)

No estudo de Albuquerque (2004), essa correlação foi de $r=0,53$, o que é considerada moderada. Assim, no presente estudo, essas variáveis apresentaram menor correlação que no estudo de validação da escala. De modo similar ao discutido na correlação entre afetos positivos e negativos, deve-se apontar que quanto maior o afeto positivo, mais elevada parece ser a satisfação com a vida. A análise de regressão múltipla da amostra revelou que os afetos positivos estão fortemente e significativamente relacionados à satisfação com a vida.

Tais considerações confirmam parte da hipótese 1 deste estudo, uma vez que encontramos correlações significativas entre os três domínios do BES. A força dessa correlação pode ser corroborada pela consistência interna do construto, atestada pelos estudos de Albuquerque e Tróccoli (2004) e de Albuquerque (2004), que construíram a escala EBES. Assim, pode-se dizer que a escala mostrou-se adequada e válida também para a amostra aqui utilizada. No estudo original, não foram utilizadas apenas pessoas casadas, mas também solteiras. Assim, pode-se destacar que, na amostra, a EBES também é válida para a avaliação do bem-estar de casados.

Iniciando a correlação entre as variáveis de BES e de conjugalidade, encontramos uma correlação positiva moderada entre afetos positivos e consenso ($r=0,37$) (Figura 3), com $p<0,01$. No entanto, a análise de regressão múltipla não apontou como significativa tal relação.

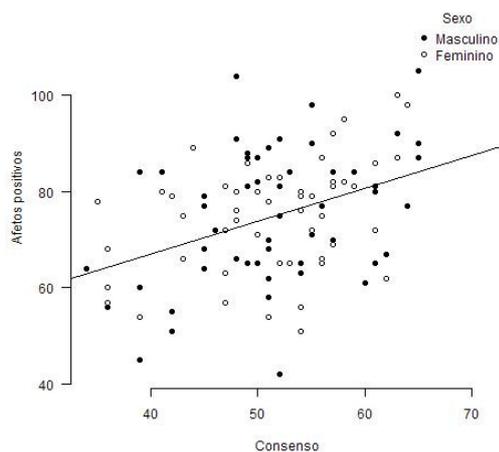


Figura 3. Correlação entre afetos positivos e consenso (N=106)

Em termos da relação entre os afetos positivos e a variável de conjugalidade satisfação com o relacionamento de casal, a correlação ($r=0,09$), com nível de significância $p=0,34$, não foi considerada significativa. A análise de regressão confirmou tal correlação. Pode-se discutir que os afetos positivos apresentam uma correlação leve com a satisfação com a vida e não apresentam associações com a satisfação em relacionamento de casal. Deste modo, apresentar um alto índice de afetos positivos não tem qualquer relação com o fato de se estar satisfeito com o relacionamento conjugal, a partir da variável de satisfação, o que também foi apontado pela análise de regressão.

Em termos da variável coesão (Figura 4), os afetos positivos apresentam uma correlação positiva considerada moderada ($r=0,48$), com nível de significância de $p<0,01$. Tal relação é apontada como significativa pela análise de regressão múltipla, ou seja, a coesão estaria diretamente ligada aos afetos positivos. Assim, os participantes com alto índice de afetos positivos tendem a apresentar elevados índices de coesão no relacionamento conjugal. Isso pode indicar que os afetos e as experiências positivas influenciariam o modo como a pessoa estabelece seus vínculos e compartilha as suas

percepções acerca dos diversos aspectos conjugais, como compartilhamento de dificuldades, instilação de esperança e manejo do cotidiano do casal.

A correlação positiva encontrada em relação aos afetos positivos e a coesão se mantém em termos da variável de conjugalidade denominada expressão do afeto ($r=0,45$), também com $p<0,01$, o que é considerado significativo (ZOU; TUNCALI; SILVERMAN, 2003). A análise de regressão múltipla também confirmou a relevância dessa variável no domínio dos afetos positivos. Deste modo, os afetos positivos estão fortemente relacionados ao modo como os cônjuges expressam sua afetividade no relacionamento e se abrem à possibilidade de contato com as expectativas do parceiro, suas dificuldades e possibilidades.

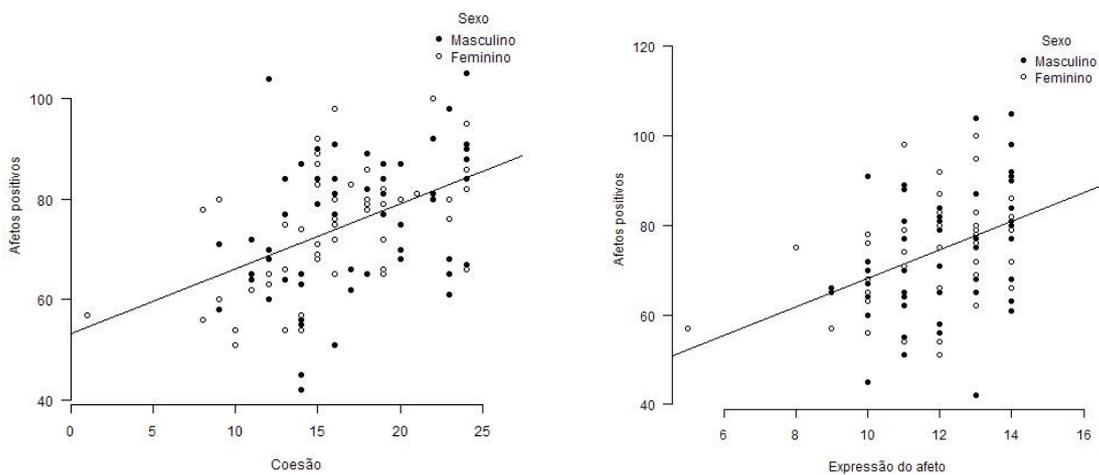


Figura 4. Correlações entre afetos positivos e coesão e entre afetos positivos e expressão do afeto (N=106)

Deste modo, podemos afirmar que a variável afeto positivo está positivamente correlacionada com três das quatro variáveis de conjugalidade elencadas, ou seja, com consenso, coesão e expressão do afeto ($p<0,01$), mas, pela análise de regressão múltipla, apenas a coesão e a expressão do afeto estão mais fortemente relacionadas ao domínio.

Assim, analisa-se que quanto maior o nível de afetos positivos, mais as pessoas expressam a sua afetividade e tendem a estabelecer relacionamentos mais coesos. Pode-se pensar que o consenso depende fundamentalmente do parceiro, na medida em que, para que esse domínio ser expresso, ele depende também de uma avaliação do cônjuge ou, em outras palavras, o valor do consenso está intimamente ligado à avaliação feita a partir do cônjuge. Só haverá consenso na relação se ambos os cônjuges manifestarem tal aspecto.

Mas e quando analisamos a coesão, esta também não dependeria fundamentalmente da avaliação baseada no cônjuge? A resposta parece ser positiva, quando analisamos a correlação entre o consenso e o domínio dos afetos negativos, por exemplo, ou quando observamos a satisfação com a vida (domínio do BES) e a satisfação (domínio da conjugalidade), que serão explicitados a seguir. Deste modo, pontua-se que todos os domínios do BES estão correlacionados com alguns domínios da conjugalidade, mas os afetos positivos estão relacionados de modo mais significativo à coesão e à expressão do afeto, na amostra analisada.

Iniciando a correlação das variáveis de BES e as de satisfação conjugal, registradas pela Escala de Satisfação Conjugal de Dela Coleta (1989), observa-se que os afetos positivos estão negativamente correlacionados ($r=-0,18$) com os aspectos emocionais dos cônjuges, com nível de significância $p=0,06$. Esta correlação, pela classificação de Zou, Tuncali e Silverman (2003), é considerada entre fraca e sem associação. Correlacionando os afetos positivos com a segunda variável de satisfação conjugal, ou seja, os aspectos estruturais do cônjuge, também encontramos uma correlação negativa ($r=-0,15$) e não significativa ($p=0,14$).

Em termos da última variável de satisfação conjugal, ou seja, a interação conjugal, a sua correlação com os afetos positivos é de $r=-0,30$, com nível de

significância de $p < 0,01$ (Figura 5). Assim, os afetos positivos, em relação à satisfação conjugal, só podem ser correlacionados com a interação conjugal (correlação negativa), não apresentando associações com os aspectos emocionais e estruturais. No entanto, pela análise de regressão múltipla, os afetos positivos não se relacionam significativamente com quaisquer dos domínios da satisfação conjugal, ou seja, nenhuma das variáveis da satisfação conjugal contribuiriam para explicar o nível de afetos positivos.

Há que se problematizar que os domínios da satisfação conjugal se referem, fundamentalmente, a uma avaliação do cônjuge, ou seja, a satisfação vai se dar em função da percepção acerca do cônjuge. Assim, o nível de afetos positivos, na amostra, parece não interferir significativamente no modo como os participantes avaliam seus parceiros em termos de seus aspectos emocionais e estruturais ou em termos da interação conjugal.

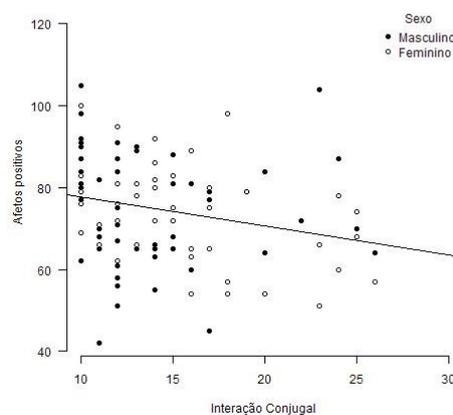


Figura 5. Correlação entre afetos positivos e interação conjugal (N=106)

Em termos da idade dos participantes do estudo, os afetos positivos apresentaram uma correlação de $r = -0,25$, com $p < 0,01$, o que é considerada uma

correlação entre fraca e moderada (Figura 6). Pela análise de regressão, esta correlação mostra-se evidente, embora não seja significativa.

Pelos dados, os afetos positivos parecem diminuir com o avanço da idade, uma vez que a correlação encontrada foi negativa. Tal apontamento situa-se na mesma linha do estudo de Diener e Suh (1998), que mostrou que apenas os afetos positivos tendem a declinar com a idade.

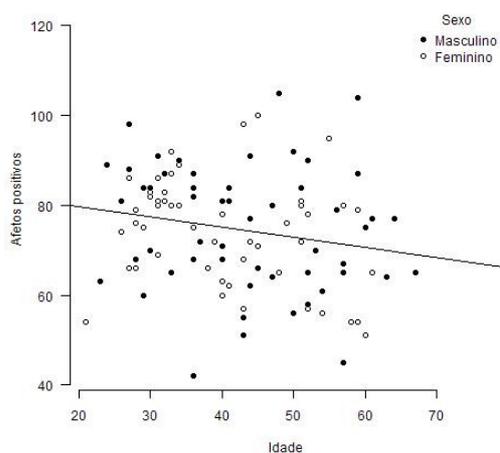


Figura 6. Correlação entre afetos positivos e idade (N=106)

Em relação ao tempo de relacionamento, a correlação encontrada foi negativa ($r=-0,20$) e não significativa ($p=0,14$). Deste modo, afeto positivo e tempo de relacionamento não são correlacionados, embora seja observada uma tendência aos afetos positivos diminuírem com o passar dos anos de casamento, no mesmo sentido trazido em relação à idade. Em relação ao grau de instrução, à classificação socioeconômica e à renda, não há associação entre as variáveis e os afetos positivos.

Segundo dados trazidos por Seligman (2004), a riqueza, que traz com ela bens materiais, tem uma correlação “surpreendentemente baixa com o nível de felicidade. Os ricos são, em média, apenas ligeiramente mais felizes que os pobres” (SELIGMAN, 2004, p. 65).

Assim, pela análise de correlações, as variáveis correlacionadas com os afetos positivos foram os afetos negativos, satisfação com a vida (ambos confirmam a hipótese 1), consenso diádico, coesão diádica, expressão do afeto, interação conjugal e idade. Pela análise de regressão múltipla tipo *stepwise*, as variáveis que mais diretamente se relacionam com os afetos positivos são os afetos negativos, satisfação com a vida, coesão diádica e expressão do afeto.

Acerca dos afetos negativos e da satisfação com a vida, encontrou-se uma correlação de $r=0,09$ ($p=0,35$) que, segundo Zou, Tuncali e Silverman (2003), é considerada de fraca a inexistente. No entanto, pela análise de regressão múltipla, esses domínios apresentam uma relação significativa. Na literatura (ALBUQUERQUE, 2004), a correlação encontrada foi de $r=0,47$, considerada moderada (ZOU; TUNCALI; SILVERMAN, 2003) ou razoavelmente elevada (ALBUQUERQUE, 2004). Tendo como norte a análise de regressão, a correlação significativa entre essas variáveis confirma a hipótese 1, uma vez que, no construto BES, as suas variáveis estão fortemente relacionadas: afetos positivos e afetos negativos, afetos positivos e satisfação com a vida (discutido anteriormente), afetos negativos e satisfação com a vida.

Em termos das variáveis de conjugalidade, o consenso está correlacionado com os afetos negativos ($r=-0,37$) de maneira negativa e significativa ($p<0,01$) (Figura 7). Esta correlação é significativa também pela análise de regressão múltipla.

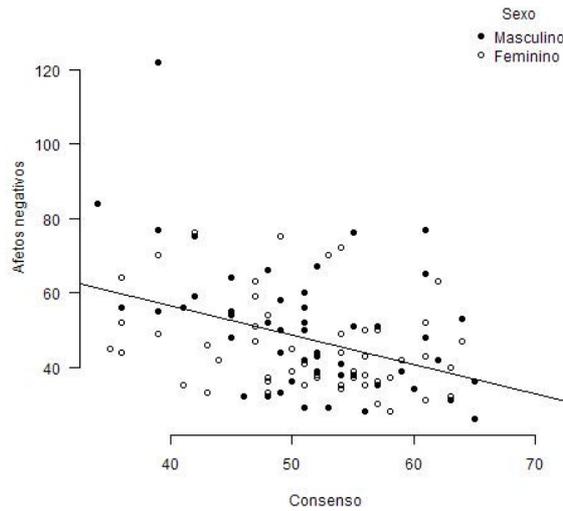


Figura 7: Correlação entre os afetos negativos e o consenso (N=106)

A coesão apresenta correlação negativa ($r=-0,26$; $p<0,01$) com os afetos negativos. Em termos de expressão do afeto, a variável está correlacionada negativamente aos afetos negativos ($r=-0,25$), com significância de $p<0,01$ (Figura 8). Esta correlação é considerada de fraca a moderada (ZOU; TUNCALI; SILVERMAN, 2003). Pela análise de regressão múltipla, os afetos negativos não se associam significativamente com quaisquer desses domínios.

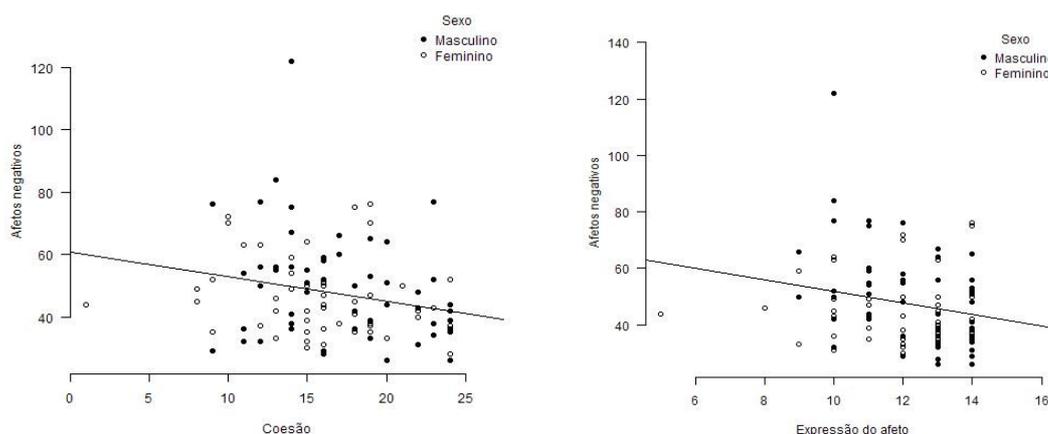


Figura 8. Correlações entre afetos negativos e coesão e entre afetos negativos e a expressão do afeto (N=106)

Em relação à variável de conjugalidade satisfação (assim como em relação aos afetos positivos), não houve correlação significativa entre esta e os afetos negativos ($p=0,33$) e $r=-0,10$ (correlação muito fraca ou inexistente). No entanto, pela análise de regressão múltipla, a satisfação está negativa e significativamente relacionada aos afetos negativos.

Desta forma, pela correlação de Spearman, podemos observar que os afetos negativos estão negativamente correlacionados aos domínios de coesão, consenso e expressão do afeto. Mas, pela análise de regressão múltipla, que elencou as variáveis relevantes para explicar os afetos negativos, pode-se destacar que apenas o consenso e a satisfação estão significativamente relacionados a esse domínio. De qualquer modo, pelos dados encontrados, quanto maior o nível de afetos negativos (melancolia, depressão, entre outros), menor os níveis dos domínios da conjugalidade, o que nos leva a problematizar que tais sentimentos seriam desfavoráveis ao estabelecimento do relacionamento conjugal ou, em outras palavras, seriam desadaptativos em termos de casamento. A visão mais negativa acerca da vida não favorecia o estabelecimento de laços com a devida expressão do afeto e abertura para contato com o outro e, de modo direto, quanto maior o nível de afetos negativos, menor será a satisfação diádica ou maior será a tendência para o estabelecimento de uma relação na qual o cônjuge a avalie como insatisfatória.

Os aspectos emocionais (variável de satisfação conjugal) apresentam correlação de $r=0,23$ com os afetos negativos, com *p-value* 0,02, o que é considerado significativo (Figura 9). Tal correlação moderada não foi encontrada quando se relacionaram afetos positivos e aspectos emocionais. Em termos de aspectos estruturais, também registrou-se uma correlação positiva de 0,20, considerada significativa ($p=0,04$) e leve (ZOU;

TUNCALI; SILVERMAN, 2003) (Figura 9). Acerca da interação conjugal, a correlação com os afetos negativos foi de 0,31 (moderada), com significância de $p < 0,01$ (Figura 9).

Deste modo, pontua-se que os afetos negativos estão positivamente correlacionados com todos os domínios da satisfação conjugal (aspectos emocionais, aspectos estruturais e interação conjugal), embora a análise de regressão múltipla revele que nenhuma dessas variáveis interfere diretamente nos afetos negativos, ou seja, não se tratam de correlações significativas ou que expliquem os afetos negativos.

Assim, pode-se pensar que os afetos negativos estariam relacionados ao modo como as pessoas estabelecem seus relacionamentos conjugais (variáveis de conjugalidade), mas que a satisfação conjugal não dependeria do nível de afetos negativos de um cônjuge ou da díade, mas do nível de afetos positivos, como anteriormente discutido.

Em termos de idade, ao contrário do que foi observado em relação aos afetos positivos ($r = -0,25$; $p = 0,01$), com os afetos negativos não houve associações significativas ($r = 0,02$; $p = 0,86$). Os afetos negativos também não apresentaram correlações significativas com o tempo de relacionamento ($r = -0,16$; $p = 0,26$), com o grau de instrução ($p = 0,24$), classificação socioeconômica ($p = 0,66$) e renda *per capita* ($r = -0,26$; $p = 0,06$).

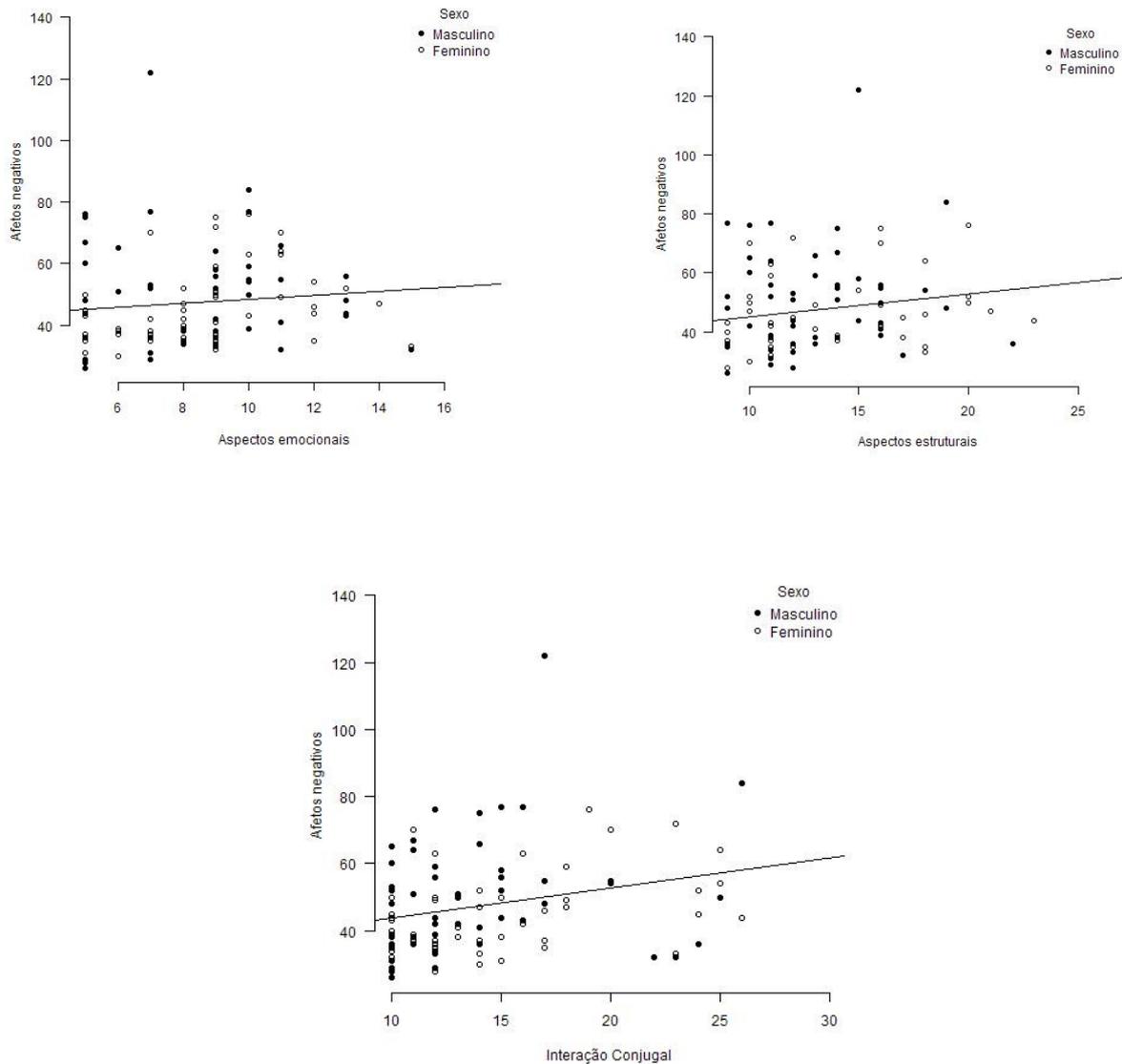


Figura 9. Correlações entre afetos negativos e os domínios da satisfação conjugal (aspectos emocionais, aspectos estruturais e interação conjugal) (N=106)

A avaliação da satisfação com a vida (terceiro domínio do BES) é subjetiva e, como tal, reflete as expressões de cada pessoa quanto aos seus próprios critérios de satisfação com a vida como um todo e em domínios específicos, como saúde, trabalho, condições de moradia, relações sociais e outros. Assim, reflete o bem-estar individual, o modo e os motivos que levam as pessoas a viverem suas experiências de vida de maneira positiva (RESENDE; BONES; SOUZA; GUIMARÃES, 2005; DIOGO, 2003).

Acerca desse domínio, o mesmo não apresenta correlação com o domínio consenso ($r=0,01$; $p=0,92$), o que não segue a tendência das demais variáveis de BES (afetos positivos e afetos negativos), todas correlacionadas moderadamente com o consenso conjugal. Pela análise de regressão múltipla, a satisfação com a vida só estaria significativamente correlacionada com os demais domínios do BES (confirmando a hipótese 1) e com o domínio satisfação diádica (o que confirma a hipótese 2, como discutido a seguir).

Analisando-se a satisfação com a vida (variável do BES) e a satisfação com o relacionamento conjugal (variável de conjugalidade), observa-se que as mesmas estão positiva e significativamente correlacionadas ($r=0,20$; $p=0,04$), o que revela que pessoas que se dizem satisfeitas com a sua vida em diferentes domínios também o fazem em relação à experiência conjugal (Figura 10).

Tal consideração confirma a segunda hipótese deste estudo, na medida em que ambos os domínios, por avaliarem o julgamento da pessoa sobre o que vivencia (em sua vida de casada ou não) em relação aos seus desejos e expectativas construídas cultural e socialmente, manteriam uma relação de semelhança na definição dos domínios. A satisfação com a vida, por envolver um julgamento global, também abarca os relacionamentos afetivos. Assim, a satisfação conjugal, na amostra, está positiva e significativamente correlacionada com a satisfação com a própria vida. Este apontamento é corroborado também pela análise de regressão múltipla.

Ainda por esta análise, a satisfação com a vida também seria influenciada diretamente pelos afetos positivos e negativos (corroborando a consistência interna do construto e a primeira hipótese do estudo, como já afirmado), além da idade, como será abordado posteriormente.

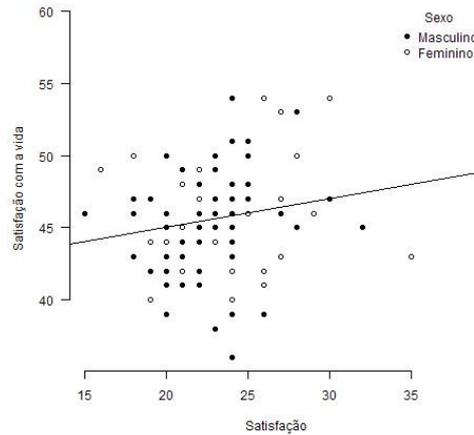


Figura 10. Correlação entre satisfação com a vida e satisfação (N=106)

Acerca das demais variáveis de conjugalidade, não houve correlações significativas, a saber: coesão ($r=-0,10$; $p=0,98$) e expressão do afeto ($r=-0,06$; $p=0,57$).

Em termos dos domínios da satisfação conjugal, a satisfação com a vida não apresentou correlação significativa com qualquer dos domínios, a saber: aspectos emocionais ($r=0,06$; $p=0,54$); aspectos estruturais ($r=0,06$; $p=0,53$); interação conjugal ($r=0,03$; $p=0,77$). Ou seja, não podemos estabelecer, estatisticamente (pela correlação de Spearman e pela análise de regressão múltipla), associações entre os domínios satisfação com a vida, aspectos emocionais do cônjuge, aspectos estruturais do cônjuge e interação conjugal (Tabelas 2 e 5).

Em termos das variáveis idade, tempo de relacionamento, grau de instrução, classificação socioeconômica e renda *per capita* em relação à satisfação com a vida, não foram encontradas correlações significativas, a saber: idade ($r=0,08$; $p=0,41$); tempo de relacionamento ($r=0$; $p=0,99$); grau de instrução ($p=0,81$); classificação socioeconômica ($p=0,74$); renda *per capita* ($r=,12$; $p=0,38$). No entanto, pela análise de regressão, a idade está associada de modo significativo com a satisfação com a vida, o que corrobora o estudo de Seligman (2004), que atesta que a satisfação com a vida sobe ligeiramente

com a idade. Em relação ao grau de instrução, estudados por outros pesquisadores como a variável educação (SELIGMAN, 2004), também não apresenta associações significativas com o nível de satisfação com a vida, como observado em nossa amostra.

Correlacionando-se os domínios de conjugalidade (consenso, coesão, satisfação e expressão do afeto) entre si, observa-se que todos estão correlacionados ($p < 0,01$), corroborando os estudos que remontam à criação da Escala de Ajustamento Diádico (SPANIER, 1976) e também confirmam a primeira hipótese deste presente estudo, que remete à consistência interna do construto dentro da escala utilizada. No entanto, pela análise de regressão múltipla, quando se analisa cada uma das variáveis de conjugalidade em relação às demais do mesmo domínio, observa-se que não há uma correlação significativa, a não ser o consenso, diretamente relacionado à coesão diádica, o que será abordado na sequência.

Como afirmado anteriormente, o consenso diádico avalia a percepção do nível de concordância do casal sobre uma variedade de questões básicas da relação, tais como: financeiras, lazer, religiosas, amizades, convencionalidade, filosofia de vida, negócios com parentes, metas, tempo gasto junto, tomadas de decisão, tarefas domésticas, tempo com lazer e decisões profissionais (HERNANDEZ; HUTZ, 2008).

Segundo Perlin (2006), o consenso se refere ao compartilhamento de ideias e perspectivas, o que é apontado como uma dimensão importante no casamento. Para Spanier (1976), tal dimensão se refere à concordância do casal a respeito da conduta frente a valores e normas sociais, organização das carreiras e tarefas domésticas, entre outros aspectos da vida conjuga que remetam à diversidade de condições de adaptação que a pessoa pode ser exposta em um casamento (PERLIN, 2006).

De acordo com Perlin (2006) e Spanier (1976), o consenso abrange questões relacionadas à família, convenções sociais, formas de lidar com a família de origem,

objetivos, metas e coisas consideradas importantes, quantidade de tempo que o casal passa junto, decisões relativas à carreira, o que implica em um certo nível de concordância para que não se gere elevado nível de tensão e insatisfação no casamento.

Os casais com mais consenso diádico tendem a ter uma vida conjugal mais harmoniosa e com menos conflitos, o que não implica em felicidade, mas nos leva a pensar em estratégias de adaptação e flexibilidade frente às questões que possam promover discordâncias.

A partir da amostra de 106 pessoas casadas, tem-se que o consenso está negativamente correlacionado com a satisfação ($r=-0,25$; $p<0,01$) e positivamente correlacionado com a coesão ($r=0,55$; $p<0,01$) e a expressão do afeto ($r=0,45$; $p<0,01$) (Figura 11). A partir da análise de regressão múltipla, o consenso está diretamente relacionado com a coesão diádica (o que confirma parte da hipótese 4) e os afetos negativos apenas. Deste modo, em termos das variáveis de conjugalidade, apresentam uma relação significativa o consenso e a coesão, o que nos leva a problematizar que quão maior o consenso (concordância, flexibilidade) entre os cônjuges, mais eles tendem a se manter coesos (unidos, podendo adotar posturas semelhantes em relação ao casamento).

Em termos da análise de regressão múltipla, deve-se ponderar que o consenso está significativamente relacionado à coesão (ou seja, a coesão apresenta um papel preponderante sobre o consenso, como postulado na quarta hipótese), mas o contrário não se mostrou verdadeiro. Assim, casais coesos tendem a ter maior nível de consenso, mas casais que experimentam grande consenso nem sempre são coesos. Pode-se depreender desta relação que manifestar bom grau de concordância em relação aos diversos aspectos do casamento não implica, necessariamente, na união (coesão) entre os parceiros, nem mesmo na felicidade.

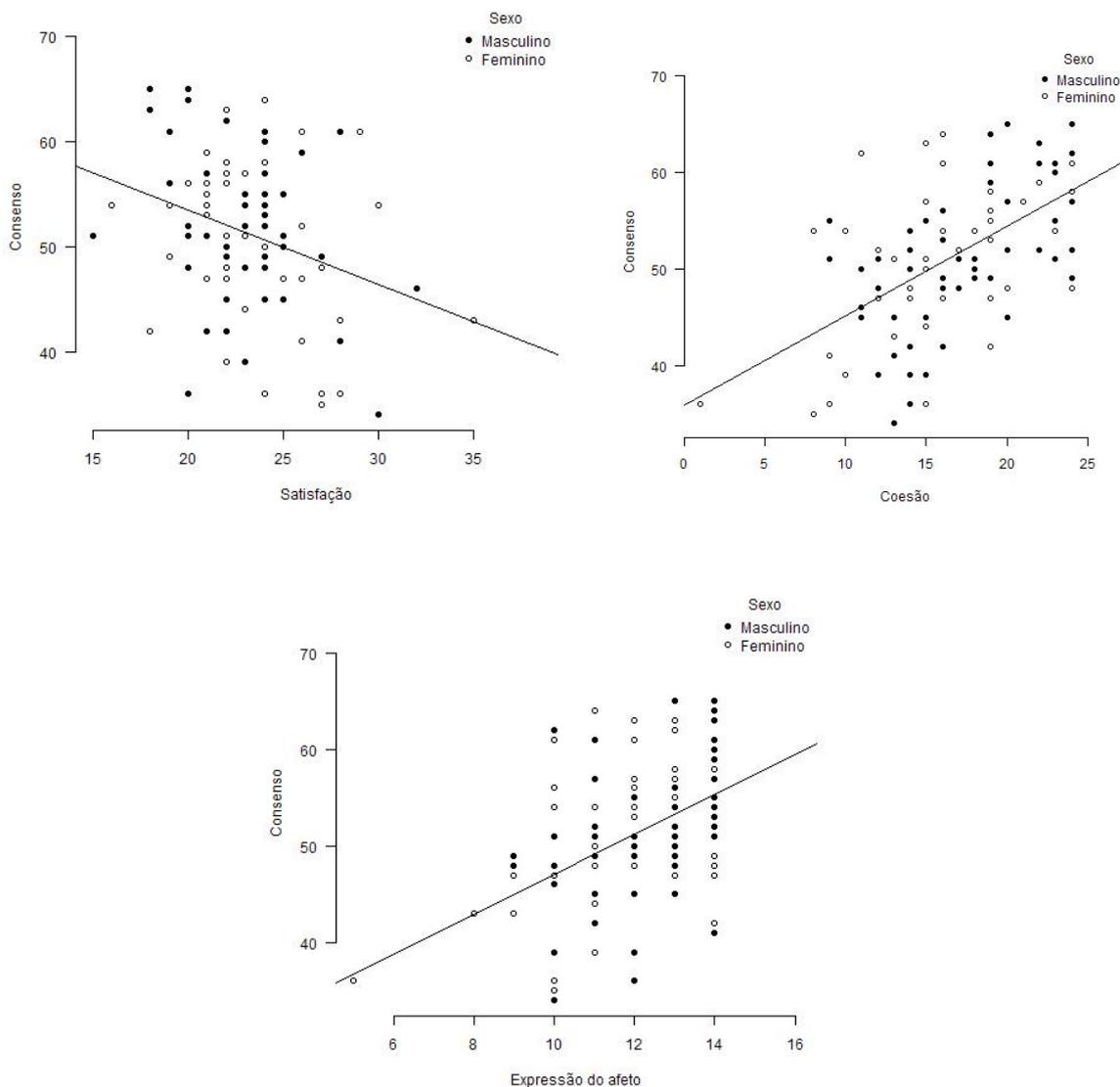


Figura 11. Correlações entre consenso e satisfação, coesão e expressão do afeto (N=106)

Acerca dos domínios da satisfação conjugal (aspectos emocionais, aspectos estruturais e interação conjugal), o consenso está negativamente correlacionado a todos esses domínios, a saber: aspectos emocionais ($r=-0,50$; $p<0,01$); aspectos estruturais ($r=-0,57$; $p<0,01$); interação conjugal ($r=-0,59$; $p<0,01$) (Figura 12). No entanto, a análise de regressão múltipla apontou que nenhuma dessas correlações é significativa.

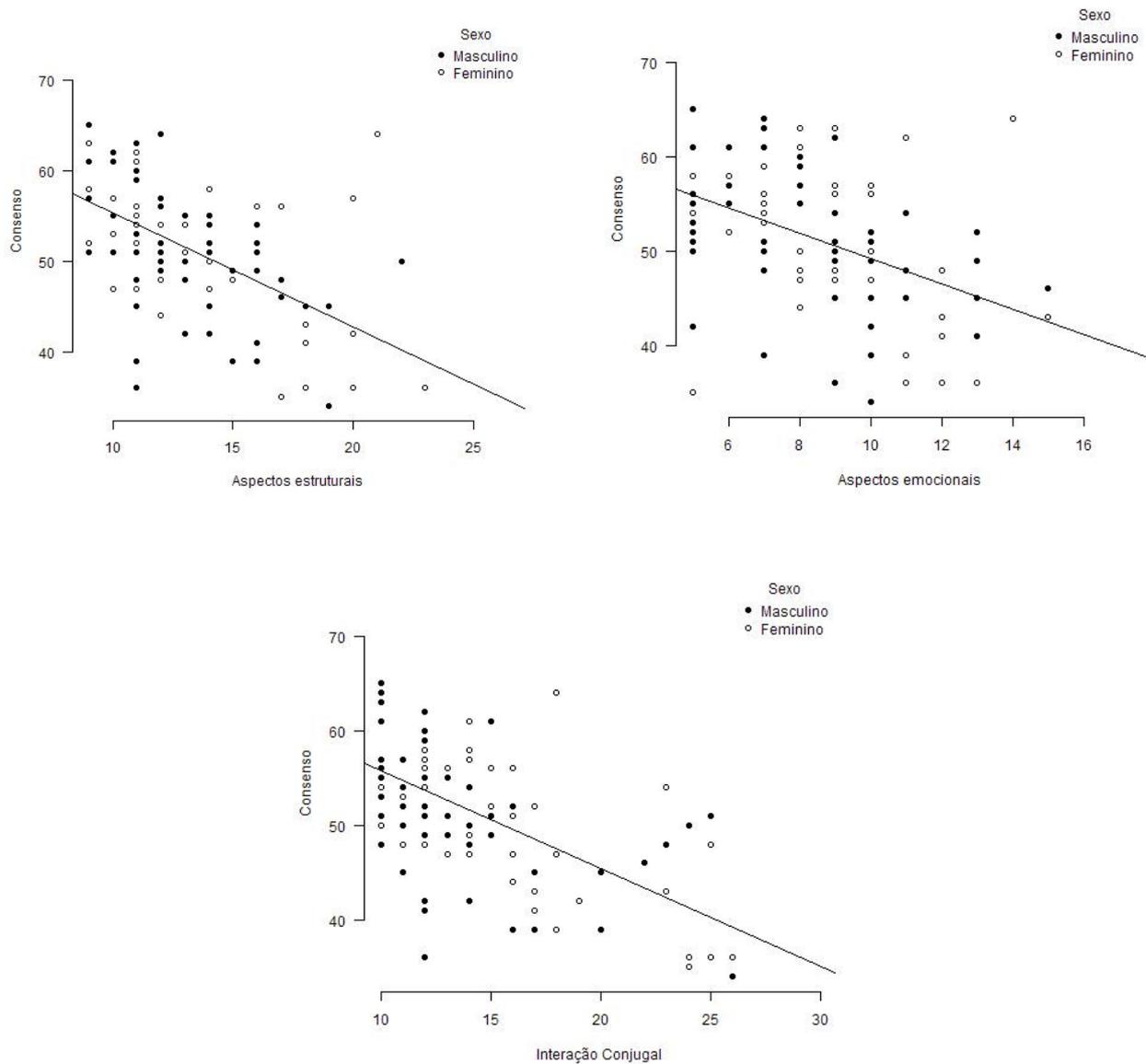


Figura 12. Correlações entre consenso e os domínios de satisfação conjugal (aspectos estruturais, aspectos emocionais e interação conjugal) (N=106)

A relação entre consenso e interação conjugal confirma a quarta hipótese do estudo, na medida que o consenso envolve tanto alto grau de concordância entre os cônjuges como a harmonia e a consonância entre eles, o que é abarcado no domínio da interação conjugal. A interação, neste sentido, não envolve apenas a adequada troca de informações, sentimentos e expectativas, mas também o diálogo promotor de desenvolvimento, bem-estar e satisfação na relação.

A correlação negativa pode ser explicada pelo fato de que altos índices nos domínios da satisfação conjugal indicam insatisfação ou necessidade de mudança, de modo que podemos clarificar a relação descrita como: quanto maior o consenso do casal em seu relacionamento conjugal, menores devem ser os escores de aspectos estruturais, aspectos emocionais e interação conjugal pela Escala de Satisfação Conjugal (DELA COLETA, 1989), uma vez que os cônjuges, se em consenso, não demandariam mudanças significativas no casamento (e no cônjuge) nem demonstrariam insatisfação em relação aos parceiros e os relacionamentos estabelecidos.

Deste modo, deve-se destacar que o consenso, um domínio da conjugalidade, apresenta correlação com todos os domínios da satisfação conjugal. Esses domínios da satisfação conjugal, no entanto, não são os que mais diretamente influenciam o consenso diádico, a partir da análise de regressão (com exceção da coesão diádica).

O consenso não apresentou associações com as variáveis de idade ($r=0,01$; $p=0,93$), tempo de relacionamento ($r=0,10$; $p=0,47$); grau de instrução ($p=0,90$); classificação socioeconômica ($p=0,31$); e renda *per capita* ($r=0,05$; $p=0,73$).

A variável de conjugalidade denominada satisfação diádica está negativamente correlacionada apenas ao domínio de consenso (Figura 13). Não pode ser associada aos domínios de coesão ($r=-0,13$; $p=0,18$) e expressão do afeto ($r=-0,14$; $p=0,16$), o que vai em sentido oposto ao destacado por Spanier (1976), de que esses domínios são correlacionados significativamente. Pela análise de regressão múltipla, a satisfação diádica não sofre influências de quaisquer das dimensões da conjugalidade mensuradas pelo DAS.

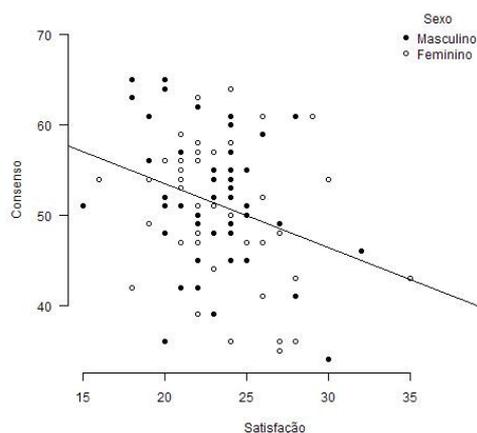


Figura 13. Correlação entre consenso e satisfação (N=106)

O domínio satisfação, conforme descrito por Spanier (1976) e por Perlin (2006), compreende comportamentos como frequência de conversas ou pensamentos sobre divórcio, separação ou término do relacionamento, frequência com que se pensa que as coisas estão indo bem ou mal no casamento, de troca de confidências, de pensamentos sobre possível arrependimento de ter se casado, de irritação com o outro, entre outros. A partir dessa consideração, pode-se compreender o fato de que a satisfação recebe influência dos afetos positivos, negativos e da própria satisfação com a vida, pela análise de regressão. Se a dimensão é composta pelos pensamentos adaptativos e não adaptativos relacionados a uma avaliação do que é percebido no casamento e na própria vida, há que se estabelecer a sua relação com os domínios do BES.

Uma boa avaliação da satisfação no relacionamento diádico deve vir acompanhada de bom nível de afetos positivos, baixo nível de afetos negativos e de um similar grau de satisfação com a vida. Pode-se problematizar no sentido de que ambas as satisfações (do BES e da conjugalidade) apontam para uma mesma direção, ou seja, avaliar o casamento passaria, inequivocamente, não apenas por uma avaliação da

própria vida, mas por uma reflexão acerca do papel do relacionamento afetivo na constituição da pessoa.

Em termos da satisfação conjugal, o domínio de conjugalidade satisfação apresentou correlações positivas com todos os domínios da Escala de Satisfação Conjugal (DELA COLETA, 1989), a saber: aspectos emocionais ($r=0,31$; $p<0,01$); interação conjugal ($r=0,30$; $p<0,01$); e aspectos estruturais ($r=0,28$; $p<0,01$), sendo que com esta última variável a correlação foi significativa, pela análise de regressão múltipla (Figura 14).

Como apontado em relação ao consenso, todos os domínios da satisfação conjugal apresentam correlação com o domínio satisfação (da conjugalidade). Pela análise de regressão múltipla, a satisfação seria significativamente influenciada pelos aspectos emocionais do cônjuge, ou seja, o modo como o parceiro revela seus sentimentos e expressa sua afetividade no relacionamento conjugal estaria diretamente ligado à avaliação positiva ou negativa acerca do casamento.

Pode-se pensar que quanto mais o cônjuge demonstra uma adequada elaboração de seus aspectos emocionais, de equilíbrio de sua afetividade e de adequada expressão da mesma, mais o parceiro fará uma boa avaliação em termos de satisfação ou tenderá a estabelecer um relacionamento satisfatório.

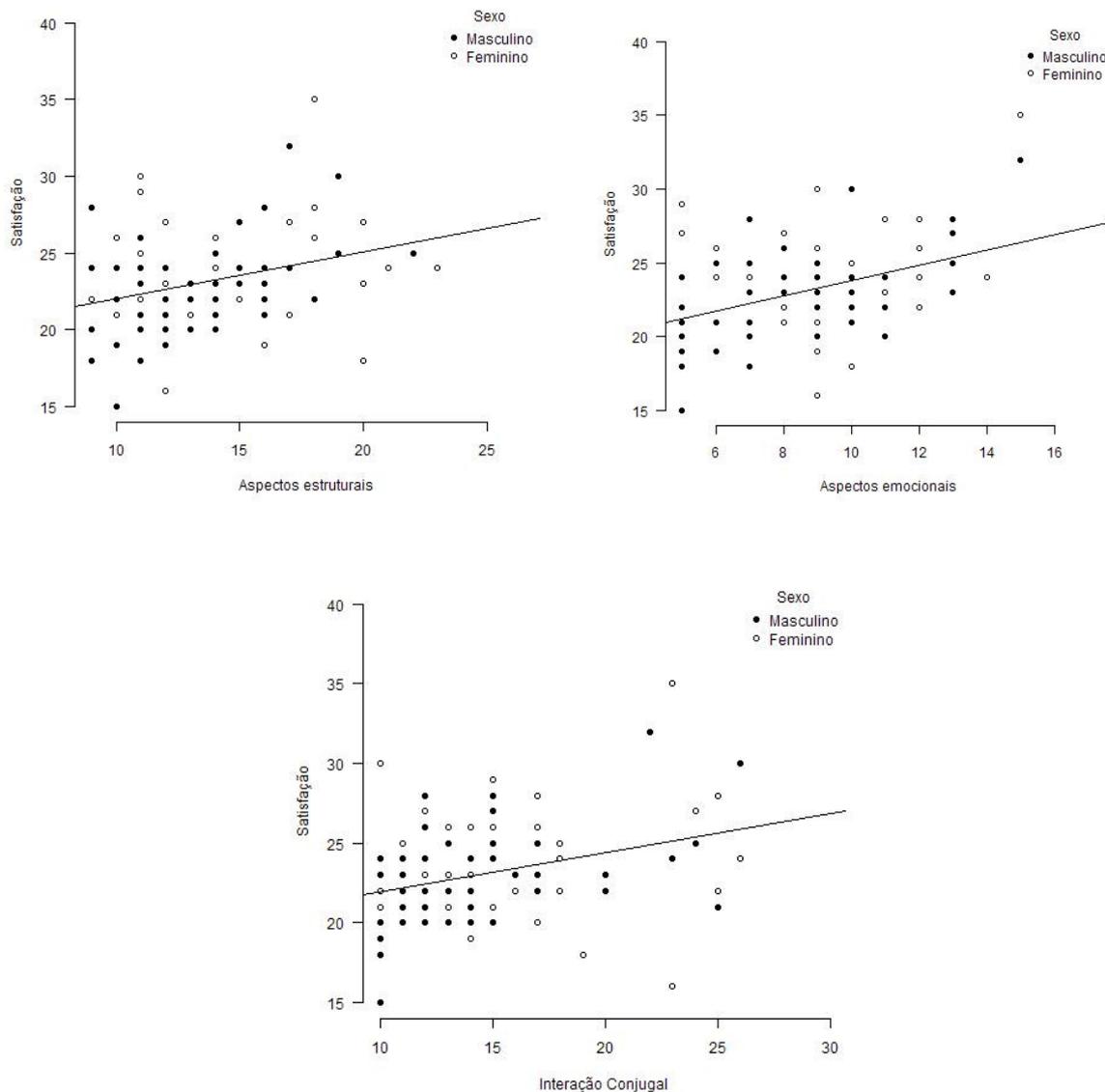


Figura 14. Correlações entre a satisfação e os domínios da satisfação conjugal (aspectos emocionais, aspectos estruturais e interação conjugal) (N=106)

A dimensão satisfação com a díade, segundo Perlin (2006), refere-se à percepção direta da satisfação conjugal, como cada cônjuge percebe seu casamento e também em relação à presença de alguns fatores ou comportamentos na vida conjugal satisfatória e não satisfatória.

Essa avaliação e percepção se dá hoje de forma conflituosa, principalmente devido à fase transicional e ao privilégio do individual sobre o relacional e o coletivo. Ainda, é amplificada devido ao contínuo e crescente processo de equidade entre homens e mulheres – ao menos nos discursos. Considerado uma das mais

significativas dimensões da vida das pessoas , é normal e saudável que, de tempos em tempos, as pessoas façam análises sobre seus sentimentos e projetos em relação ao casamento. (PERLIN, 2006, p. 102).

Deste modo, ainda que tal avaliação contemple uma maior possibilidade de reflexão e de questionamentos acerca do casamento, dos papéis do cônjuge e de como cada um percebe e vivencia o relacionamento conjugal, na contemporaneidade, observa-se que este domínio se correlaciona de modo significativo com todos os domínios da satisfação conjugal, o que pode ser devido à consonância entre as escalas e pela própria definição dos construtos.

A satisfação da díade não apresentou associações com a idade dos participantes ($r=-0,15$; $p=0,12$), o tempo de relacionamento dos casais ($r=-0,17$; $p=0,21$), o grau de instrução ($p=0,13$), a classificação socioeconômica ($p=0,11$) e a renda *per capita* ($r=0,08$; $p=0,59$).

Em relação ao domínio da conjugalidade denominado coesão, Spanier (1976) a compreende enquanto um sentimento ou vivência de união e integração entre os cônjuges. Engloba questões como o envolvimento em atividades extra-familiares juntos, frequência de troca de ideias estimulantes sobre alguma coisa, frequência com que o casal trabalha junto em algum projeto. Para Spanier (1976), quando há o enfraquecimento da coesão, isso pode se dever tanto a fatores externos (compromissos e jornadas de trabalho ou planejamento de carreira) quanto a fatores internos (PERLIN, 2006).

Segundo Walsh (2002), resgatado a partir do estudo de Perlin (2006), a coesão se refere à proximidade e ao sentimento de conexão e intimidade percebidos pelo casal, havendo um compromisso partilhado com a relação e com a sua continuidade, havendo um sentimento de preservação da relação e do vínculo, de forma a diminuir as influências de outros sobre a relação. Perlin (2006) aponta que em casamentos mais

tradicionais é a mulher a grande responsável pela manutenção da coesão do casal, pois ela se adaptaria mais ao modelo do marido e suas necessidades do que o contrário.

No presente estudo, a coesão se encontra positivamente correlacionada com a expressão do afeto, também um domínio da conjugalidade ($r=0,47$; $p<0,01$) (Figura 15). Esta correlação é considerada moderada para Zou, Tuncali e Silverman (2003). A coesão também pode ser negativamente correlacionada com os domínios da satisfação conjugal: aspectos emocionais ($r=-0,31$; $p<0,01$) (Figura 15); aspectos estruturais ($r=-0,48$; $p<0,01$) (Figura 15); e interação conjugal ($r=-0,55$; $p<0,01$). A correlação entre coesão e interação conjugal confirma a quarta hipótese deste estudo.

Pela análise de regressão múltipla, a coesão sofre influência significativa apenas dos afetos positivos. Assim, pode-se pensar que quanto maior o nível de afetos positivos e de sentimentos adaptativos em um dos parceiros, maior será o grau de coesão na relação. Pessoas com altos níveis de afetos positivos tenderiam a desenvolver maior coesão em seus relacionamentos afetivos, uma vez que teriam maior disposição para a mudança e para a vivência integral dos afetos juntamente com os parceiros.

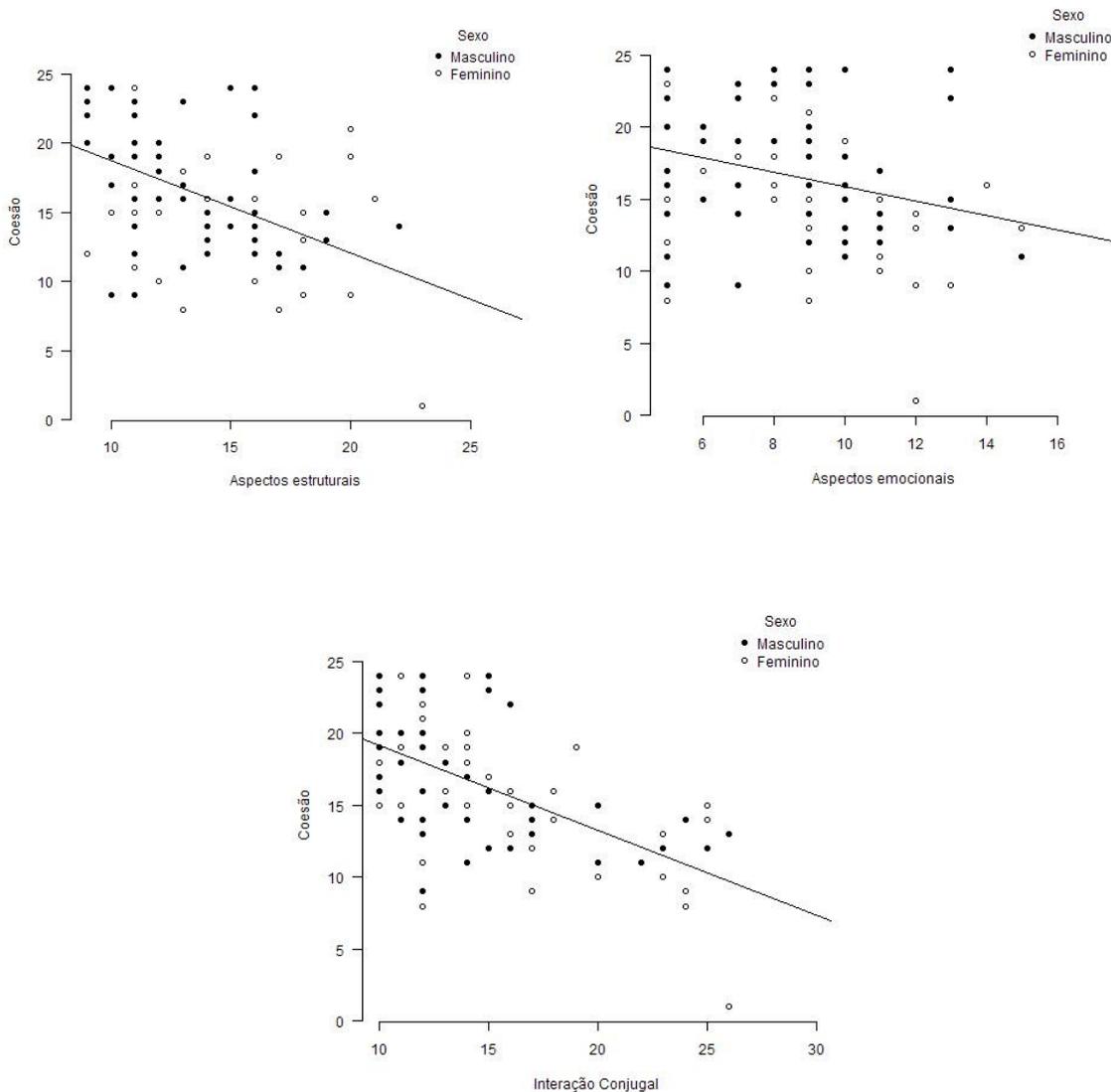


Figura 15. Correlações entre a coesão e os domínios da satisfação conjugal (aspectos estruturais, aspectos emocionais e interação conjugal) (N=106)

Em relação à idade, houve uma correlação negativa com o domínio coesão ($r=-0,19$; $p=0,05$). Segundo Zou, Tuncali e Silverman (2003), esta correlação é fraca. Como se trata de uma correlação fraca e a análise de regressão não apontou a relevância da variável idade para a coesão, não se pode afirmar diretamente que quanto maior a coesão, menor a idade do cônjuge.

Em relação ao tempo de relacionamento ($r=-0,21$; $p=0,14$), ao grau de instrução ($p=0,95$), à classificação socioeconômica ($p=0,27$) e à renda *per capita* ($r=0,09$; $p=0,52$), não houve correlações significativas.

Acerca da expressão do afeto, Spanier (1976) a define como a percepção subjetiva acerca da concordância ou discordância de um casal em questões relativas à forma e frequência de demonstrações de carinho, afeto e desejo sexual. Na DAS, segundo Perlin (2006), a expressão do afeto é expressa por meio do grau de concordância ou discordância em relação às demonstrações de afeto e relações sexuais e, “em relação às duas últimas semanas, se o casal apresentou problemas em relação a estar cansado demais para sexo e não demonstração do amor” (PERLIN, 2006, p. 95).

Em relação à expressão do afeto (domínio da conjugalidade), este domínio encontra-se negativamente correlacionado a todos os domínios da satisfação conjugal, como também indicado em relação à coesão, a saber: aspectos emocionais ($r=-0,32$; $p<0,01$); aspectos estruturais ($r=-0,29$; $p>0,01$); e interação conjugal ($r=-0,47$; $p>0,01$) (Figura 16). Pela análise de regressão múltipla, a expressão do afeto seria diretamente e significativamente influenciada pela coesão, pelos afetos positivos e pela interação conjugal.

Os domínios conjugalidade e satisfação conjugal não possuem em comum apenas o contexto do casamento, mas também o modo como alguns de seus domínios foram criados para abarcar determinadas questões próprias da vivência conjugal, como a frequência de concordância em relação às decisões do cotidiano, o modo como cada cônjuge expressa seus sentimentos e as suas necessidades, entre outros.

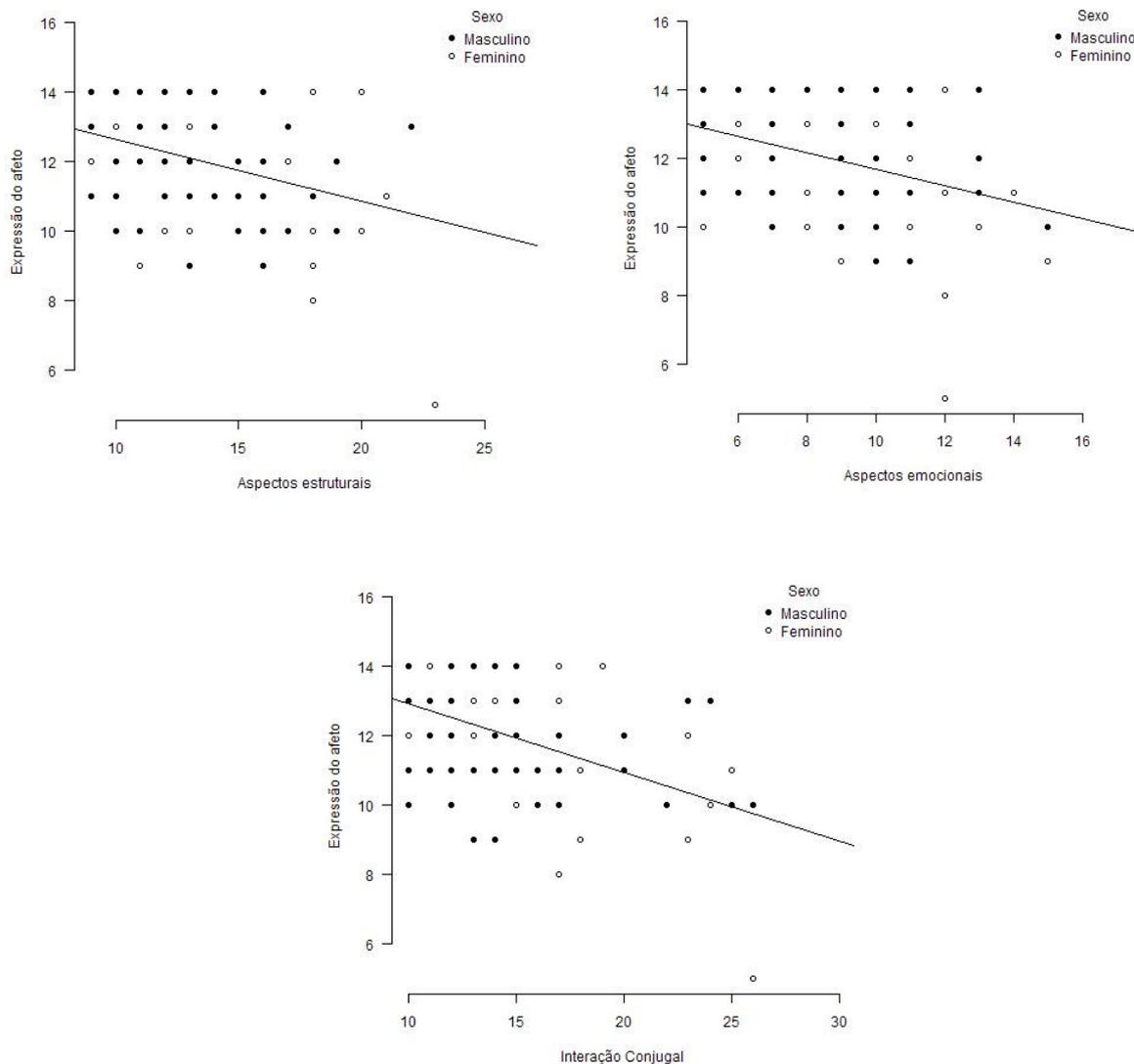


Figura 16. Correlações entre a expressão do afeto e os domínios da satisfação conjugal (aspectos estruturais, aspectos emocionais e interação conjugal) (N=106)

Deste modo, pode-se afirmar que, na amostra, quanto maior a insatisfação do casal em relação ao casamento e/ou ao cônjuge, menor a expressão de afeto vivenciada na relação conjugal. Pode-se compreender que em relacionamentos cujos cônjuges estejam insatisfeitos, diminuiria a frequência de demonstrações de amor e carinho, bem como as atividades sexuais, como trazido também por Seligman (2004) e Gottman (1998). Como já destacado, a DAS cobre não todo o processo de construção e desenvolvimento da conjugalidade do casal, mas acessa a expressão do afeto em um

determinado ponto da relação, por isso a delimitação do tempo em relação a esses aspectos (duas últimas semanas).

O fato de a expressão do afeto estar correlacionada aos domínios da satisfação conjugal de outro instrumento denota a coesão entre as escalas e da própria amostra. Assim, para um relacionamento ser considerado satisfatório pelos cônjuges, é importante que haja uma adequada expressão do afeto tal como apregoada por Spanier (1976), ou seja, não apenas a demonstração de carinho e amor, mas a devida concordância dos cônjuges em relação ao modo e a frequência desses comportamentos.

A correlação da expressão do afeto com os aspectos emocionais da satisfação conjugal ($r=-0,32$; $p<0,01$), considerada moderada (ZOU; TUNCALI; SILVERMAN, 2003) revela que os instrumentos apresentam consonância em relação a esses aspectos. Quanto maior o nível dos aspectos emocionais, maior a insatisfação do cônjuge em relação ao parceiro no que tange tais aspectos. Assim, podemos associar que quanto maior a concordância do cônjuge em relação à expressão do afeto pelo parceiro, maior a probabilidade de haver uma coesa expressão de afeto, de carinho e de amor na relação, com frequência que seja percebida por ambos como adequada.

O domínio expressão do afeto não apresentou associações com a idade ($r=-0,08$; $p=0,43$); tempo de relacionamento ($r=-0,07$; $p=0,64$); grau de instrução ($p=0,95$); e renda *per capita* ($r=0,03$; $p=0,83$). Em relação à classe socioeconômica, houve uma correlação positiva ($p=0,04$). Não há substrato na literatura acerca dessa correlação existente entre classe socioeconômica e expressão do afeto, uma vez que tais variáveis são específicas e a o domínio socioeconômico adota um referencial próprio (ABIPEME, 1997).

Acerca das correlações feitas entre os domínios da satisfação conjugal, temos que os aspectos emocionais podem ser positivamente correlacionados com os aspectos

estruturais ($r=0,56$; $p<0,01$), ou seja, aspectos emocionais e estruturais são correlacionados de um nível moderado a forte (ZOU; TUNCALI; SILVERMAN, 2003) (Figura 17). Esta correlação foi confirmada pela análise de regressão múltipla. Essa constatação corrobora os estudos de Dela Coleta (1989) e Pick de Weiss e Andrade Palos (1988), que validaram o instrumento de investigação da satisfação conjugal utilizado nos contextos brasileiro e mexicano, respectivamente. Pelos dados, também houve correlação positiva e significativa entre os aspectos emocionais e a interação conjugal ($r=0,53$; $p<0,01$) (Figura 17). Tais considerações também comprovam a hipótese 1 de que todos os domínios de cada construto seriam significativamente correlacionados.

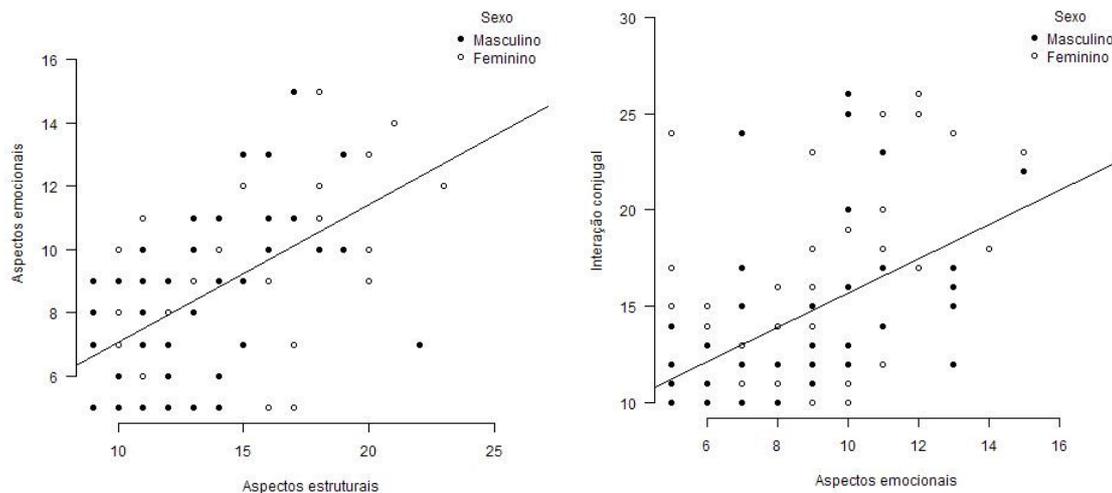


Figura 17. Correlações entre os aspectos emocionais e os aspectos estruturais e entre os aspectos emocionais e a interação conjugal (N=106)

Em relação aos aspectos idade ($r=-0,08$; $p=0,43$), tempo de relacionamento ($r=-0,18$; $p=0,20$), grau de instrução ($p=0,35$), classificação socioeconômica ($p=0,75$) e renda *per capita* ($r=0,12$; $p=0,38$), não houve correlações fortes ou significativas.

Em relação aos aspectos estruturais e a interação conjugal, a correlação encontrada foi de moderada a forte ($r=0,62$; $p<0,01$), o que revela grande coesão entre os construtos (Figura 18), o que foi destacado também pela regressão múltipla. Assim, a correlação entre aspectos estruturais e interação conjugal é significativa. Tal correlação corrobora os estudos de validação dos mesmos (PICK DE WEISS; ANDRADE PALOS, 1988; DELA COLETA, 1989), bem como a primeira hipótese deste presente trabalho.

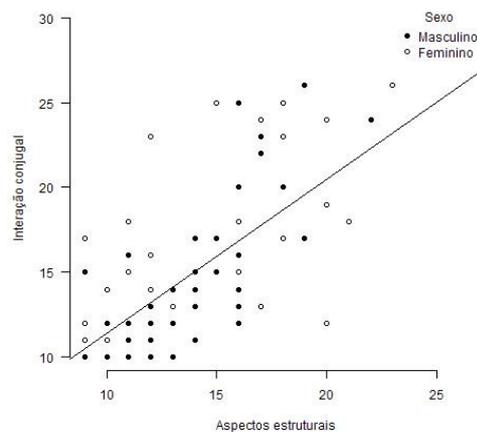


Figura 18. Correlação entre aspectos estruturais e interação conjugal (N=106)

Pela análise de regressão múltipla, as variáveis explicativas mais significativas para os aspectos estruturais são os aspectos emocionais, a interação conjugal e o consenso diádico. Os aspectos estruturais não registraram correlações significativas com as variáveis de idade ($r=0,01$; $p=0,89$), tempo de relacionamento ($r=-0,07$; $p=0,61$), grau de instrução ($p=0,71$) e classe socioeconômica ($p=0,29$). Em relação à renda, foi encontrada uma correlação de fraca a moderada com os aspectos estruturais da satisfação conjugal ($r=0,27$; $p=0,05$). Na literatura, não foi encontrado aparato para tal correlação.

Em termos da interação conjugal, não foram encontradas correlações significativas com as variáveis de idade ($r=0,07$; $p=0,50$), tempo de relacionamento ($r=0,05$; $p=0,72$), grau de instrução ($p=0,25$) e renda *per capita* ($r=-0,03$; $p=0,81$). Já em relação à classe socioeconômica, foi encontrada uma correlação positiva ($p=0,05$). Pela análise de regressão múltipla, a interação conjugal seria significativamente explicada pelos aspectos estruturais, pela expressão do afeto e pelo consenso diádico, o que aponta para o grau de interlocução existente e de diálogo que ainda pode ser favorecido entre os dois domínios. Quais as especificidades de se mensurar a conjugalidade e a satisfação conjugal? A conjugalidade seria um domínio mais amplo que a satisfação conjugal? Quais são os pontos comuns entre esses construtos e como eles podem dialogar em termos de medida? Essas são algumas das questões emergentes neste estudo e que estão sendo abordadas em termos das variáveis de cada noção.

O que pode ser observado é que todos os domínios dos dois construtos podem sim ser relacionados em maior ou menor grau, de modo mais ou menos significativo, a depender da correlação que é buscada. Assim, as variáveis que mais influenciam os aspectos estruturais são, além das próprias variáveis de satisfação conjugal, o consenso diádico, que é um domínio da conjugalidade. De modo semelhante, a expressão do afeto sofre influência significativa da interação conjugal, o que revela que os instrumentos podem sim dialogar e refletir acerca de seus limites, alcances, especificidades e adequações para as mensurações pretendidas.

Feitas as correlações entre cada um dos domínios do BES, da conjugalidade, da satisfação conjugal e das variáveis socioeconômicas, passaremos para a análise das correlações entre os construtos gerais, uma vez que todas as escalas apontam para a existência de um fator geral para as mesmas (SPANIER, 1976; DELA COLETA, 1989;

PICK DE WEISS; ANDRADE PALOS, 1988; ALBUQUERQUE, 2004; ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004).

Acerca do fator geral do BES, foram feitas as suas correlações com as variáveis de idade, tempo de relacionamento, grau de instrução, classe socioeconômica e renda *per capita*, além dos construtos conjugalidade e satisfação conjugal.

Não foram encontradas correlações significativas do BES com a idade, tempo de relacionamento, grau de instrução, classe socioeconômica e renda. Segundo Albuquerque (2004), a renda econômica foi considerada, por muito tempo, como sendo fortemente relacionada ao BES. Embora o senso comum afirme que dinheiro possa trazer felicidade, a relação entre riqueza material e o BES não é direta. Riqueza econômica pode contribuir para o BES por prover os meios de satisfação de algumas necessidades básicas como alimentação, vestimenta e cuidados com a saúde.

Estudos dos EUA, como os de Frey e Stutzer (2002), mostraram uma relação positiva entre renda e felicidade naquele país. Em ambos os períodos analisados (de 1972-74 e 1994-96), a média da felicidade pareceu aumentar conforme aumentou a renda. Estudos com dados de países europeus revelaram cenários semelhantes (OSWALD, 1997). Renda adicional, entretanto, não aumenta a felicidade infinitamente. A renda parece apresentar uma utilidade marginal decrescente em relação ao bem-estar.

Apesar de a maioria dos trabalhos apontarem para uma correlação positiva significativa entre a felicidade e a renda, as correlações por si só não estabelecem direção de causalidade. Existe a possibilidade de que rendas mais altas não tragam felicidade para as pessoas, e sim que pessoas mais felizes ganhem mais dinheiro porque elas tendem a trabalhar mais arduamente e serem mais empreendedoras, estando mais satisfeitas com seus trabalhos e seus desempenhos profissionais (CORBI; MENEZES FILHO, 2004).

Os resultados das pesquisas de Corbi e Menezes Filho (2004) no Brasil mostraram que as pessoas mais ricas e com emprego têm mais chance de ser felizes. Da mesma maneira, a renda parece aumentar o nível de BES das pessoas, para todos os países analisados. Como destacado por Freire (2001), o BES nem sempre é afetado por condições materiais, de saúde, conforto e riqueza, sabendo-se que a influência destes aspectos depende dos valores e expectativas do indivíduo, do grupo a que pertence e da sociedade em que vive.

Relacionando-se os construtos BES (composto por afetos positivos, afetos negativos e satisfação com a vida) e conjugalidade (composta por consenso, coesão, satisfação e expressão do afeto), não encontramos correlações significativas ($r=0,02$; $p=0,87$), o que não confirma a segunda hipótese do estudo, construída a partir dos estudos que destacam que as pessoas casadas são mais felizes que as solteiras, viúvas, separadas ou que vivem sozinhas (MASTEKAASA, 1995; GOTTMAN, 1998; DIENER; LUCAS, 2000; SELIGMAN, 2004).

De modo similar, não há associações significativas entre o BES e a satisfação conjugal (composta por interação conjugal, aspectos estruturais e aspectos emocionais) ($r=0,08$; $p=0,40$), o que se mantém quando unimos os construtos conjugalidade e satisfação conjugal (escores de conjugalidade somados aos escores de satisfação conjugal, gerando um construto conjugal único) ($r=0,11$; $p=0,27$). Tal consideração também não confirma a segunda hipótese do presente estudo.

Como já apontado, o suporte social é apontado na literatura como estando diretamente relacionado ao BES. O suporte social é entendido como apoio social e da família, uma vez que pessoas extrovertidas tendem a receber maior suporte social e a experimentar BES mais elevado. Apesar do suporte social ser referido na literatura como uma variável que influencia fortemente o BES, as pesquisas ainda não são

conclusivas a respeito (DIENER, 1984; ALBUQUERQUE, 2004). É apontado que pode haver uma influência bidirecional entre contato com grupos e felicidade, ou seja, o contato social pode levar a um BES mais elevado, assim como este pode gerar maior rede social e qualidade nas relações, o que estaria diretamente ligado ao casamento ou ao estabelecimento de vínculos afetivos.

Como descrito anteriormente, neste estudo não encontramos correlações suficientes entre as dimensões (BES e conjugalidade) como um todo (fatores gerais), embora certos domínios da conjugalidade (como a coesão, a expressão do afeto) estejam correlacionadas aos afetos positivos e negativos. De modo similar, o domínio da conjugalidade denominado satisfação está positivamente correlacionado com a satisfação com a vida, um domínio do BES (conforme hipótese 3).

O BES e a satisfação conjugal (fatores gerais) também não apresentam associações significativas, negando a segunda hipótese deste estudo. Mas em relação aos domínios desses construtos, como trazido anteriormente, pode-se destacar que os afetos positivos podem ser correlacionados com a interação conjugal (correlação de fraca a moderada) e os afetos negativos com os aspectos emocionais, estruturais e a interação conjugal (correlações de fracas a moderadas). A satisfação com a vida não se relaciona com quaisquer dos domínios da satisfação conjugal. Assim, não podemos afirmar inequivocamente que BES, conjugalidade e satisfação conjugal estejam correlacionados, embora domínios específicos de cada um dos construtos estejam correlacionados entre si e de maneira significativa, o que nem sempre é trazido na literatura científica, que privilegia as correlações em termos dos construtos gerais (fatores gerais).

Pelos dados de nossa pesquisa, pode-se dizer que a satisfação diádica está positivamente correlacionada com a satisfação com a vida e que pessoas com alto nível

de afetos positivos tendem a ter, em seus relacionamentos conjugais, maior coesão diádica, maior expressão do afeto pelo cônjuge e maior interação conjugal (confirmando a hipótese 2, se não considerarmos os fatores gerais). Variáveis correlatas como idade, grau de instrução, idade, renda e tempo de relacionamento não apresentaram associações significativas.

Acerca da conjugalidade, não foram encontradas correlações significativas com as variáveis de idade ($r=-0,14$; $p=0,16$), tempo de relacionamento ($r=-0,10$; $p=0,48$), grau de instrução ($p=0,78$), classificação socioeconômica ($p=0,33$) e renda ($r=0,11$; $p=0,41$).

Em contrapartida, a conjugalidade é negativa e significativamente correlacionada à satisfação conjugal (pela Escala de Satisfação Conjugal de Dela Coleta, 1989), em uma relação considerada de moderada a forte ($r=-0,60$; $p<0,01$) (Figura 19), o que confirma a quarta hipótese deste estudo, de que tais construtos seriam relacionados por avaliarem noções conceitualmente próximas.

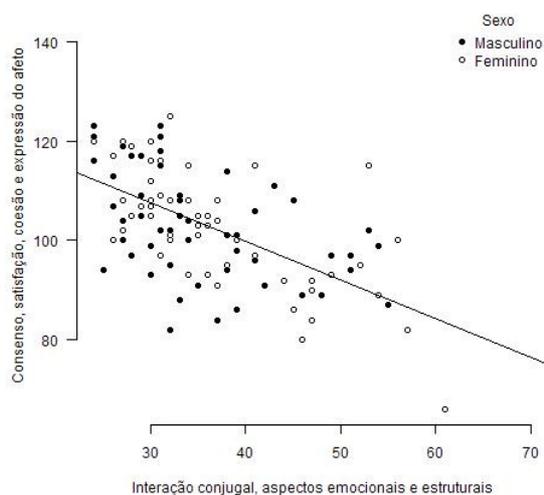


Figura 19. Correlação entre conjugalidade (consenso, satisfação, coesão e expressão do afeto) e satisfação conjugal (aspectos emocionais, aspectos estruturais e interação conjugal) (N=106)

Pensando na associação entre esses dois construtos, segundo Wachelke et al. (2004), a satisfação com o relacionamento aumenta quando há maior envolvimento emocional das pessoas que se relacionam, bem como maior confiança, abertura para comunicação e interdependência (SANDERSON; CANTOR, 1997; MACHADO, 2007), dimensões essas que poderiam estar associadas aos domínios de conjugalidade utilizados no presente estudo, como coesão, expressão do afeto e a própria satisfação. De modo similar, a literatura aponta que quanto maior a expressividade manifestada pelo companheiro, maior a satisfação do cônjuge (MILLER; CAUGHLIN; HUSTON, 2003). Isso pode ser explicado, segundo aponta Machado (2007), por uma facilidade do cônjuge em manifestar claramente seus desejos e intenções, possibilitando uma melhor comunicação de desejos e expectativas em torno da relação.

Ainda segundo a hipótese 4 deste estudo, por avaliarem os aspectos construídos e constituídos a partir da vivência conjugal, a interação conjugal (do construto satisfação conjugal) estaria mais diretamente relacionada à coesão, ao consenso e à expressão do afeto (do construto conjugalidade). Pelos dados, mostrou-se que esses domínios estão significativamente correlacionados, o que foi confirmado pela análise de regressão múltipla, que destacou uma maior significância entre o consenso e a interação conjugal, o que corrobora os apontamentos de Sanderson e Cantor (1997), Wachelke et al. (2004) e Machado (2007). Posto isso, confirma-se a quarta hipótese deste estudo.

Por tais considerações, aponta-se a similaridade entre os construtos e, mais do que isso, destaca-se a possibilidade de que os mesmos sejam investigados juntos, na medida em que não constituem a mesma noção, mas uma complementa a outra em termos de seus diferentes domínios.

Os domínios da conjugalidade estão mais centrados na avaliação da díade, do modo como cada um vivencia certos aspectos em relação ao casamento, ao passo que a

satisfação conjugal leva em conta, além da interação conjugal, o modo como cada um avalia seu parceiro em termos de seus aspectos emocionais e estruturais. Ou seja, um dos cônjuges avalia esses aspectos presentes no outro, o que revela que o construto satisfação conjugal mensura não apenas domínios ligados à díade, mas também ao parceiro em termos individuais, ao passo que a conjugalidade (a partir do ajustamento diádico mensurado pelo DAS) funda-se no modo como o casal interage e constrói o seu absoluto.

A satisfação conjugal também não pode ser correlacionada com as variáveis de idade ($r=-0,02$; $p=0,87$), tempo de relacionamento ($r=-0,10$; $p=0,48$), grau de instrução ($p=0,28$), classe socioeconômica ($p=0,17$) e renda ($r=0,15$; $p=0,27$).

Refletindo sobre o tempo de relacionamento, Norgren et al. (2004), em um estudo sobre casamentos de longa duração, pontuam que o casamento se transforma ao longo do ciclo de vida familiar e, assim, o nível de satisfação também varia com o decorrer dos anos de convívio, como anteriormente investigado por Gottman e Krokoff (1989) e por Weigel e Ballard-Reisch (1999). Quando um casal permanece junto por longo tempo, no entanto, não significa necessariamente que tenham um bom relacionamento.

Deste modo, Kaslow e Hammerschmidt (1992) diferenciam satisfação e estabilidade conjugal, argumentando que podem existir casamentos estáveis e não necessariamente satisfatórios, que se mantêm pelas mais variadas razões: um ou ambos os cônjuges abominam a ideia do divórcio, por razões pessoais ou por credo religioso; podem ter medo da mudança e da solidão; não conseguem lidar com a liberdade e autossuficiência; não querem repartir o patrimônio que construíram ao longo dos anos e, finalmente, estar casado e fazer parte de uma família pode ser menos ansiógeno do que estar descasado (ALBUQUERQUE, 2004).

Segundo Paraguassú (2005), tanto a falta como a existência de dinheiro não são, isolados, suficientes para a manutenção ou dissolução do casamento. Para Gottman (1998), a falta de dinheiro e as dificuldades financeiras dela decorrente não constituem em si mesmas fatores de influência negativa no casamento (PERLIN, 2006). Assim, os dados encontrados neste estudo corroboram tais apontamentos, uma vez que a correlação entre satisfação conjugal e renda *per capita* pode ser considerada muito fraca (ZOU; TUNCALI; SLIVERMAN, 2003). O mesmo foi registrado em relação à classificação socioeconômica ($p=0,17$).

Concluindo, pela Psicologia Positiva, ainda não é claro se é o casamento que influencia uma percepção positiva acerca da vida ou se pessoas felizes tendem a se casar e avaliar como satisfatória essa relação. A atitude positiva em relação à vida está correlacionada a aspectos presentes no relacionamento conjugal, como coesão diádica e a própria interação conjugal, ou seja, pessoas com maior nível de afetos positivos tendem a estabelecer relacionamentos com maior coesão e interação, uma vez que possuem maior disponibilidade para o contato com o outro.

A satisfação diádica, componente de grande importância para a avaliação da conjugalidade, está correlacionada não apenas à satisfação com a vida, mas também aos afetos negativos, destacando que a percepção satisfatória acerca do casamento está diretamente ligada a uma avaliação satisfatória da vida de cada cônjuge e também a um baixo nível de afetos negativos. Ou seja, o casamento, por esses domínios, está correlacionado a aspectos individuais trazidos e percebidos por cada cônjuge.

As dimensões de conjugalidade estão correlacionadas e, mais do que isso, podem ser um indicativo para que outros instrumentos sejam criados e possam abarcar em uma mesma escala domínios que aliem a satisfação conjugal (aspectos estruturais do casamento, aspectos emocionais do cônjuge e interação conjugal) ao ajustamento

diádico, aqui estudado enquanto conjugalidade, uma vez que destaca, fundamentalmente, os domínios relativos à díade e à interação do casal.

Desse modo, poderíamos refletir sobre a possibilidade de construção de um instrumento único de mensuração da conjugalidade, abarcando as especificidades dessa noção. Para a Psicologia Positiva, como corroborado pelos dados, há um foco no modo como as pessoas vivenciam e corporificam seus afetos, sendo esta a força e a virtude que as levam a uma percepção positiva da vida ou, em outras palavras, à felicidade.

Pelos dados deste trabalho, a felicidade não estaria em variáveis externas (idade, grau de instrução, idade, renda), mas justamente em componentes afetivos. Segundo algumas correntes da Psicologia, como os modelos psicodinâmicos, por exemplo, tais componentes remontariam a aspectos internos vivenciados e desenvolvidos nos anos iniciais. De que modo este desenvolvimento inicial influenciaria os níveis de BES e, mais do que isso, a construção de relacionamentos conjugais satisfatórios? Esse é um questionamento que pode ser deflagrado neste estudo, mas que ainda deve ser investigado por pesquisas com tal foco. Outras derivações também são pertinentes de apontamento: Como as práticas de educação poderiam favorecer o desenvolvimento de aspectos positivos no desenvolvimento humano? Pensando nas instituições – também alvo da Psicologia Positiva – como as mesmas poderiam favorecer um desenvolvimento mais adaptativo e possibilitador de florescimento de características salutareis e promotoras de bem-estar?

A Psicologia Positiva, longe dos determinismos de outras correntes psicológicas, promove um método para que se trabalhe com essas dimensões, desenvolvendo-as e tornando-as favorecedoras de uma atitude positiva frente à vida e aos relacionamentos, em busca de maior felicidade. Esta nova forma de ser e fazer em Psicologia ainda está em ascensão e merece olhares críticos e também estudos que possam não apenas

comprovar pesquisas internacionalmente conhecidas, mas investigar quais os componentes que estariam efetivamente envolvidos com a felicidade e com a satisfação no casamento.

Nesse presente estudo, algumas dessas variáveis puderam ser elucidadas e ainda devem ser alvo de novas investigações, problematizando seus resultados e levando a um desenvolvimento efetivo dessa corrente. Nas palavras de seu criador, Seligman (2004), tal perspectiva busca a realização permanente, o que não deve ser confundido com a exclusão de afetos negativos ou de percepções negativas acerca da vida e de seus domínios, mas justamente uma percepção que ultrapasse esses limites e veja as forças e as virtudes que devem existir em pessoas e em seus relacionamentos para uma visão mais adaptativa e feliz acerca da realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amor quer abraçar e não pode (...)

*Tudo manha, truque, engenho:
é descuidar, o amor te pega,
te come, te molha todo.
Mas água o amor não é.*

(ADÉLIA PRADO, 1991, p. 181)

Ela nunca tinha sentido o que sentiu. Era bom demais. Era como se um aleijado jogasse no ar o seu cajado.
(CLARICE LISPECTOR, 1998b, p.17)

Então era isso o amor por pessoas, reconheceu ela. Também esse amor era claro e inexplicável, mas bom – pão e vinho e bondade.
(CLARICE LISPECTOR, 1998c, p.172)

Amar e ser feliz seriam verbos transitivos, ou seja, que transitarium na mesma direção? Ou, em outras palavras, casar seria um sinônimo de ser feliz?

Retomando as hipóteses do estudo, a primeira delas foi confirmada, na medida em que todos os domínios do BES estão correlacionados entre si, o que foi observado também em relação aos domínios da conjugalidade e da satisfação conjugal, levando à consideração tanto de que os construtos como também os instrumentos utilizados para a mensuração dos mesmos possuem boa consistência nesta investigação.

A segunda hipótese traçada foi parcialmente confirmada, na medida em que foram encontradas correlações positivas e significativas entre alguns domínios do BES, da conjugalidade e da satisfação conjugal, mas em termos dos fatores gerais, o BES não se relaciona às demais noções investigadas. No entanto, aliada à quarta hipótese, a conjugalidade e a satisfação conjugal estão relacionadas de modo significativo, demonstrando que mensuram elementos não apenas similares do ponto de vista conceitual, como também estatístico.

Pensando nos domínios específicos de cada construto e não nos fatores gerais, a terceira hipótese confirmou-se, na medida em que se encontrou uma correlação significativa entre a satisfação com a vida (domínio do BES) e a satisfação (domínio da conjugalidade), levando-nos à consideração de que, na avaliação de bem-estar, o relacionamento afetivo ocupa um lugar de destaque, uma vez que é uma fonte significativa de prazer. Retomando uma das problematizações iniciais deste estudo,

pode-se destacar que a conjugalidade (notadamente a satisfação diádica) teria um papel importante na avaliação subjetiva de bem-estar, uma vez que este domínio interfere no modo como cada cônjuge não apenas percebe o seu casamento, mas também como o avalia tendo como referência os demais relacionamentos presentes em seu meio social e cultural, bem como os seus próprios relacionamentos estabelecidos anteriormente.

Pelo escopo deste estudo, não podemos corroborar a literatura que atesta que pessoas casadas são mais felizes que as demais, mas podemos enlevar, nos participantes casados da amostra, o papel da vivência conjugal na mensuração da própria satisfação com a vida. Futuramente, a avaliação de cada um dos casais acerca desses mesmos domínios poderá revelar se existiria mesmo um BES do casal, ou seja, dentro de cada casal, quais as correlações entre os domínios de BES? Outra possibilidade que se abre é a de justamente avançar nesses estudos e investigar, conceitualmente e estatisticamente, quais as semelhanças e diferenças entre esse BES do casal e a satisfação conjugal. Poderemos falar em afetos positivos e afetos negativos da relação? Com certeza, ainda há que se galgar espaços para essas reflexões.

Pela análise de regressão múltipla tipo *stepwise* dos dados dos 106 participantes, todos casados, podemos afirmar que alguns domínios específicos do BES estão ligados a certas dimensões da conjugalidade. Deste modo, os afetos positivos mantêm uma correlação significativa com a coesão e a expressão do afeto, os afetos negativos são relacionados ao consenso e à satisfação diádicos e a satisfação com a vida está fortemente correlacionada com a satisfação diádica.

Pensando tanto na conjugalidade como na satisfação conjugal, os afetos positivos são o domínio que mais se correlacionam com esses construtos. Assim, quanto maior o nível (ou frequência) de afetos positivos de uma pessoa (contentamento, bem-estar, otimismo, esperança, resiliência, gozo, prazer, entre outros), mais ela tende a estar

feliz no relacionamento conjugal, desenvolvendo coesão com o parceiro, expressando sua afetividade e podendo fazer uma avaliação mais positiva acerca do cônjuge.

Acerca da vivência conjugal, todos os domínios da satisfação conjugal (aspectos emocionais do cônjuge, aspectos estruturais do casamento e interação conjugal) estão correlacionados aos domínios da conjugalidade (consenso diádico, expressão do afeto, coesão e satisfação diádicas), sendo que algumas correlações apresentam-se mais fortes, como a expressão do afeto e a interação conjugal ou a satisfação diádica com os aspectos emocionais, o que retoma a quarta hipótese do estudo.

Sugere-se, a partir de tal consideração, a possibilidade de abarcar sob um mesmo construto (que poderia ser chamado de conjugalidade) os domínios de consenso diádico, coesão diádica, expressão do afeto, satisfação diádica, aspectos emocionais do cônjuge, aspectos estruturais do casamento e interação conjugal. Isto seria possível, visto que a satisfação conjugal não apenas se correlaciona ao ajustamento diádico mensurado pela DAS, como também aponta para o fato de que, ao avaliar um relacionamento conjugal, os cônjuges julgam subjetivamente a sua satisfação com o casamento e também com o parceiro. Assim, avaliar a conjugalidade passa, inevitavelmente, por uma avaliação da própria satisfação em relação ao casamento.

Os aspectos socioeconômicos e demográficos considerados na pesquisa, como idade, tempo de relacionamento, classe socioeconômica, grau de instrução e renda podem ser correlacionados a poucos domínios, a saber: a idade parece estar relacionada aos afetos positivos e à coesão diádica (correlação de fraca a moderada); a classe socioeconômica apresentou correlações apenas com os domínios de expressão do afeto e de interação conjugal; e a renda apresentou uma correlação de fraca a moderada com os aspectos estruturais do casamento, o que pode sugerir que as dificuldades financeiras

enfrentadas poderiam estar ligadas à própria estrutura da relação ou que tais aspectos poderiam interferir na estrutura do casamento.

E qual o olhar que podemos lançar a partir da Psicologia Positiva? Primeiramente, a busca pelos aspectos adaptativos do ser humano estão presentes desde a construção dos domínios dos instrumentos, uma vez que os mesmos destacam a satisfação e os aspectos que fazem com que as pessoas estejam juntas e permaneçam vinculadas a partir de um relacionamento. Desde modo, estar em coesão diádica ou em consenso é, de certa forma, buscar potencialidades em um casal, tentando explicar qual ou quais desses fatores estão mais relacionados à vivência e à satisfação de ambos os cônjuges.

Em termos do BES, a Psicologia Positiva se debruça notadamente nos afetos positivos e no modo como eles repercutem na avaliação subjetiva de bem-estar e de satisfação. Pelos dados deste estudo, pode-se sugerir que tal referencial se detenha nos aspectos fundamentalmente adaptativos das noções de conjugalidade e satisfação conjugal, como a expressão do afeto, o consenso, a coesão e a própria satisfação diádica. O desafio que se delineia, no entanto, supera tais cisões em termos de domínios, colocando uma questão emergente: como analisar os relacionamentos de maneira mais positiva e favorável à assunção e desenvolvimento de aspectos de maturidade, aceitação e bem-estar? Se pensarmos em um enfoque clínico, como a Psicologia Positiva poderia contribuir para o desenvolvimento de características positivas e salutareis nos casais?

Este processo, pelas discussões aqui levantadas e tecidas, passa pela compreensão do relacionamento conjugal a partir dos fatores constituintes de cada cônjuge. Se a conjugalidade é um espaço de habitação comum que só existe *pelo e a partir do* casal e suas individualidades, não se pode compreender a satisfação na relação

se não nos atentarmos para o modo como um dos cônjuges percebe, avalia e subjetiva a vivência a dois. Como as suas individualidades (concebidas a partir de suas avaliações e percepções acerca da vida) contribuem para a constituição de um espaço comum de subjetivação e construção de afetos, percepções e aprendizados?

Assim, o que cada cônjuge transfere para a relação deve ser apreendido como a sua contribuição para a construção do espaço conjugal, ou seja, inevitavelmente, os seus afetos positivos, afetos negativos e a forma como julga a sua vida fazem parte do se ser conjugal, fazem parte do modo como ele se abre e se desenvolve no seu casamento. Essa ponderação nos leva, assim, para a consideração do BES na avaliação do casamento.

Pelos resultados deste estudo, pode-se dizer que tais domínios adaptativos e favoráveis ao estabelecimento e manutenção de vínculos estão correlacionados ao que é percebido pelos cônjuges como satisfação. Um exemplo disso é o domínio da satisfação com a vida. Segundo Glatzer (1987) e Costa e Pereira (2007), a satisfação pode ser expressa em diferentes níveis, como a satisfação com a vida, a satisfação com todo um domínio da vida (como com o casamento) e a satisfação com determinados aspectos de um domínio (como com o parceiro). Um domínio que é menos dependente de situações momentâneas e menos sensível a mudanças súbitas do humor que a felicidade sofre mais influência de preocupações no espaço de vida mais amplo, como os âmbitos político e sociais.

O domínio satisfação com a vida, pelos dados desse presente trabalho, estão positivamente correlacionados com a satisfação diádica, ou seja, a satisfação entre os cônjuges, o que nos permite sugerir que uma vida a dois carregada de elementos e vivências positivas poderia estar diretamente ligada à percepção de satisfação com a vida expressa por cada membro, confirmando a hipótese 3. De modo similar, uma

percepção positiva acerca da vida (uma predominância dos afetos positivos sobre os afetos negativos) pode estar vinculada a altos escores de coesão diádica e de expressão do afeto entre os parceiros. Ou seja, pessoas com altos níveis de afetos positivos tendem a estabelecer relacionamentos nos quais elas podem expressar seus afetos de modo adequado ou nos quais possam interagir a partir da conjugação de aspectos positivos e negativos da própria relação.

Como já destacado por Diener, Suh e Oishi (1998), o nível de satisfação pode ser um modulador das emoções, aumentando ou diminuindo as emoções positivas ou negativas dependendo do que se pensa, o que pode ser estendido à instituição casamento. O modo como cada cônjuge participa do estar junto em uma relação, compartilhando sentimentos, desapontamentos, diferenças e proximidades pode ser um fator de satisfação não apenas com o domínio conjugal, como também com a própria vida. Pela correlação encontrada entre os domínios de coesão, consenso, satisfação diádica, expressão do afeto e interação conjugal e os aspectos estruturais do casamento, pode-se sugerir que tais sentimentos e percepções estariam no cerne da estrutura do relacionamento conjugal, uma vez que cada um desses domínios responde pelo que é estar junto, vinculado e experienciando sentimentos de prazer ou desprazer.

Segundo Diniz Neto e Féres-Carneiro (2005), a instituição casamento não está em um processo agonizante, mas justamente as pessoas estão em busca de padrões mais satisfatórios e funcionais de relacionamento amoroso que propiciem condições melhores para o processo de diferenciação e desenvolvimento psicológico e emocional dos parceiros. Assim, aliando tal apontamento à Psicologia Positiva, não se deve pensar a crise da conjugalidade contemporânea apontada por tantos pesquisadores (GIDDENS, 1993; BAUMAN, 2004; COSTA, 2005; FURTADO, 2008) como um momento de perda de uma instituição muito bem adaptada e saudável, porém como uma ruptura com

padrões psicossociais que trazem consigo normas sociais e familiares disfuncionais, a serviço de uma ideologia dominante (MAC GOLDRICK, 1995; DINIZ NETO; FÉRES-CARNEIRO, 2005).

Compreendemos que, na contemporaneidade, os padrões de conjugalidade devem estar abertos à transformação não apenas dos costumes, das formas de vinculação e dos fatores que fazem com que um casal permaneça junto e experimente sentimentos de prazer e satisfação, mas também das pessoas e daquilo que as mesmas concebem ou avaliam como satisfação e bem-estar. Assim, não devemos apenas falar em transformações da conjugalidade ou da intimidade (GIDDENS, 1993; BOZON, 2003), mas transformações da própria percepção subjetiva de felicidade e bem-estar, quer no casamento ou não.

A Psicologia Positiva se apresenta a serviço dessas transformações não apenas para compreendê-las, mas para participar do processo de transformar, não apenas para apontar as (in)transitividades, mas para destacar o porquê de determinadas transitividades. O que faz um casamento feliz? O que faz uma pessoa feliz? Estaríamos falando da mesma felicidade? Obviamente, as percepções são diferentes quando analisamos um relacionamento. As possibilidades de ressignificação da história de uma pessoa a partir do casamento ainda devem ser uma das fontes de investigação da Psicologia Positiva: o que cada um ganha, perde e transforma a partir do contato e do desenvolvimento junto com o outro? O que está no cerne de cada relacionamento e que pode contribuir para compreendermos a felicidade conjugal?

Para tanto, há a necessidade de se estudar dentro de cada casal como os domínios conjugais de comportam. Qual a percepção de cada cônjuge acerca do consenso, da coesão e da própria satisfação diádica? De que modo os arranjos conjugais e as diferentes visões (ou não) acerca do mesmo relacionamento impactam na

constituição da conjugalidade? É a concordância em relação à vivência conjugal que revela se o casal é feliz? Ou seria mais básico ainda: estar feliz é estar satisfeito?

Esses são os desafios deflagrados ao final deste percurso e que apontam não apenas para a realização de outras pesquisas, mas também de incursões rigorosas que continuem lançando ao casamento olhares ousados, amadurecidos, desconfiados e, por que não dizer, positivos. Conforme apontamento de Abbad e Torres (2002) acerca dos estudos quantitativos como este, deve-se ter em mente os riscos, as limitações e os desafios implicados nesta investigação, notadamente pelo uso de técnicas como a análise de regressão múltipla, utilizada neste estudo como auxiliar no processo de compreensão das correlações.

A confiabilidade dos resultados deve acompanhar não apenas o manejo adequado das técnicas e das análises, mas também o modo como os dados são discutidos, problematizados e postos sob a luz do referencial teórico. Os aspectos metodológicos da Psicologia Positiva ainda estão em desenvolvimento. Assim, deve-se ponderar que o presente estudo lançou algumas contribuições (e também questões) nesse sentido.

O referencial orientaria também a forma de seleção de participantes, de coleta de dados e de sistematização das análises? O processo realizado neste estudo foi o de dialogar com a perspectiva na medida em que os dados eram apresentados, levantando possibilidades de interlocução. Esse caminho, obviamente, ainda se encontra em aberto e deve ser abordado em outros estudos que explorem as nuances, os limites e os avanços do referencial – ou seja, é preciso que outras pesquisas continuem a co-construção do referencial, movimento este modestamente empreendido aqui com as pessoas casadas.

Posto isso, a mudança de foco almejada pela Psicologia Positiva não pode ser confundida com o esmaecimento dos aspectos desadaptativos que nos constituem, mas

justamente ser um norte para que as características positivas do psiquismo possam ser lapidadas com esmero tanto pelos casais que dão nome aos seus casamentos quanto pelos pesquisadores que buscam sinônimos positivos para esses tantos nomes, a fim de florescê-los de modo palatável, flexível e promotor de bem-estar e felicidade.

Como trazido por Clarice Lispector em seu livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1998d:89):

- Meu mistério é simples: eu não sei como estar viva.
- É que você só sabe, ou só sabia, estar viva através da dor.
- É.
- E não sabe como estar viva através do prazer?
- Quase que já. Era isso o que eu queria te dizer.

Que possamos, então, nos abrir a esta nova aprendizagem de se estar vivo.

REFERÊNCIAS*

* De acordo com:
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT) – **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

ABBAD, G.; TORRES, C. V. Regressão múltipla *stepwise* e hierárquica em Psicologia Organizacional: aplicações, problemas e soluções. **Estudos de Psicologia**, v. 7, número especial, p. 19-29, 2002.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

ABIPEME. Associação Brasileira de Anunciantes. Associação Nacional das Empresas de Pesquisa de Mercado (ANEP). Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado (ABIPEME). **Critério de classificação socioeconômica – Brasil (CCSEB)**, 1997.

ABOIM, S. Conjugalidade, afectos e formas de autonomia individual. **Análise Social**, v. 41, n. 180, p. 801-825, 2006.

ALBIERI, E.; RUINI, C.; FAVA, G. A. The measurement of psychological well-being in adolescence. In: CONFERENCE ON POSITIVE PSYCHOLOGY, 3., 2006, Braga. **Anais...** Braga: University of Minho, Portugal, 2006, p. 46-47.

ALBUQUERQUE, A. S. **Bem-estar subjetivo e sua relação com personalidade, coping, suporte social, satisfação conjugal e satisfação no trabalho**. 2004. 120 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

ALBUQUERQUE, A. S.; TRÓCCOLI, B. T. Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 153-164, 2004.

AMAZONAS, M. C. L. A.; BRAGA, M. G. R. Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 9, n. 2, p. 177-191, 2006.

ANDRADE, C. D. **Antologia poética**. São Paulo: Editora Record, 2003, 414 p.

_____. **Corpo, novos poemas**. São Paulo: Editora Record, 2004, 168 p.

_____. **Alguma poesia**. São Paulo, Editora Record, 2008, 156 p.

ANDRADE, M. **Amar, verbo intransitivo**. Rio de Janeiro: Villa Rica, 1993, 155 p.

ANGUAS, A. **El significado del bienestar subjetivo, su valoración en México**. 1997. Tesis (Maestría en Psicología Social) - Universidad Nacional Autónoma de México, Madrid, 1997.

ARGYLE, M. Causes and correlates of happiness. In: KAHNEMAN, D.; DIENER, E; SCHWARZ, N. (Eds.). **Well-being: the foundations of Hedonic Psychology**. New York: Russel Sage Foundation, 1999, p. 353-373.

ARGYLE, M.; MARTIN, M.; CROSSLAND, J. Happiness as a function of personality and social encounters. In: FORGAS, J.; INNES, J. **Recent advances in social psychology: an international perspective**. Elsevier, North Holland, 1989.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT) – **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BASSI, M.; DELLE FAVE, A. The daily experience of Italian adolescents in family interactions: gender and developmental issues. In: DELLE FAVE, A. **Dimensions of well-being: research and intervention**. Milão: FrancoAngeli, 2006, p. 172-190.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

BERGER, P.; KELLNER, H. Marriage and the construction of reality. In: DREIAZEL, P. H. **Recent Sociology**. New York: The Mac Millow Company, 1970.

BOZON, M. Sexualidade e conjugalidade: a redefinição das relações de gênero na França contemporânea. **Caderno Pagu**, v. 20, p. 131-156, 2003.

BRAZ, A. L. N. Reflexões sobre as origens do amor no ser humano. **Psicologia para América Latina**, n. 5, 2006. Disponível em: <<http://www.psicolatina.org/Cinco/amor.html>>. Acesso: 19 dez. 2008.

BRAZ, M. P.; DESSEN, M. A.; SILVA, N. L. P. Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 2, p.151-161, 2005.

BRIEF, A. P.; BUTCHER, A. H.; GEORGE, J. M.; LINK, K. E. Integrating bottom-up and top-down theories of subjective well-being: the case of health. **Journal of Personality**, v. 64, p. 646-653, 1993.

CAILLÉ, P. **Un et un font trois**: le couple révélé à lui-même. Paris: ESF, 1991.
CAMPBELL, A. Subjective measures of well-being. **American Psychologist**, v. 31, n. 1, p. 117-124, 1976.

CAPRARA, G. V.; STECA, P. Affective and interpersonal self-regulatory efficacy beliefs as determinants of subjective well-being. In: DELLE FAVE, A. **Dimensions of well-being**: research and intervention. Milão: FrancoAngeli, 2006, p. 120-142.

CARRASCO, R. C. La globalizacion y los desafios al papel tradicional de la familia en la educacion iberoamericana. In: CONFERÊNCIA IBEROAMERICANA SOBRE FAMÍLIA, 5., 2000, Madrid. **Anais...** Madrid: Funciones estratégicas de la família, 2000.

CASEY, J. **A história da família**. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1992, 227 p.

CICCO, M. F.; PAIVA, M. L.; GOMES, I. C. (2005). Família e conjugalidade: o sintoma dos filhos frente à imaturidade do casal parental. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 53-63, 2005.

COMUNIAN, A. L. Resilience and perceived parental acceptance among Italian children. In: DELLE FAVE, A. **Dimensions of well-being**: research and intervention. Milão: FrancoAngeli, 2006, p. 143-156.

COMUNICAÇÃO SOCIAL DE 6 DEZ 2007. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/>>. Acesso: 23 jul. 2008.

CORBI, R. B.; MENEZES FILHO, N. A. **Os determinantes empíricos da felicidade no Brasil**. Encontro Nacional da ANPEC, 2004. Disponível em: <www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A152.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2008.

COSTA, L. S. M.; PEREIRA, C. A. A. Bem-estar subjetivo: aspectos conceituais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 59, n. 1, p. 72-80, 2007.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

COSTA, M. E. **À procura da intimidade**. Porto, Portugal: Edições Asa, 2005, 128 p.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **A descoberta do fluxo**: a Psicologia do envolvimento com a vida cotidiana. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CSIKSZENTMIHALYI, M.; CSIKSZENTMIHALYI, I. S. **A life worth living**: contributions to positive psychology. New York: Oxford University Press, 2006.

DELA COLETA, M. F.; DELA COLETA, J. A.; DIENER, E. Estudo transcultural do sentimento de satisfação e de felicidade. In: REUNIÃO ANUAL DE PSICOLOGIA, 26., 1996, Ribeirão Preto. **Anais...** Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia, 1996, p. 184.

_____. Felicidade, bem-estar subjetivo e comportamento acadêmico de estudantes universitários. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 3, p. 533-539, 2006.

DELA COLETA, M. F. Causas atribuídas ao sucesso e fracasso no casamento. **Psico**, v. 22, n. 2, p. 21-39, 1991.

_____. A medida da satisfação conjugal: adaptação de uma escala. **Psico**, v. 18, n. 2, p. 90-112, 1989.

_____. Locus de controle e satisfação conjugal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 8, n. 2, p. 243-252, 1992.

_____. Atribuição de causalidade, locus de controle e relações conjugais (pp. 199-244). In: DELA COLETA, J. A.; DELA COLETA, M. F. **Atribuição de causalidade**: teoria, pesquisa e aplicações. Taubaté: Editora Cabral, 2006, 199-244.

DELLE FAVE, A.; MASSIMINI, F. The relevance of subjective well-being to social policies: optimal experiences and tailored intervention. In: HUPPERT, F. A.; BAYLIS, N.; KEVERNE, B. **The science of well-being**. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 379-402.

DELLE FAVE, A. The impact of subjective experience on the quality of life. In: CSIKSZENTMIHALYI, M.; CSIKSZENTMIHALYI, I. S. **A life worth living**: contributions to positive psychology. New York: Oxford University Press, 2006, p. 165-181.

DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006, 330 p.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 16, n. 3, p. 221-231, 2005.

DIAS, M. **A construção do casal**: um estudo sobre as relações conjugais contemporâneas. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2000.

DÍAZ LLANES, G. El bienestar subjetivo: actualidad y perspectivas. **Revista cubana de Medicina e Genética Integral**, v. 17, n. 6, p. 572-579, 2001.

DIENER, E. Subjective well-being. **Psychological Bulletin**, v. 95, n. 3, p. 542-575, 1984.

_____. A value based index for measuring national quality of life. **Social Indicators Research**, v. 36, p. 107-127, 1995.

_____. Subjective well-being: the science of happiness and a proposal for a national index. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 34-43, 2000.

DIENER, E.; DIENER, M.; DIENER, C. Factors predicting the subjective well being of nations. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 69, p. 851-864, 1995.

DIENER, E.; GOHM, C.; SUH, E.; OISHI, S. Similarity of the relations between marital status and subjective well-being across cultures. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, v. 31, p. 419-436, 2000.

DIENER, E.; LUCAS, R. E. Explaining differences in societal levels of happiness: relative standards, need fulfillment, culture and evaluation theory. **Journal of Happiness Studies**, v. 1, p. 41-78, 2000.

DIENER, E.; SUH, E.; LUCAS, R.; SMITH, H. Subjective well-being: three decades of progress. **Psychological Bulletin**, v. 125, p. 276-302, 1999.

DIENER, E.; SUH, E. M. Age and subjective well-being: an international analysis. **Annual Review of Gerontology and Geriatrics**, v. 17, p. 304-324, 1998.

_____. **Culture and subjective well-being**. Cambridge: MIT, 2000.

DIENER, E.; SUH, E.; OISHI, S. Recent findings on subjective well-being. **Indian Journal of Clinical Psychology**, n. 2, p. 25-41, 1998.

DIENER, E.; EMMONS, R. A.; LARSEN, R. J.; GRIFFIN, S. The satisfaction with life scale. **Journal of Personality Assessment**, v. 49, p. 71-75, 1985.

DIOGO, M. J. D. E. Satisfação global com a vida e determinados domínios entre idosos com amputação de membros inferiores. **Revista Panamericana de Saúde Pública**, v. 13, p. 395-400, 2003.

DINIZ, G. **The interaction between work**: gender-roles and marriage-family dilemmas in dual career and dual worker couples. Thesis (Doctoral) - United States International University, San Diego, 1993.

DINIZ-NETO, O.; FÉRES-CARNEIRO, T. Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 133-141, 2005.

DURHAM, E. **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

EFKLIDES, A.; KALAITZIDOU, M.; CHANKIN, G. Subjective quality of life in old age in Greece: the effect of demographic factors, emotional state and adaptation to aging. **European Psychologist**, v. 8, n. 3, p. 178-191, 2003.

EMMONS, R.A. Personal strivings: An approach to personality and subjective well-being. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 51, p. 1058-1068, 1986.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casais em terapia: um estudo sobre a manutenção e a ruptura do casamento. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 44, n. 2, p. 67-70, 1995.

_____. A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 2, n. 10, p. 351-368, 1997.

_____. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 2, p. 379-394, 1998 (a).

_____. Clínica da família e do casal: tendências da demanda contemporânea. **Interações: Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 3, n. 6, p. 23-32, 1998 (b).

_____. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 3, p. 367-374, 2003.

FERRAZ, R. B.; TAVARES, H.; ZILBERMAN, M. L. Felicidade: uma revisão. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, n. 5, p. 234-242, 2007.

FIGUEIREDO, P. M. V. A influência do locus de controle conjugal, das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento. **Ciências & Cognição**, v. 6, 2005. Disponível em: <www.cienciasecognicao.org>. Acesso: 15 dez. 2008.

FIQUER, J. T. **Bem-estar subjetivo**: influência de variáveis pessoais e situacionais em auto-relato de afetos positivos e negativos. 2006. 143 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FREIRE, S. A. **Bem-estar subjetivo e metas de vida**: um estudo transversal com homens e mulheres pertencentes a três faixas de idade. 2001. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

FREY, B. S; STUTZER, A. What can economists learn from happiness research? **Journal of Economic Literature**, v. 40, p 402-435, 2002.

FROMM, E. **A arte de amar**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995, 158 p.

FURTADO, J. L. **Amor**. São Paulo: Globo, 2008, 133 p.

GALATI, D.; SOTGIU, I.; MANZANO, M. The representation of happiness in different socio-economic contexts: a cross-cultural comparison. In: EUROPEAN CONFERENCE ON POSITIVE PSYCHOLOGY, 3., 2006, Braga. **Anais...** University of Minho, Braga, Portugal, 2006, p. 79.

GALINHA, I. C. **Bem-estar subjetivo**: factores cognitivos, afectivos e contextuais. Coimbra, Portugal: Quarteto, 2008, 256 p.

GARCIA, M. L. T.; TASSARA, E. T. O. Estratégias de enfrentamento do cotidiano conjugal. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, n. 3, p. 635-642, 2001.

_____. Problemas no casamento: uma análise qualitativa. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 8, n. 1, p. 127-133, 2003.

GIDDENS, A. **Transformações da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1993, 221 p.

GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1997, 265 p.

GLATZER, W. Subjective well-being: components of well-being. **Social Indicators Research**, n. 19, p. 25-38, 1987.

GOMES, I. C.; PAIVA, M. L. S. C. Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding? **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, p. 3-9, 2003. Número especial.

GOTTMAN, J. **Casamentos**: por que alguns dão certo e outros não. São Paulo: Editora Objetiva, 1998.

GOTTMAN, J. M.; KROKOFF, L. J. Marital interaction and satisfaction: a longitudinal view. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, v. 57, n. 1, p. 47-62, 1989.

GOTTMAN, J.; SILVER, N. **Sete princípios para o casamento dar certo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GRAZIANO, L. D. **A felicidade revisitada**: um estudo sobre bem-estar subjetivo na visão da Psicologia Positiva. 2005. 126 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

HADDAD, M. C. L. Qualidade de vida dos profissionais de enfermagem. **Revista Espaço para a Saúde**, v. 1, n. 2, p. 75-88, 2000.

HEILBORN, M. L. O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias urbanas. In: RIBEIRO, I; RIBEIRO, A. C. T. (Orgs.), **Família em processos contemporâneos?** Inovações culturais na sociedade brasileira. São Paulo: Loyola, 1995, p.91-128.

HELLIWELL, J. F.; PUTNAM, R. D. The social context of well-being. **Philos. Trans. R. Soc. Lond. B. Biol. Science**, v. 29, n. 359, p. 1435-1446, 2004.

HERNANDEZ, J. A. E.; HUTZ, C. S. Gravidez do primeiro filho: papéis sexuais, ajustamento conjugal e emocional. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 2, p. 133-141.

HONG, L.; DUFF, R. Relative importance of spouses, children and friends in the life satisfaction of retirement community residents. **Journal of Clinical Geropsychology**, v. 3, p. 275-282, 1997.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, 2922 p.

JANKOVIC, J. F.; DITTMAR, H. The componential nature of materialistic values and subjective well-being: a comparison of students in Croatia, Germany, and the UK. In: DELLE FAVE, A. **Dimensions of well-being: research and intervention**. Milão: FrancoAngeli, 2006, p. 34-54.

KASLOW, F.; HAMMERSCHMIDT, H. Long-term “good” marriages: the seemingly essential ingredients. **Journal of Couples Therapy**, v. 3, n. 2/3, p. 15-38, 1992.

KEYES, C. L. M.; SHMOTKIN, D.; RYFF, C. D. Optimizing well-being: The empirical encounter of two traditions. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 82, n. 6, p. 1007-1022, 2002.

KHRAMTSOVA, I; GORDEEVA, T.; SAARNIO, D. Attributional style as a predictor of happiness and life satisfaction across cultures. In: CONFERENCE ON POSITIVE PSYCHOLOGY, 3., 2006, Braga. **Anais...** Braga: University of Minho, Portugal, 2006, p. 79-80.

L'ABBATE, F. E.; DASSO, H. C. Los valores conjugales y familiares: una perspectiva médico-psicológica. **Revista da Associação Médica Argentina**, v. 117, n. 3, p. 11-21, 2004.

LARRAURI, B. G. **Programa para mejorar el sentido del humor: porque la vida con buen humor merece la pena!** Madrid: Ediciones Pirámide, 2006.

LAWRENCE, R. H.; LIANG, J. Structural integration of the Affect Balance Scale and the Life Satisfaction Index A: Race, sex, and age differences. **Psychology and Aging**, v. 3, p. 375-384, 1988.

LEE, G; SECCOMBE, K; SHEHAN, C. Marital status and personal happiness: an analysis of trend data. **Journal of Marriage and the Family**, v. 53, p. 839-844, 1991.

LEMINSKI, P. **La vie en close**. São Paulo: Brasiliense, 2004, 181 p.

LENT, R. W. Toward a Unifying Theoretical and Practical Perspective on Well-Being and Psychosocial Adjustment. **Journal of Counseling Psychology**, v. 51, n. 4, p. 482-509, 2004.

LENT, R. W.; SINGLEY, D.; SHEU, H. B.; GAINOR, K. A.; BRENNER, B. R.; TREISTMAN, D.; ADES, L. Social cognitive predictors of domain and life satisfaction: exploring the theoretical precursors of subjective well-being. **Journal of Counseling Psychology**, v. 52, n. 3, p. 429-442, 2005.

LIANG, J. Dimensions of the life satisfaction index A: a structural formulation. **Journal of Gerontology**, v. 39, p. 613-622, 1984.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 393 p.

LISPECTOR, C. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a, 202 p.

_____. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b, 80 p.

_____. **A cidade sitiada**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998c, 201 p.

_____. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998c, 155 p.

_____. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004, 220 p.

LYKKEN, D.; TELLEGEN, A. Happiness is a stochastic phenomenon. **Psychological Science**, v. 7, 186-189, 1996.

LYUBOMIRSKY, S.; LEPPER, H. S. A measure of subjective happiness: preliminary reliability and construct validation. **Social Indicators Research**, v. 46, p. 137-155, 1999.

MACGOLDRICK, A união das famílias através do casamento: o novo casal. In: CARTER, B.; MACGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 184-205, 1995.

MACHADO, L. M. **Satisfação e insatisfação no casamento**: os dois lados de uma mesma moeda? Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T. Conjugalidade e subjetividades contemporâneas: o parceiro como instrumento de legitimação do “eu”. In: ESTADOS GERAIS DA PSICANÁLISE: SEGUNDO ENCONTRO MUNDIAL, 2003, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2003, p. 1-13.

MAGAGNIN, C.; KÖRBES, J. M.; HERNANDEZ, J. A. E.; CAFRUNI, S.; RODRIGUES, M. T.; ZARPELON, M. Da conjugalidade à parentalidade: gravidez, ajustamento e satisfação conjugal. **Aletheia**, v. 17/18, p. 41-52, 2003.

MARTEKAASA, A. Age variations in the suicide rates and self-reported subjective well-being of married and never married persons. **Journal of Community and Applied Social Psychology**, v. 5, p. 21-39, 1995.

MARTINEZ, M.; GARCIA, M. La autopercepción de la salud y el bienestar psicológico como indicador de calidad de vida percibida en la vejez. **Revista de Psicología de la Salud**, v. 6, n. 1, p. 55-74, 1994.

MARUJO, H. A.; NETO, L. M.; CAETANO, A.; RIVERO, C. Revolução positiva: Psicologia positiva e práticas apreciativas em contextos organizacionais. **Comportamento Organizacional e Gestão**, Portugal, v. 13, n. 1, p. 115-136, 2007.

MATURANA, H. **Da Biologia à Psicologia**. Tradução Juan Acuña. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MENEZES, C. C.; LOPES, R. C. S. A transição para o casamento em casais coabitantes e em casais não-coabitantes. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 17, n. 1, p. 52-63, 2007 (a).

_____. Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê. **PsicoUSF**, Itatiba, v. 12, n. 1, p. 83-93, 2007 (b).

MILLER, P. J. E.; CAUGHLIN, J. P.; HUSTON, T. L. Trait expressiveness and marital satisfaction: the role of idealization processes. **Journal of Marriage and the Family**, v. 65, n. 4, p. 978-995, 2003.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, p. 7-18, 2000.

MIRANDA, E. S. Satisfação conjugal e aspectos relacionados: a influência da comunicação, da semelhança de atitudes e da percepção interpessoal. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 39, n. 3, p. 96-107, 1987.

MONTGOMERY, D.; VINING, G.; PECK, E. A. **Introduction to linear regression analysis**. John Wiley Profession, 2001.

MORAES, V. **Livro de letras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MOSMANN, C.; WAGNER, A.; FÉRES-CARNEIRO, T. **Qualidade conjugal: mapeando conceitos**. Paideia, Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, p. 315-325, 2006.

MROCZEK, D.; SPIRO, A. Change in life satisfaction during adulthood: findings from the veterans affairs normative aging study. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 88, n. 1, p. 189-202, 2005.

NERI, A. L. **Escala para avaliação de satisfação na vida referenciada a domínios**. Manuscrito não publicado. Universidade Estadual de Campinas, 1998.

NEUGARTEN, B. L.; HAVINGHURST, R. J.; TOBIN, S. S. The measurement of life satisfaction. **Journal of Gerontology**, v. 16, p. 134-143, 1961.

NEYRAND, G. Idéalisación du conjugal et fragilisation du couple ou le paradoxe de l'individualisme relationnel. **Dialogue**, n. 155, p. 80-88, 2002.

NORGREN, M. B. P.; SOUZA, R. M.; KASLOW, F.; HAMMERSCHMIDT, H.; SHARLIN, S. A. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 3, p.575-584, 2004.

OSWALD, A. J. Happiness and economic performance. **Economic Journal**, v. 107, n. 445, p. 1815-1831, 1997.

PAGANO, M.; GAUVREAU, K, **Princípios de Bioestatística**. São Paulo: Thompson, 2004.

PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 9-20, 2007.

PARAGUASSÚ, L. A. **Influências econômicas na manutenção do relacionamento conjugal**: um estudo exploratório. 2005. Monografia (Pós-graduação) – Faculdade Rui Barbosa, Salvador, 2005.

PARK, N.; PETERSON, C. Methodological issues in Positive Psychology and the assessment of character strengths. In: ONG, A. D.; VAN DULMEN, M. H. M. **Oxford handbook of methods in Positive Psychology**. New York: Oxford University Press, 2007, p. 292-305.

PASCHOAL, T.; TAMAYO, A. Construção e validação da escala de bem-estar no trabalho. **Avaliação Psicológica**, v. 7, n. 1, p. 11-22, 2008.

PASCUAL, J. G. Interação das dimensões de individualidade e de conjugalidade no recasamento. **Revista Psicologia**, v. 9/10, n. 1/2, p. 129-144, 1992.

PASSARELI, P. M.; SILVA, J. A. Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 24, n. 4, p. 513-517, 2007.

PEREIRA, C. A. A. Um panorama histórico-conceitual acerca das subdimensões de qualidade de vida e do bem-estar subjetivo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 49, n. 4, p. 32-48, 1997.

PERLIN, G. D. B. **Casamentos contemporâneos**: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal. 2006. 284 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

PERLIN, G.; DINIZ, G. Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? **Psicologia Clínica**, v. 17, n. 2, p. 15-29, 2005.

PERLOIRO, M. Applying positive psychology to couple therapy. In: EUROPEAN CONFERENCE ON POSITIVE PSYCHOLOGY, 3., 2006, Braga. **Anais...** University of Minho, Braga, Portugal, 2006, p. 82-83.

PETERSON, C.; SELIGMAN, M. E. P. Positive organizational studies: thirteen lessons from positive psychology. In: CAMERON, K. S.; DUTTON, J. E.; QUIN, R. E. **Positive organizational scholarship: foundations of a new discipline**. San Francisco: Berrett-Koehler, 2003, p. 14-27.

PICK DE WEISS, S; ANDRADE PALOS, P. Desarrollo y validacion de la escala de satisfaccion marital. **Psiquiatria**, v. 1, p. 9-20, 1988.

PIZER, M.; HÄRTEL, C. E. J. The positive impact of high quality leader-member exchange onj career-related hope. In: DELLE FAVE, A. **Dimensions of well-being: research and intervention**. Milão: FrancoAngeli, 2006, p. 208-227.

PRADO, A. **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991, 407 p.

R DEVELOPMENT CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing**. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2005. Disponível em: <<http://www.R-project.org>>. Acesso: out. 2008.

RESENDE, M. C.; BONES, V. M.; SOUZA, I. S. (2006). Rede de relações sociais e satisfação com a vida de adultos e idosos. **Psicologia para América Latina**, v. 5 Disponível em <<http://www.psicolatina.org/Cinco/rede.html>>. Acesso: 15 dez. 2008.

RESENDE, M. C.; BONES, V. M.; SOUZA, I. S.; GUIMARÃES, N. K. Bem-estar subjetivo e rede de relações sociais na vida adulta e velhice. **Revista Eletrônica da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro**, v. 9, n. 1, p. 9-16, 2005.

RIJAVEC, M.; BRDAR, I.; MILJKOVIC, D. Extrinsic vs. Intrinsic life goals, psychological needs and life satisfaction. In: DELLE FAVE, A. **Dimensions of well-being: research and intervention**. Milão: FrancoAngeli, 2006, p. 91-105.

ROSA, J. G. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, 160 p.

_____. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, 608 p.

SALAMA-YOUNES, M.; MARTIN-KRUMM, C.; HANRAHAN, S. J.; RONCIN, C. Children's explanatory style in France: psychometric properties of the children's attributional style questionnaire and reliability of a sorter version. In: DELLE FAVE, A. **Dimensions of well-being: research and intervention**. Milão: FrancoAngeli, 2006, p. 191-207.

SANDERSON, C. A.; CANTOR, N. Creating satisfaction in steady dating relationships: the role of personal goals and situational affordances. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 73, p. 1424-1433, 1997.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. A felicidade medida: uma revisão integrativa de conceitos e instrumentos de mensuração na perspectiva da Psicologia Positiva. In: PASIAN, S. R.; OKINO, E. T. K.; LOUREIRO, S. R.; OSÓRIO, F. L. (Org.). **Avaliação de personalidade: técnicas e contextos diversos**. Ribeirão Preto, SP: ASBRo, 2008, p. 899-914 (a).

_____. Felicidade e bem-estar subjetivo: uma revisão integrativa acerca dos instrumentos de avaliação. In: PASIAN, S. R.; OKINO, E. T. K.; LOUREIRO, S. R.; OSÓRIO, F. L. (Org.). **Avaliação de personalidade: técnicas e contextos diversos**. Ribeirão Preto, SP: ASBRo, p. 932-948 (b).

_____. Casamento na medida: uma revisão integrativa sobre conceitos e instrumentos de mensuração da satisfação conjugal. In: PASIAN, S. R.; OKINO, E. T. K.; LOUREIRO, S. R.; OSÓRIO, F. L. (Org.). **Avaliação de personalidade: técnicas e contextos diversos**. Ribeirão Preto, SP: ASBRo, 2008, p. 915-931 (c).

_____. Na saúde e na doença, felizes para sempre: a satisfação conjugal na promoção do bem-estar psicológico, na perspectiva da Psicologia Positiva. In: JESUS, S. N.; LEAL, I.; REZENDE, M. (Org.). **Experiências e Intervenções em Psicologia da Saúde**. 1 ed. Faro, Portugal: Universidade do Algarve, 2009, v. 1, p. 879-895 (a).

_____. A Psicologia Positiva no contexto brasileiro: história, presente e perspectivas futuras. In: JESUS, S. N.; LEAL, I.; REZENDE, M. (Org.). **Experiências e Intervenções em Psicologia da Saúde**. 1 ed. Faro, Portugal: Universidade do Algarve, 2009, v. 1, p. 862-878 (b).

SCHIMMACK, U.; RADHAKRISHNAN, P.; OISHI, S.; DZOKOTO, V.; AHADI, S. Culture, personality, and subjective well-being: integrating process models of life satisfaction. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 82, n. 4, p. 582-593, 2002.

SIEGEL, S; CASTELLAN, N. J. **Nonparametric Statistics for the Behavioral Sciences**. McGraw-Hill College, 1988.

SEKERKA, L.E.; BAGOZZI, R. P. Moral courage in the workplace: self regulation as the cornerstone to virtuous action. In: DELLE FAVE, A. **Dimensions of well-being: research and intervention**. Milão: FrancoAngeli, 2006, p. 226-240.

SELIGMAN, M. E. Positive Psychology: an introduction. **American Psychologist Association**, v. 55, n. 1, p. 5-14, 2000.

_____. **Authentic happiness**: using the new positive psychology to realize your potential for lasting fulfilment. London: Nicholas Brealey Publishing, 2002.

_____. **Felicidade autêntica**: usando a nova Psicologia Positiva para a realização permanente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004, 333 p.

_____. Breaking the 65 percent barrier. In: CSIKSZENTMIHALYI, M.; CSIKSZENTMIHALYI, I. S. **A life worth living: contributions to positive psychology**. New York: Oxford University Press, 2006, p. 230-236.

SELIGMAN, M. E. P.; STEEN, T. A.; PARK, N.; PETERSON, C. Positive Psychology progress: empirical validation of interventions. **American Psychologist**, v. 60, n. 5, p. 410-421, 2005.

SERBENA, C. A.; RAFFAELLI, R. Psicologia como disciplina científica e discurso sobre a alma: problemas epistemológicos e ideológicos. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. 1, p. 31-37, 2003.

SHELDON, K. M.; KING, L. Why positive psychology is necessary. **American Psychologist**, v. 56, p. 216-217, 2001.

SHIN, D. C.; JOHNSON, D. M. Avowed happiness as an overall assessment of the quality of life. **Social Indicators Research**, v. 5, p. 475-492, 1978.

SHIROM, A.; TOKER, S.; BERLINER, S.; SHAPIRA, I.; MELAMED, S. Work-related vigor and job satisfaction relationships with inflammation biomarkers among employed adults. In: DELLE FAVE, A. **Dimensions of well-being: research and intervention**. Milão: FrancoAngeli, 2006, p. 254-273.

SIQUEIRA, M. M. M.; PADOVAN, V. A. R. Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 2, p. 201-209, 2008.

SMITH, P. B.; BOND, M. H. Culture: the neglected concept. In: _____. **Social Psychology across cultures: analysis and perspectives**. Boston: Allyn & Bacon, 1999, p. 38-69.

SPANIER, G. B. Measuring dyadic adjustment: new scales for assessing quality of marriage and similar dyads. **Journal of Marriage and the Family**, v. 38, n. 1, p. 15-28, 1976.

STEVERINK, N.; LINDENBERG, S. Which social needs are important for subjective well-being? What happens to them with aging? **Psychology and Aging**, v. 21, n. 2, p. 281-290, 2006.

THERBORN, G. **Sexo e poder: a família no mundo (1900-2000)**. Tradução E. D. Bilac. São Paulo: Contexto, 2006, 510 p.

VAINFAS, R. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

VARGAS, N. S. Casamento atual e famílias reconstituídas: dilemas e peculiaridades. **Junguiana**, v. 24, p. 77-85, 2006, 94 p.

WACHELKE, J. F. R.; ANDRADE, A. L.; CRUZ, R. M.; FAGGIANI, R. B.; NATIVIDADE, J. C. Medida da satisfação em relacionamento de casal. **PsicoUSF**, v. 9, n. 1, p. 11-18, 2004.

WACHELKE, J. F. R.; ANDRADE, A. L.; SOUZA, A. M.; CRUZ, R. M. Estudo complementar da validade fatorial da escala fatorial de satisfação em relacionamento e predição de satisfação global com a relação. **PsicoUSF**, v. 12, n. 2, p. 221-225, 2007.

WAGNER, A.; FALCKE, D. Satisfação conjugal e transgeracionalidade: uma revisão teórica sobre o tema. **Psicologia Clínica**, v. 13, n. 2, p. 1-15, 2001.

WALSH, F. Casais saudáveis e casais disfuncionais: qual a diferença? In: ANDOLFI, M. **A crise do casal: uma perspectiva sistêmica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

WATSON, D.; CLARK, L. A.; TELLEGEN, A. Development and validation of brief measures of positive and negative affect: the PANAS scales. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 54, p. 1063-1067, 1988.

WATSON, D.; CLARK, L. A. **Preliminary manual for the PANAS-X**: positive and negative affect schedule-expanded form. Southern Methodist University, Dallas, 1991.

WEIGEL, D. J.; BALLARD-REISCH, D. S. How couples maintain marriages: a closer look at self and spouse influences upon the use of maintenance behaviors in marriages. **Family Relations**, v. 48, n. 3, p. 263-269, 1999.

WISSING, J. A. B.; WISSING, M. M.; TEMANE, Q. M. Patterns of psychological well-being and satisfaction with life in cultural context. In: DELLE FAVE, A. **Dimensions of well-being**: research and intervention. Milão: FrancoAngeli, 2006, p. 14-33.

WOOD, W.; RHODES, N.; WHELAN, M. Sex differences in positive well-being: a consideration of emotional style and marital status. **Psychological Bulletin**, n. 106, p. 249-264, 1989.

ZIVIANI, C; FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S.; BUCHER-MALUSCHKE, J. **Avaliação da conjugalidade**. In: NORONHA, A. P. P.; SANTOS, A. A. A.; SISTO, F. F. (Org.). São Paulo: Vetor, 2006, p. 13-55.

ZOU, K. H.; TUNCALI, K.; SILVERMAN, S. G. Correlation and simple linear regression. **Radiology**, v. 227, p. 617-628, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE ESCLARECIMENTO AO PARTICIPANTE

Prezado participante,

Estou desenvolvendo um projeto de pesquisa em nível de Mestrado intitulado “Conjugalidade e bem-estar subjetivo na perspectiva da Psicologia Positiva”, o qual tem o objetivo estudar a felicidade nos relacionamentos amorosos.

A sua participação consistirá em responder a quatro instrumentos compostos por perguntas em que terá que assinalar as respostas com um X.

Os dados do trabalho farão parte de minha dissertação de mestrado e serão divulgados em trabalhos científicos, congressos e demais publicações. Resguardaremos a todos o direito de terem a sua identidade preservada, uma vez que o nome do colaborador será omitido em todos os instrumentos (o participante receberá um código). Os dados são de caráter sigiloso e dizem respeito somente à pesquisa e seus objetivos, não podendo ser divulgados para quaisquer outros objetivos que não a pesquisa científica.

Destacamos que a sua participação é de caráter voluntário e sem custos financeiros para você, sendo que poderá desistir de sua participação na pesquisa em qualquer momento de realização da mesma. Ainda, não haverá qualquer prejuízo de caráter pessoal, físico ou emocional. Caso eu sinta algum desconforto ou necessidade de conversar a respeito do assunto relacionado a minha participação na pesquisa, poderei conversar com o pesquisador responsável, que é psicólogo e que avaliará formas e possibilidades de apoio.

Não haverá quaisquer custos financeiros por parte do participante nem recebimento de auxílios por parte do pesquisador.

Todas as informações que forem necessárias poderão ser solicitadas pelo participante a qualquer momento. Além disso, qualquer participante poderá, se for de seu interesse, ter acesso aos dados finais do trabalho.

Colocamo-nos à total disposição para quaisquer esclarecimentos e, desde já, agradecemos a sua compreensão e colaboração.

Fabio Scorsolini-Comin
Psicólogo – CRP 06/81788
Mestrando em Psicologia pela FFCLRP
Fones: (16) 3621-0382 / (16) 9151-3850
E-mail: scorsolini_usp@yahoo.com.br

Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos
Psicólogo orientador do projeto
Professor Doutor da FFCLRP
Fone: (16) 3602-3715
E-mail: masantos@ffclrp.usp.br

Endereço: FFCLRP-USP. Departamento de Psicologia e Educação. Centro de Psicologia e Pesquisa Aplicada. Bloco 5. Av. Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, 14040-901 - Ribeirão Preto-SP.

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____
após ter sido devidamente esclarecido sobre os objetivos da pesquisa de mestrado “Conjugabilidade e bem-estar subjetivo na perspectiva da Psicologia Positiva”, de responsabilidade do pesquisador Fabio Scorsolini Comin, a qual busca estudar a felicidade nos relacionamentos amorosos, concordo em participar da mesma.

A minha participação consistirá em responder a quatro instrumentos compostos por perguntas em que terei que assinalar as respostas com um X, não havendo quaisquer riscos de caráter físico ou emocional. Caso eu sinta algum desconforto ou necessidade de conversar a respeito do assunto relacionado a minha participação na pesquisa, poderei conversar com o pesquisador responsável, que é psicólogo e que avaliará formas e possibilidades de apoio. Não haverá quaisquer custos financeiros por parte do participante nem recebimento de auxílios por parte do pesquisador.

Concordo que os dados do trabalho farão parte da dissertação do pesquisador e serão divulgados em trabalhos científicos, congressos e demais publicações. A minha identidade será preservada sempre, uma vez as informações por mim passadas são de caráter sigiloso.

Diante do exposto, declaro que estou ciente das informações recebidas e que concordo voluntariamente em participar dessa pesquisa, recebendo uma cópia desse Termo, o que me permitirá entrar em contato com os pesquisadores em algum outro momento, caso eu deseje ou sinta necessidade de obter novos esclarecimentos a respeito desta pesquisa. A minha participação é voluntária e poderei desistir em qualquer

momento de realização da mesma. Além disso, poderei, se for de meu interesse, ter acesso aos dados finais do trabalho.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

RG: _____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

Fabio Scorsolini-Comin
Psicólogo – CRP 06/87188
Mestrando em Psicologia pela FFCLRP
Fones: (16) 3621-0382 / (16) 9151-3850
E-mail: scorsolini_usp@yahoo.com.br

Endereço: FFCLRP-USP. Departamento de Psicologia e Educação. Centro de Psicologia e Pesquisa Aplicada. Bloco 5. Av. Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, 14040-901 - Ribeirão Preto-SP.

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Código do participante: _____
Data do questionário: ___/___/_____
(para preenchimento do pesquisador)

1. Dados de identificação:

Nome: _____

Data de nascimento: ___ / ___ / _____

Idade: ___ anos

Endereço para contato: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Telefones para contato:

Residencial: _____

Comercial: _____

Celular: _____

Estado civil: () solteiro(a) () casado(a) () separado(a) () amasiado(a)

Grau de instrução: () Ensino fundamental incompleto () Ensino fundamental completo () Ensino médio incompleto () Ensino médio completo () Ensino superior incompleto () Ensino superior completo

Profissão: _____

Você trabalha? () sim () não

Se sim, especificar área de trabalho / cargo: _____

Renda familiar média (em salários mínimos): _____

2. Há quanto tempo possui uma união estável / casamento? _____ anos e _____ meses.

3. Você habita com seu(sua) parceiro(a) há quanto tempo? _____ anos e _____ meses.

4. Possui filhos? () sim () não

Se sim, quantos? _____ filhos.

Idade dos filhos: _____ anos ; _____ anos; _____ anos; _____ anos; _____

APÊNDICE D – MATRIZ DE CORRELAÇÃO E P-VALUES INDEPENDENTE DE SEXO

	Ap	An	Sv	Co	Sa	Coe	Ea	Ic	Ae	Aes	Id	Tr	Rp
Ap	-	-0,45 (<0,01)	0,19 (0,05)	0,37 (<0,01)	0,09 (0,34)	0,48 (<0,01)	0,45 (<0,01)	-0,30 (<0,01)	-0,18 (0,06)	-0,15 (0,14)	-0,25 (0,01)	-0,20 (0,14)	0,24 (0,08)
An		-	0,09 (0,35)	-0,37 (<0,01)	-0,10 (0,33)	-0,26 (<0,01)	-0,25 (0,01)	0,31 (<0,01)	0,23 (0,02)	0,20 (0,04)	0,02 (0,86)	-0,16 (0,26)	-0,26 (0,06)
Sv			-	0,01 (0,92)	0,20 (0,04)	-0,10 (0,98)	-0,06 (0,57)	0,03 (0,77)	0,06 (0,54)	0,06 (0,53)	0,08 (0,41)	0,00 (0,99)	0,12 (0,38)
Co				-	-0,25 (<0,01)	0,55 (<0,01)	0,45 (<0,01)	-0,59 (<0,01)	-0,50 (<0,01)	-0,57 (<0,01)	0,01 (0,93)	0,10 (0,47)	0,05 (0,73)
Sa					-	-0,13 (0,18)	-0,14 (0,16)	0,30 (<0,01)	0,31 (<0,01)	0,28 (<0,01)	-0,15 (0,12)	-0,17 (0,21)	0,08 (0,59)
Coe						-	0,47 (<0,01)	-0,55 (<0,01)	-0,31 (<0,01)	-0,48 (<0,01)	-0,19 (0,05)	-0,21 (0,14)	0,09 (0,52)
Ea							-	-0,47 (<0,01)	-0,32 (<0,01)	-0,29 (<0,01)	-0,08 (0,43)	-0,07 (0,64)	0,03 (0,83)
Ic								-	0,53 (<0,01)	0,62 (<0,01)	0,07 (0,50)	0,05 (0,72)	-0,03 (0,81)
Ae									-	0,56 (<0,01)	-0,08 (0,43)	-0,18 (0,20)	0,12 (0,38)
Aes										-	-0,01 (0,89)	-0,07 (0,61)	0,27 (0,05)

APÊNDICE E – MATRIZ DE CORRELAÇÃO E P-VALUES INDEPENDENTE DE SEXO

	A	B	C	BC	Id	Tr	Rp
A	-	0,02 (0,87)	0,08 (0,40)	0,11 (0,27)	-0,06 (0,56)	-0,18 (0,19)	-0,14 (0,31)
B		-	-0,60 (<0,01)	0,67 (<0,01)	-0,14 (0,16)	-0,10 (0,48)	0,11 (0,41)
C			-	0,11 (0,25)	-0,02 (0,87)	-0,10 (0,48)	0,15 (0,27)
BC				-	-0,11 (0,24)	-0,09 (0,54)	0,22 (0,12)

**APÊNDICE F – CORRELAÇÕES E *P-VALUES* POR SEXO DOS DOMÍNIOS INVESTIGADOS EM
 RELAÇÃO AO GRAU DE INSTRUÇÃO E À CLASSIFICAÇÃO SOCIOECONÔMICA**

Variável Explicativa	Domínios	<i>p-values</i>		
		Masculino	Feminino	Geral
Grau de instrução	Ap	0,17	0,24	0,09
	An	0,76	0,15	0,24
	Sv	0,67	0,77	0,81
	Co	0,97	0,97	0,90
	Sa	0,31	0,28	0,13
	Coe	0,51	0,43	0,95
	Ea	0,94	0,89	0,95
	Ic	0,56	0,36	0,25
	Ae	0,57	0,45	0,35
	Aes	0,95	0,22	0,71
	A	0,26	0,20	0,85
	B	0,60	0,90	0,78
	C	0,74	0,21	0,28
	BC	0,37	0,38	0,17
Classe socioeconômica	Ap	-	-	0,78
	An	-	-	0,66
	Sv	-	-	0,74
	Co	-	-	0,31
	Sa	-	-	0,11
	Coe	-	-	0,27
	Ea	-	-	0,04
	Ic	-	-	0,05
	Ae	-	-	0,75
	Aes	-	-	0,29
	A	-	-	0,42
	B	-	-	0,33
	C	-	-	0,17
	BC	-	-	0,37

APÊNDICE G – RESULTADOS DO MODELO DE REGRESSÃO AJUSTADO UTILIZANDO O MÉTODO DE SELEÇÃO DE VARIÁVEIS *STEPWISE*

Variável Resposta	Variáveis Explicativas	Estimativa do Parâmetro	p-valor
Ap	an	-0,35	<0,01
	coe	0,79	<0,01
	sv	0,91	<0,01
	ea	1,83	<0,01
	aes	0,56	0,08
	Idade	-0,14	0,11
An	ap	-0,55	<0,01
	co	-0,71	<0,01
	sv	0,94	0,01
	sa	-0,95	0,02
	coe	0,49	0,14
Sv	ap	0,11	<0,01
	an	0,06	0,01
	sa	0,24	0,03
	Idade	0,06	0,05
Co	coe	0,45	<0,01
	an	-0,13	<0,01
	sa	-0,35	0,07
	sv	0,27	0,07
	ic	-0,29	0,11
	aes	-0,37	0,12
	ae	-0,35	0,19
Sa	ae	0,30	0,02
	an	-0,05	0,02
	sv	0,15	0,05
	Idade	-0,04	0,10
	ic	0,12	0,13
	co	-0,07	0,13
Coe	ap	0,08	0,01
	co	0,11	0,06
	ea	0,43	0,08
	ic	-0,20	0,10
	Tempo Casado	-0,05	0,10
	aes	-0,22	0,12
Ea	ap	0,04	<0,01
	ic	-0,11	0,01
	coe	0,08	0,04
	Renda	-0,06	0,09
Ic	sa	-0,07	0,13
	aes	0,59	<,0001
	ea	-0,50	0,01
	co	-0,10	0,04
	coe	-0,15	0,07
Ae	aes	0,34	<0,01
	sa	0,19	<0,01
	ea	-0,21	0,09
Aes	ic	0,34	<0,01
	ae	0,35	<0,01
	co	-0,08	0,04
	Renda	0,12	0,06

ANEXOS

ANEXO A

CLASSIFICAÇÃO SOCIOECONÔMICA (ABIPEME, 1997)

Código do participante: _____ Data: ____/____/____

Dados de Classificação

A- Quem é o chefe de família na sua casa? (*Observação: Chefe de família é o membro do casal que mais contribui para o sustento da casa, seja ele o homem ou a mulher. Se ambos contribuem igualmente, considerar como chefe de família o membro do casal com maior renda mensal*)

() o próprio participante

() outrem: Quem: _____

B- Qual foi o grau de instrução mais alto que o chefe-de-família obteve? Qual o último ano de escola que o chefe-de-família cursou? (*Assinale com um X*)

Categorias para a classificação	Pontos ABIPEME
() não estudou primário completo	0
() primário completo e ginásio incompleto	5
() ginásio completo e colegial incompleto	10
() colegial completo e universitário incompleto	15
() universitário completo	21

C- Na sua casa tem (cada item abaixo)? (*Coloque o número de itens entre parênteses, mesmo se for zero*)

	Não	Sim	Pontos
- aparelho de vídeo cassete	()	()	10
- máquina de lavar roupa	()	()	8
- geladeira	()	()	7
- aspirador de pó	()	()	6

D- Quantos (cada item abaixo) existem em sua casa? (*Coloque o número de itens entre parênteses, mesmo se for zero*)

carros ()

TV a cores ()

banheiros ()

empregados mensalistas ()

rádios ()

	1	2	3	4	5	6 ou mais
Carros	4	9	13	18	22	26
TV a cores	4	7	14	14	18	22
Banheiros	2	5	10	10	12	15
Empregado	5	11	21	21	26	32
Rádios	2	3	6	6	8	9

Total (para preenchimento do pesquisador): _____

Classe socioeconômica pelo total de pontos ABIPEME:
Total (para preenchimento do pesquisador):_____

A > ou = a 89

B 59 a 88

C 35 a 58

D 20 a 34

E < ou = 19

ANEXO B

ESCALA DE BEM-ESTAR SUBJETIVO (EBES) – (ALBUQUERQUE; TRÓCCOLI, 2004)

Subescala 1

Gostaria de saber como você tem se sentido ultimamente. Esta escala consiste de algumas palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Não há respostas certas ou erradas. O importante é que você seja o mais sincero possível. Leia cada item e depois escreva o número que expressa sua resposta no espaço ao lado da palavra, de acordo com a seguinte escala.

1	2	3	4	5
Nem um pouco	Um pouco	Moderadamente	Bastante	Extremamente

Ultimamente tenho me sentido ...

1) aflito	17) transtornado	33) abatido
2) alarmado	18) animado	34) amedrontado
3) amável	19) determinado	35) aborrecido
4) ativo	20) chateado	36) agressivo
5) angustiado	21) decidido	37) estimulado
6) agradável	22) seguro	38) incomodado
7) alegre	23) assustado	39) bem
8) apreensivo	24) dinâmico	40) nervoso
9) preocupado	25) engajado	41) empolgado
10) disposto	26) produtivo	42) vigoroso
11) contente	27) impaciente	43) inspirado
12) irritado	28) receoso	44) tenso
13) deprimido	29) entusiasmado	45) triste
14) interessado	30) desanimado	46) agitado
15) entediado	31) ansioso	47) envergonhado
16) atento	32) indeciso	

Subescala 2

Agora você encontrará algumas frases que podem identificar opiniões que você tem sobre a sua própria vida. Por favor, para cada afirmação, marque com um X o número que expressa o mais fielmente possível sua opinião sobre sua vida atual. Não existe resposta certa ou errada, o que importa é a sua sinceridade.

1	2	3	4	5
Discordo Plenamente	Discordo	Não sei	Concordo	Concordo Plenamente
48. Estou satisfeito com minha vida				_1_ _2_ _3_ _4_ _5
49. Tenho aproveitado as oportunidades da vida				_1_ _2_ _3_ _4_ _5
50. Avalio minha vida de forma positiva				_1_ _2_ _3_ _4_ _5
51. Sob quase todos os aspectos minha vida está longe do meu ideal de vida				_1_ _2_ _3_ _4_ _5
52. Mudaria meu passado se eu pudesse				_1_ _2_ _3_ _4_ _5
53. Tenho conseguido tudo o que esperava da vida				_1_ _2_ _3_ _4_ _5
54. A minha vida está de acordo com o que desejo para mim				_1_ _2_ _3_ _4_ _5
55. Gosto da minha vida				_1_ _2_ _3_ _4_ _5
56. Minha vida está ruim				_1_ _2_ _3_ _4_ _5
57. Estou insatisfeito com minha vida				_1_ _2_ _3_ _4_ _5
58. Minha vida poderia estar melhor				_1_ _2_ _3_ _4_ _5
59. Tenho mais momentos de tristeza do que de alegria na minha vida				_1_ _2_ _3_ _4_ _5
60. Minha vida é “sem graça”				_1_ _2_ _3_ _4_ _5
61. Minhas condições de vida são muito boas				_1_ _2_ _3_ _4_ _5
62. Considero-me uma pessoa feliz				_1_ _2_ _3_ _4_ _5

ANEXO C

ESCALA DE AJUSTAMENTO DIÁDICO (DAS – SPANIER, 1976)

CÓDIGO _____

A maioria das pessoas tem desentendimentos em seus relacionamentos. Por favor, indique abaixo a extensão aproximada de concordância ou discordância entre você e seu parceiro em cada item da lista a seguir. (Assinale com um X ou circule apenas uma resposta por questão).

	<i>Sempre concorda</i>	<i>Quase sempre concorda</i>	<i>Ocasio- nalmente discorda</i>	<i>Frequen- temente discorda</i>	<i>Quase sempre discorda</i>	<i>Sempre discorda</i>
1. Manejar finanças de família	5	4	3	2	1	0
2. Assuntos de recreação	5	4	3	2	1	0
3. Assuntos de religião	5	4	3	2	1	0
4. Demonstrações de afeto	5	4	3	2	1	0
5. Amigos	5	4	3	2	1	0
6. Relações sexuais	5	4	3	2	1	0
7. Convencionalidade (comportamento correto ou adequado)	5	4	3	2	1	0
8. Filosofia de vida	5	4	3	2	1	0
9. Modos de lidar com pais e sogros	5	4	3	2	1	0
10. Metas, objetivos e coisas que acredita serem importantes	5	4	3	2	1	0
11. Quantidade de tempo gasto juntos	5	4	3	2	1	0
12. Tomar decisões importantes	5	4	3	2	1	0
13. Tarefas de casa	5	4	3	2	1	0
14. Interesses e atividades para lazer	5	4	3	2	1	0
15. Decisões sobre a carreira	5	4	3	2	1	0
	<i>Todo o tempo</i>	<i>A maior parte do tempo</i>	<i>Mais frequentemente que não</i>	<i>Ocasio- nalmente</i>	<i>Rara- mente</i>	<i>Nunca</i>
16. Quão frequentemente vocês consideraram terminar a relação de vocês?	5	4	3	2	1	0
17. Quão frequentemente você ou seu(sua) parceiro(a) deixaram a casa depois de uma briga?	5	4	3	2	1	0
18. Em geral, quão frequentemente vocês pensam que as coisas entre vocês estão indo bem?	5	4	3	2	1	0
19. Você confia em seu(sua) cônjuge?	5	4	3	2	1	0
20. Alguma vez se arrependeu de ter casado?	5	4	3	2	1	0
21. Quão frequentemente vocês brigam?	5	4	3	2	1	0

22. Quão frequentemente vocês “se alfinetam” ?	5	4	3	2	1	0
	<i>Todo dia</i>	<i>Quase todo dia</i>	<i>Ocasionalmente</i>	<i>Raramente</i>	<i>Nunca</i>	
23. Você beija seu(sua) cônjuge?	4	3	2	1	0	
24. Você e seu(sua) cônjuge se dedicam a interesses juntos?	4	3	2	1	0	

Quão frequentemente vocês se diriam que os seguintes acontecimentos ocorrem entre você e seu(sua) cônjuge? (Assinale com um X ou circule apenas uma resposta por questão)

	<i>Nunca</i>	<i>Menos de uma vez por mês</i>	<i>Uma ou duas vezes por mês</i>	<i>Uma ou duas vezes por semana</i>	<i>Uma vez por dia</i>	<i>Mais frequente</i>
25. Ter uma troca de idéias estimulante	0	1	2	3	4	5
26. Rir juntos	0	1	2	3	4	5
27. Discutir algo calmamente	0	1	2	3	4	5
28. Trabalhar juntos num projeto	0	1	2	3	4	5

Estas são coisas sobre as quais os casais às vezes concordam e às vezes discordam. Indique qual(is) dos itens abaixo causa(m) diferenças de opiniões ou são problemas na relação entre vocês nas últimas semanas (marcar sim ou não com um X).

	Sim	Não
29.		
	Estar muito cansado para o sexo	
30.		
	Não mostrar amor	

31. As marcas na linha abaixo representam graus diferentes de felicidade na sua relação. A marca do meio, “feliz”, representa o grau de felicidade da maior parte das relações. Por favor, circule a marca que melhor descreva o seu grau de felicidade, considerando todas as coisas. (Assinale com um X ou circule apenas uma resposta)

0	1	2	3	4	5	6
Extremamente Infeliz	Bastante Infeliz	Um pouco Infeliz	Feliz	Muito Feliz	Extremamente Feliz	Perfeito

32. Qual das seguintes afirmações melhor descreve como você se sente quanto ao futuro do seu relacionamento? (Assinale com um X apenas uma resposta)

() Quero desesperadamente que a minha relação dê certo e faria quase qualquer coisa para ver isso acontecer.

() Quero muito que a minha relação dê certo e vou fazer tudo o possível para isso acontecer.

() Quero muito que a minha relação dê certo e vou fazer a minha parte para isso acontecer.

() Seria bom se a minha relação desse certo, mas não posso fazer mais do que estou fazendo agora para isso acontecer.

() Seria bom se a minha relação desse certo, mas me recuso a fazer mais do que estou fazendo agora para manter a relação andando.

() Minha relação nunca vai dar certo e não há mais nada que possa fazer para manter a relação andando.

ANEXO D

ESCALA DE SATISFAÇÃO CONJUGAL (DELA COLETA, 1989)

Código do participante: _____

A seguir é apresentada uma lista de acontecimentos que você deverá ler, julgar e marcar sua resposta de acordo com as seguintes opções:

- (1) Eu gosto de como tem sido
- (2) Eu gostaria que fosse um pouco diferente
- (3) Eu gostaria que fosse muito diferente

01 – O tempo que minha mulher (meu marido) dedica ao nosso casamento	(1) (2) (3)
02 – A frequência com que minha mulher (meu marido) me diz algo bonito	(1) (2) (3)
03 – O quanto minha mulher (meu marido) me atende	(1) (2) (3)
04 – A frequência com que minha mulher (meu marido) me abraça	(1) (2) (3)
05 – A atenção que minha mulher (meu marido) tem para com minha aparência	(1) (2) (3)
06 – A comunicação com minha mulher (meu marido)	(1) (2) (3)
07 – O comportamento de minha mulher (meu marido) na frente de outras pessoas	(1) (2) (3)
08 – A forma como me pede para termos relações sexuais	(1) (2) (3)
09 – O tempo que dedica a si mesma (o)	(1) (2) (3)
10 – O tempo que dedica a mim	(1) (2) (3)
11 – A forma como se comporta quando está triste	(1) (2) (3)
12 – A forma como se comporta quando está chateada (o)	(1) (2) (3)
13 – A forma como se comporta quando está preocupada (o)	(1) (2) (3)
14 – A forma como se comporta quando está de mau humor	(1) (2) (3)
15 – A forma como minha mulher (meu marido) organiza sua vida e suas coisas	(1) (2) (3)
16 – As prioridades que minha mulher (meu marido) tem na vida	(1) (2) (3)
17 – A forma como passa seu tempo livre	(1) (2) (3)
18 – A reação de minha mulher (meu marido) quando não quero ter relações sexuais	(1) (2) (3)
19 – A pontualidade de minha mulher (meu marido)	(1) (2) (3)
20 – O cuidado que minha mulher (meu marido) tem com sua saúde	(1) (2) (3)
21 – O interesse que minha mulher (meu marido) tem pelo que eu faço	(1) (2) (3)
22 – O tempo que passamos juntos	(1) (2) (3)
23 – A forma como minha mulher (meu marido) procura resolver os problemas	(1) (2) (3)
24 – As regras que minha mulher (meu marido) faz para que sejam seguidas em casa	(1) (2) (3)

ANEXO E – APROVAÇÃO DO TRABALHO NO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

Of.CEtP/FFCLRP-USP. 016/2008-3/4/2008

Senhor(a) Pesquisador(a):

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "CONJUGALIDADE E BEM-ESTAR SUBJETIVO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA POSITIVA" foi re-analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 69ª Reunião Ordinária realizada em 2/04/2008, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 349/2007 – 2007.1.2016.59.0.

Atenciosamente,


Prof. Dra. ADELAÍDE DE ALMEIDA
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa – FFCLRP-USP

Ilustríssimo(a) Senhor(a)
FABIO SCORSOLINI COMM
ALUNO DO PROGRAMA DE Pós-Graduação em Psicologia
desta a FFCLRP-USP

c.c: Prof. Dr. Manoel Antonio dos Santos - Orientador

CEP-FFCLRP-USP - Fone: (016) 602-3653 - Fax: (016) 633-5015
Avenida Bandeirantes, 3900 - Bloco A - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)